

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*
MESTRADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO**

**O MEIO AMBIENTE NA PERCEPÇÃO DOS ASSENTADOS
PELO MST/INCRA: UM ESTUDO SOBRE OS
ASSENTAMENTOS DA ANTIGA FAZENDA ANNONI –
PONTÃO/RS**

FÁBIO ROBERTO KRZYSCZAK

**Lajeado/RS
2010**

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*
MESTRADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

**O MEIO AMBIENTE NA PERCEPÇÃO DOS ASSENTADOS
PELO MST/INCRA: UM ESTUDO SOBRE OS
ASSENTAMENTOS DA ANTIGA FAZENDA ANNONI –
PONTÃO/RS**

FÁBIO ROBERTO KRZYSCZAK

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento – Área de Concentração Espaço e Problemas Socioambientais, do Centro Universitário UNIVATES, como requisito parcial para obtenção Título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento.

Orientador: Profº. Drº. Renato de Oliveira

**Lajeado/RS
2010**

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*
MESTRADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

A Comissão Examinadora, abaixo assinado, aprova a Dissertação de Mestrado

**O MEIO AMBIENTE NA PERCEPÇÃO DOS
ASSENTADOS PELO MST/INCRA: UM ESTUDO SOBRE OS
ASSENTAMENTOS DA ANTIGA FAZENDA ANNONI –
PONTÃO/RS**

Elaborada por
FÁBIO ROBERTO KRZYSCZAK

Como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento

COMISSÃO EXAMINADORA:

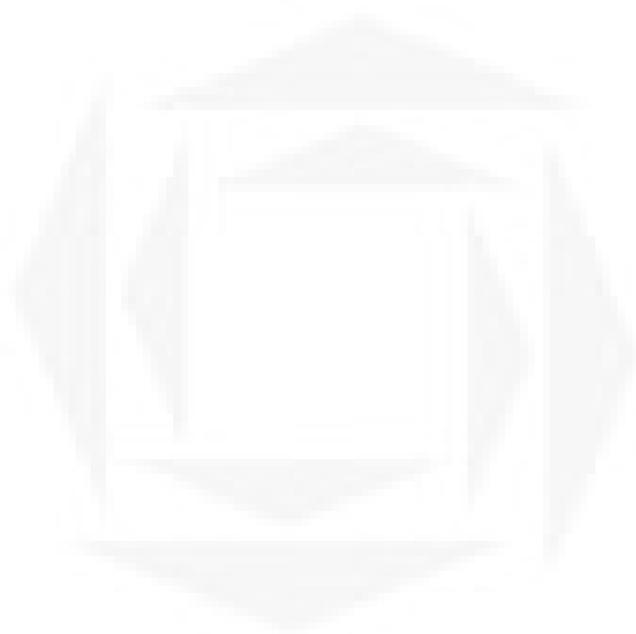
Profº. Drº. Renato de Oliveira
(Orientador)

Profº. Drº. Glauco Schultz
(Coorientador)

Profº. Drº. Cleber Cristiano Prodanov

Profª. Drª. Leonice Aparecida de Fátima Alves

Lajeado, dezembro de 2010.



UNIVATES

Aos meus pais, exemplo de honestidade, perseverança e trabalho.

As expectativas se tornaram realidade e isso graças aos esforços e sacrifícios.

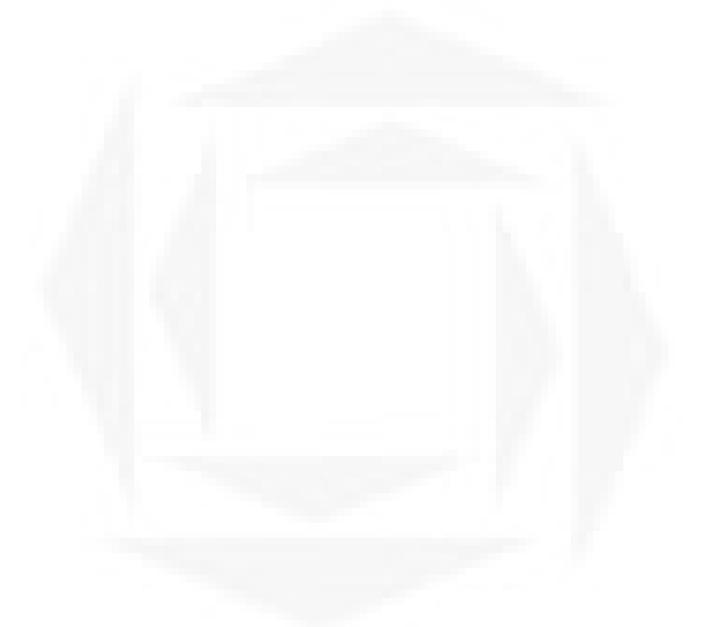
Vocês são grandes responsáveis por minhas conquistas.

Obrigado pela compreensão e estímulo em todos os momentos importantes na minha vida.

Obrigado pelo amor e dedicação em prol de mais este sonho.

AGRADECIMENTOS

Aos familiares, em especial a Fernanda e Sabrina, pelo carinho que me apaziguava nos momentos mais difíceis; a Patrícia, pelo apoio incondicional e por ter compreendido a minha ausência em inúmeros momentos; Aos amigos, em especial Gilberto, Jaqueline e Igor que depositaram em mim confiança e me auxiliaram frente às diversas dificuldades; Ao professor Dr. Renato de Oliveira pela orientação atenta, pelo carinho e incentivo no decorrer deste trabalho, por sua amizade, meu respeito eterno e gratidão; Ao professor Dr. Glauco Schultz, pela co-orientação nos trabalhos, por sua competência minha admiração; Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, pelas experiências e conhecimentos compartilhados; Aos funcionários do Instituto Educar, por toda atenção, disponibilidade e conhecimentos compartilhados comigo, em especial a professora Maria Salete Campigotto; Aos assentados que participaram da experiência realizada nos assentamentos da antiga Fazenda Annoni, tornando possível a realização deste trabalho; E as demais pessoas que de alguma forma me auxiliaram, muito obrigado pela força!



Se..., a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa.

Para mim a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida.

(FREIRE, 1980, p.35)

RESUMO

Este trabalho é direcionado ao estudo das Percepções Ambientais dos agricultores assentados da Fazenda Annoni de Pontão/RS. O estudo enfoca questões sobre o Meio Ambiente e examina quais são as relações que os assentados possuem com a natureza. O município de Pontão situa-se ao Norte do Estado do Rio Grande do Sul, sendo também conhecido como Região da Produção, e também é um dos berços da Reforma Agrária no país. A metodologia adotada para a implementação da pesquisa envolveu um estudo de caso e seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa, abrangendo oito assentamentos da Fazenda Annoni. Das 317 famílias existentes, participaram neste estudo 30 assentados. Buscamos, no desenvolver do trabalho, analisar a trajetória socioambiental dos assentados e suas relações com a natureza local, associando-as com a percepção que apresentam de meio ambiente. Para isto, foram utilizadas diferentes técnicas de coleta de dados: entrevistas individuais semiestruturadas, análises de imagens colhidas pelos próprios assentados através do uso de câmeras fotográficas descartáveis, coleta de dados bibliográficos e documentais (análise de reportagens, publicações, documentos e entrevistas que versassem sobre o tema). Por meio do estudo das Percepções Ambientais (processo participativo, envolvendo uma série de fatores sensoriais, subjetivos e valores sociais, culturais e atitudinais dos agricultores) obtivemos uma melhor compreensão sobre como se dá esta relação dentro de um assentamento de reforma agrária. Dessa forma, as reflexões, fundamentações teóricas, as análises a respeito das relações decorrentes entre o homem e o meio ambiente foram respaldadas e descritas de forma que possamos visualizar e compreender melhor essas inter-relações. Foi possível diagnosticar que os assentados possuem uma relevante percepção naturalista de meio ambiente e um grande interesse na sua conservação. Falta a eles um esclarecimento da abrangência do meio ambiente nos aspectos natural e produzido: ecológico, político, econômico, tecnológico, social, cultural e estético, ao mesmo tempo em que existe uma carência de orientação técnica e incentivos. O estudo nos possibilitou constatar que, mesmo numa região com estrutura agrária mais democrática, as vulnerabilidades ambientais persistem, possivelmente pelo fato de as estratégias de reprodução da agricultura familiar ainda estarem estreitamente associadas ao desempenho do mercado exportador de grãos. A pesquisa aponta para a necessidade de serem implementados na região, trabalhos de Educação Ambiental com viés crítico e emancipatório e programas participativos, voltados a questões ambientais. Consideramos ser esta uma condição essencial para que, em médio e longo prazo, estas Percepções Ambientais dos assentados sobre Meio Ambiente sejam aprimoradas, no sentido de que passem a perceber o meio com mais atenção e compromisso.

Palavras-chave: Percepção Ambiental. Meio ambiente. Assentamentos. Reforma Agrária.

ABSTRACT

This research is directed to the study of the Environmental Perceptions from the agriculturists settled in the Annoni Farm of Pontão/RS. The study focuses on issues on environment and examines what are the relations that settlers have with nature. The town of Pontão is located North in the Rio Grande do Sul state, being also known as the production district, for having been one of the cribs of the Land Reform in the country. The adopted methodology for the implementation of the research involved a case study and followed the presuppositions of the qualitative research, comprehending eight settlements of the Annoni Farm. Of the 317 existent families, 30 settled agriculturists participated of this study. We seek, in developing the work, analyzing the social and environmental history of the settlers and their relations with the local nature, associating them with the perception that present in the environment. For this, different techniques of data collection were used: semi-structured individual interviews, photographic analysis, bibliographic and documentary data collection (analyses on reports, publications, documents and interviews dealing with the theme. Through the Environmental Perceptions study (collaborative process, involving a series of sensorial and subjective factors and social, cultural and attitudinal values of the agriculturists), we obtained a better understanding about how this relationship develops inside a land reform settlement. This way, the reflections, theoretical foundations, the analysis regarding the relationships deriving between man and the environment were backed up and described in a way in which we can visualize and better understand these inter-relations. It was possible to diagnose that the settled agriculturists have a relevant naturalistic perception of environment and a great interest in its conservation. They lack knowledge about the range of environment in the natural and produced aspects: ecological, political, economical, technological, social, cultural and aesthetics, at the same time in which there is a lack of technical orientation and incentives. The study enabled us to verify that, even in an area with more democratic land structure, the environmental vulnerabilities persist, possibly because that the reproduction strategies of the familiar agriculture still are strictly associated to the performance of the grain exportation market. The research points to the necessity of implementation, in the area, of works on Environmental Education with critical and emancipatory bias and collaborative programs aimed toward environmental issues. We consider this condition to be essential for, in medium and long terms, these Environmental Perceptions of the settled agriculturists about the environment be perfected, in the way that they start to perceive the environment with more attention and commitment.

Keywords: Environmental perception. Environment. Settlements. Land reform.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:ESQUEMA TEÓRICO DO PROCESSO PERCEPTIVO.....	28
FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PONTÃO/RS.....	53
FIGURA 3: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE PONTÃO/RS.....	53
FIGURA 4: ASSENTAMENTO NOSSA SENHORA APARECIDA.....	58
FIGURA 5: ASSENTAMENTO SÃO MIGUEL.....	59
FIGURA 6: ASSENTAMENTO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA.....	59
FIGURA 7: ASSENTAMENTO 16 DE MARÇO (GADO LEITEIRO).....	60
FIGURA 8: ASSENTAMENTO OSVALDO CRUZ.....	60
FIGURA 9: ASSENTAMENTO SANTA BÁRBARA.....	61
FIGURA 10: ASSENTAMENTO FLORESTA.....	61
FIGURA 11: ASSENTAMENTO PASSO REAL.....	62
FIGURA 12: INSTITUTO EDUCAR.....	62
FIGURA 13: AGROVILA COOPTAR.....	63
FIGURA 14: GADO LEITEIRO COOPTAR.....	64
FIGURA 15: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	105
FIGURA 16: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	105
FIGURA 17: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	106
FIGURA 18: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	106
FIGURA 19: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	107
FIGURA 20: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	107
FIGURA 21: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	108
FIGURA 22: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	109
FIGURA 23: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	109
FIGURA 24: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	110
FIGURA 25: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	110
FIGURA 26: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	111
FIGURA 27: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS.....	111

FIGURA 28: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	112
FIGURA 29: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	112
FIGURA 30: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	113
FIGURA 31: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	113
FIGURA 32: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	114
FIGURA 33: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	114
FIGURA 34: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	115
FIGURA 35: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	115
FIGURA 36: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	116
FIGURA 37: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	117
FIGURA 38: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	118
FIGURA 39: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	118
FIGURA 40: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	119
FIGURA 41: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	119
FIGURA 42: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	120
FIGURA 43: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	121
FIGURA 44: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	121
FIGURA 45: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	122
FIGURA 46: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	122
FIGURA 47: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	123
FIGURA 48: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	123
FIGURA 49: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	124
FIGURA 50: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	125
FIGURA 51: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	126
FIGURA 52: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	127
FIGURA 53: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	127
FIGURA 54: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	128
FIGURA 55: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	128
FIGURA 56: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	129
FIGURA 57: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	131
FIGURA 58: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	132
FIGURA 59: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	132
FIGURA 60: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	133
FIGURA 61: FOTOGRAFIA AMBIENTAL PELOS ASSENTADOS	133

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: GRAU DE ESCOLARIDADE DOS ASSENTADOS DA ANTIGA FAZENDA.	45
GRÁFICO 2: GRÁFICO REFERENTE ÀS PERCEPÇÕES DOS ASSENTADOS COM RELAÇÃO AOS ELEMENTOS QUE COMPÕEM O MEIO AMBIENTE.	79
GRÁFICO 3: GRÁFICO REFERENTE A ATITUDES AMBIENTAIS DESENVOLVIDAS PELOS ASSENTADOS DA FAZENDA ANNONI.	86
GRÁFICO 4: ELEMENTOS DO MEIO AMBIENTE REPRESENTADO NAS FOTOGRAFIAS	103

UNIVATES

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: ASSENTAMENTOS DA FAZENDA ANNONI.	58
QUADRO 2: POSTURAS E PENSAMENTOS DOS GRUPOS SOCIAIS FRENTE À CRISE AMBIENTAL.	84

UNIVATES

LISTA DE ABREVIATURAS

APA:	Área de Proteção Ambiental
APP:	Área de Preservação Permanente
CDB:	Convenção sobre Diversidade Biológica
COOPTAR:	Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata
CONAMA:	Conselho Nacional de Meio Ambiente
EA:	Educação Ambiental
IBAMA:	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA:	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MMA:	Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal
MST:	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PA:	Percepção Ambiental
PNMA:	Política Nacional de Meio Ambiente
PROCERA:	Programa de Crédito Especial Para Reforma Agrária
PRONERA:	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
UNESCO:	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	MEIO AMBIENTE E PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	19
2.1	O CONCEITO DE PERCEPÇÃO.....	19
2.2	AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE E SUAS VISÕES: PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	22
2.2.1	Abordagens conceituais de Meio Ambiente.....	22
2.2.2	Percepção Ambiental: Conceitos e tendências.....	26
2.2.2.1	As estratégias para o estudo sobre Percepção Ambiental.....	30
2.3	A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO SOBRE PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA.....	33
2.4	A RELAÇÃO DO HOMEM COM O MEIO AMBIENTE: A DUALIDADE ESTÁ NO PENSAMENTO OU NA RELAÇÃO?.....	36
3	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	41
3.1	REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	41
3.2	SUJEITOS DA PESQUISA E AMOSTRAGEM.....	43
3.3	ETAPAS DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	46
3.3.1	1ª ETAPA: Constituição do Grupo de pesquisa:.....	46
3.3.2	2ª ETAPA: Diagnóstico das Percepções Ambientais dos Assentados da antiga Fazenda Annoni:.....	47
3.3.3	3ª ETAPA: Estudo das Percepções Ambientais após Processo de Diagnóstico: Análise e Interpretação dos Dados.....	50
4	UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ANTIGA FAZENDA ANNONI.....	52
4.1	LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ANTIGA FAZENDA ANNONI.....	52
4.2	CRIAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS DA FAZENDA ANNONI ..	55
4.3	CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES DOS ASSENTADOS.....	64
4.4	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NAS PROPRIEDADES.....	67
4.5	PERFIL SOCIAL DOS ASSENTADOS PELO MST/INCRA E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	71
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	74
5.1	AS PERCEPÇÕES DOS ASSENTADOS DA EX-FAZENDA ANNONI SOBRE MEIO AMBIENTE.....	74
5.2	RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA: PERCEPÇÕES E RESPONSABILIDADES COM O MEIO.....	80
5.3	PERCEPÇÃO DOS ASSENTADOS EM RELAÇÃO AS SUAS PROPRIEDADES ..	88
5.4	LEGISLAÇÃO AMBIENTAL NA VISÃO DOS ASSENTADOS DA FAZENDA ANNONI.....	95

5.5	O USO DE FOTOGRAFIAS COMO INSTRUMENTO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ASSENTADOS.....	98
5.5.1	Elementos Naturais.....	104
5.5.1.1	Elementos Naturais Físicos.....	104
5.5.1.2	Elementos Naturais Biológicos.....	108
5.5.1.3	Elementos Humanos.....	116
5.5.1.4	Elementos Construídos.....	120
5.5.1.5	Percepção negativa da imagem.....	124
5.5.1.6	Relação de trabalho com o meio ambiente.....	130
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS RECOMENDAÇÕES PARA FORTALECER A RELAÇÃO ENTRE ASSENTADOS E O MEIO AMBIENTE....	135
	Referências.....	140
	Apêndice I.....	146
	Apêndice II.....	148

UNIVATES

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa vinculada ao Programa de Pós Graduação *Strictu Sensu* Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento, linha de pesquisa Espaço e Problemas Socioambientais, é direcionada aos estudos das percepções ambientais dos assentados da antiga Fazenda Annoni de Pontão/RS.

Atualmente os temas “Desenvolvimento Local”, “Assentamentos Rurais” e “Meio Ambiente”, são elementos que devem estar interligados para a garantia da melhoria da qualidade de vida das populações.

Marques (1999) defende a ideia de que o processo de modernização da agricultura relacionado ao modelo de desenvolvimento de exclusão social adotado nas últimas décadas no país é um dos principais responsáveis pela inviabilização do desenvolvimento social da agricultura camponesa¹ e o conseqüente êxodo rural do trabalhador do campo. Para Heerdt (2000), a modernização da agricultura brasileira resultou em elevada exclusão social, gerando uma classe de assalariados rurais com baixo poder aquisitivo, com precárias condições de trabalho e altos índices de desemprego.

O INCRA (2001) nos revela que, a grande maioria dos trabalhadores rurais que hoje luta pela terra tem a sua origem relacionada com a agricultura camponesa. Reforça que os trabalhadores rurais sem terra são geralmente ex-pequenos proprietários ou filhos destes que trabalhavam na agricultura.

Em 1995, 40 mil famílias foram assentadas no país, sendo que destas, mais da metade teve sua ocupação na região norte e na parte norte da região centro-oeste. Na região sul (Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) foram assentadas pouco mais de duas mil famílias (INCRA, 2001).

¹ Entendemos agricultura camponesa aquela formada por núcleos familiares que mantêm pequenos lotes de terra em que a gestão e a realização do trabalho se concentram na família.

Este Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) contemplou, em seu programa de reforma agrária, a garantia de uma produção agropecuária voltada para acesso aos alimentos, eliminação da fome e desenvolvimento econômico e social dos trabalhadores, bem como para o desenvolvimento de tecnologias adequadas à realidade, preservando e recuperando os recursos naturais, como um modelo de desenvolvimento agrícola autossustentável (PROGRAMA DE REFORMA AGRÁRIA, 1995).

Porém, percebe-se hoje, por meio da literatura, que a situação desses assentamentos rurais é muito complexa. Um dos problemas detectados e mais discutidos pelos ambientalistas é o fato de uma grande parte destes assentamentos estarem instalados em ecossistemas frágeis ou em áreas de preservação permanente; fator este que vem a contribuir para a aceleração da degradação ambiental (FERREIRA, FERNANDEZ E SILVA, 1994). Além disso, é de supor-se que a grande maioria dos assentados, como os demais agricultores brasileiros, ainda não possuem um suporte eficiente e contínuo para o cuidado com o meio.

Cria-se, portanto, entre ambientalistas e assentados, potenciais de tensão, devido às diferenças temporais de ocorrência, expansão e afirmação dos movimentos pela terra e dos movimentos pelo cuidado do meio no Brasil.

Compreendendo a visão defendida por ambientalistas e a necessidade de subsistência dos assentados, começamos a nos questionar sobre quais eram as reais condições socioeconômicas das famílias assentadas em relação ao meio em que se encontravam, e se havia ou não potencialidade de desenvolvimento nestes locais.

Surge, portanto, o interesse pelo tema. Sentíamos a necessidade de entendermos certos aspectos que envolvem a vida destes assentados: saber da trajetória percorrida pelos mesmos, como acontecem suas alianças, quais as possibilidades de coesão e constituição de espaços de poder, bem como as relações que estabelecem entre si. Questionávamo-nos sobre como as famílias se integravam ao MST e como suas vidas seguiam desse momento em diante (como se daria a relação assentados e ambiente e quais as percepções que os mesmos traziam sobre meio ambiente).

Tais dúvidas nos levaram a optar por desenvolver este estudo na antiga Fazenda Annoni, localizada no município de Pontão, Norte do Rio Grande do Sul. Cabe a nós ressaltarmos que os assentamentos existentes na antiga Fazenda Annoni foram o berço da reforma agrária resultante da ação do MST. Salientamos também que, mesmo este local sendo considerado uma excelente região de produção agrícola, apresenta-se hoje como

uma área muito conflituosa, envolvendo os grandes proprietários de um lado e os pequenos trabalhadores agrícolas de outro.

O foco do nosso trabalho foi o de compreender a relação dos assentados com a natureza local, bem como o de analisar a percepção que possuem acerca do meio ambiente.

Segundo Chauí (2002), a percepção é uma comunicação, uma interpretação e uma valoração, a partir da estrutura de relações entre nosso corpo e o mundo. Ela envolve toda nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos, isto é, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo. Ao tratarmos de percepção, estamos envolvendo questões tanto sociais como culturais e históricas. Ela também oferece um acesso ao mundo dos objetos práticos e instrumentais, isto é, nos orienta para a ação cotidiana.

Diante da relevância que o tema traz, entendemos que o estudo da percepção que os assentados possuem sobre ambiente é de suma importância, tanto para que possamos compreender quais são os valores que eles atribuem ao meio, quanto para que consigamos compreender como se dá suas ações sobre este.

Para tal, foi necessário identificar os motivos que levaram as famílias a entrarem no MST; analisar o conhecimento dos assentados sobre o meio ambiente e a relação que possuem com ele. É nosso objetivo, também, levantar esses dados para que educadores ambientais possam se apropriar deste estudo para posterior uso em programas de Educação Ambiental (EA) para e com esses assentados.

Buscamos, portanto, através da história e da relação ambiental dos assentados pelo MST/INCRA, revelar suas origens e o processo de ocupação das áreas, os problemas enfrentados, a forma como visualizam o meio ambiente, o que fazem para preservar esse meio (como estão praticando a agricultura e a pecuária em suas áreas). Ao mesmo tempo em que pretendemos sugerir formas de relação mais harmônica entre a questão social e a ambiental, ou seja, encontrarmos alternativas de desenvolvimento que, ao mesmo tempo, conservem os ecossistemas e seus recursos.

O corpo do trabalho encontra-se estruturado em seis capítulos:

Após esta introdução, no segundo capítulo são abordadas dimensões teóricas e metodológicas sobre percepção ambiental e meio ambiente, trazendo os subsídios teóricos necessários à análise dos dados, e revelando os principais protagonistas da teoria sobre percepção, com suas respectivas tendências.

O capítulo três apresenta os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa efetuada, trazendo o referencial metodológico, caracterização dos sujeitos, instrumentos e coleta de dados, bem como, a interpretação e o tratamento dos dados.

O capítulo quatro descreve o ambiente de estudo: os assentamentos da antiga Fazenda Annoni. Para a descrição desse ambiente é apresentado um estudo sobre a propriedade rural dos assentados no contexto social e ambiental; os assentamentos de reforma agrária, a criação e localização dos assentamentos da Fazenda Annoni, os aspectos socioculturais e a situação fundiária.

No capítulo cinco são apresentados os resultados da pesquisa e realizadas algumas discussões sobre as percepções dos assentados em relação ao meio ambiente. Para tal, descrevemos sobre o contato dos sujeitos envolvidos, os sentidos de meio ambiente para os sujeitos pesquisados, os elementos mais representativos do meio ambiente para os mesmos e os usos deste como propriedade.

Por último, o capítulo seis apresenta algumas considerações finais e recomendações de ações a serem realizadas nos assentamentos da antiga Fazenda Annoni, calcadas nos resultados obtidos por meio da pesquisa.

Considerando que nestes assentamentos, as famílias passaram, em função de conflitos sociais, por uma complexa relação com o meio ambiente, intervenções neste sentido se fazem necessárias, em busca de uma sustentabilidade, que seja construída através de bases portadoras de visões sistêmicas da realidade local, na qual se possa analisar de forma participativa esses conflitos e suas relações com o meio ambiente.

Esperamos que os dados aqui apresentados sirvam de subsídio para futuros trabalhos a serem desenvolvidos na localidade, ou seja, que o estudo facilite a escolha de formas mais precisas em que a educação ambiental possa auxiliar na sensibilização e cognição dos sujeitos-atores quanto às questões ambientais. Por meio das reflexões sobre os resultados da pesquisa, também objetivamos fornecer algumas considerações que possam contribuir para que possíveis ações embasadas em programas de EA sejam implementadas na região.

2 MEIO AMBIENTE E PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Neste capítulo apresentaremos um panorama geral sobre a teoria da percepção ambiental, realizando uma abordagem minuciosa sobre a conceituação de meio ambiente, estratégias para estudos de percepção ambiental e uma discussão sobre a relação do homem com o meio ambiente.

2.1 O CONCEITO DE PERCEPÇÃO

O termo percepção possui uma considerável diversidade de significados por conta de sua relação com variadas áreas do conhecimento (RIBEIRO et. al., 2009). Tendo sua origem do latim *perceptio*, é definido, em linhas gerais, como o ato ou efeito de perceber; a combinação dos órgãos sensoriais no reconhecimento de um objeto ou conjunto de elementos do ambiente; recepção de um estímulo; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual (MARIN, 2008).

Uma das primeiras ciências a descrever o termo percepção como sendo o conjunto de processos pelos quais reconhecemos, organizamos e entendemos as sensações recebidas dos estímulos ambientais foi a Psicologia Cognitiva. No entanto, por encontrarem-se teorias sobre percepção em diversas áreas, esta assume diferenciados enfoques (STERNBERG, 2000).

Segundo Davidoff (1983), a percepção define-se como o processo de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos (sensações) para desenvolvermos a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos. A percepção implica interpretação. Nossos sentidos podem ser considerados como nossas janelas para o mundo.

Para os seres humanos, a percepção é uma atividade flexível, ou seja, no curso da vida diária, elas se adaptam continuamente ao meio que as cerca. A motivação pessoal, as

emoções, os valores, os objetivos, os interesses, as expectativas e outros estados mentais influenciam o que as pessoas percebem.

Chauí (2002) afirma que existem diferentes correntes que buscam explicar as sensações e, conseqüentemente, a origem das percepções. Para isso, por muito tempo a tradição filosófica utilizou duas grandes concepções: a empirista e a intelectualista.

Para os empiristas, a sensação e a percepção dependem das coisas exteriores, isto é, são causadas por estímulos externos que agem sobre nossos sentidos. Cada uma das sensações seria pontual e independente, cabendo à percepção unificá-las e organizá-las numa síntese. Nesta linha de pensamento, a causa primordial do conhecimento sensível é externa, de modo que a sensação e a percepção são efeitos passivos de uma atividade dos corpos exteriores sobre nós. O conhecimento é obtido por soma e associação das sensações na percepção, que estará, ao mesmo tempo, relacionado à frequência / repetição / sucessão dos estímulos e também de nossos hábitos.

Os intelectualistas defendem que a sensação e a percepção dependem do sujeito do conhecimento, sendo que os estímulos externos são apenas a ocasião para que tenhamos a sensação ou a percepção. Nesse caso, o sujeito é ativo e o externo é passivo. A passagem da sensação para percepção é vista como um ato realizado pelo intelecto do sujeito do conhecimento, que confere organização e sentido às sensações.

Conclui-se que, para os empiristas, a sensação conduz à percepção como uma síntese passiva, isto é, que depende do objeto exterior e as ideias são provenientes das percepções. Para os intelectualistas, a sensação conduz à percepção como síntese ativa, isto é, que depende da atividade do entendimento; a sensação e a percepção são sempre confusas e devem ser abandonadas quando o pensamento formula as ideias puras.

Uma terceira corrente, mais recente, abrange a condição fenomenológica da percepção. Os fenomenologistas entendem que o indivíduo interpreta e apoia suas ações a partir das experiências vividas e do seu conhecimento. Esta corrente configura-se contra o empirismo uma vez que a sensação não é um reflexo pontual ou uma resposta físico-fisiológica a um estímulo externo também pontual; contra o intelectualismo, visto que a percepção não é uma atividade sintética feita pelos pensamentos sobre as sensações e, contra as duas tradições filosóficas em consonância. Não há, portanto, diferença entre sensação e percepção – é um todo de complexa relação e significação (CHAUÍ, 2002).

A corrente fenomenológica considera a intencionalidade da consciência humana e se preocupa em descrever, analisar e interpretar os fatos que acontecem, propondo a não separação entre sujeito e objeto. Desta forma, o objeto deixa de ser meramente externo,

tornando-se então um agrupamento de aspectos perceptivos e funcionais, onde se considera importante a relação entre objeto e aquele que o percebe (RIBEIRO et al., 2009).

Merleau-Ponty (2006) considera a fenomenologia como o estudo das essências: a essência da percepção, a essência da consciência; mas também a considera como uma filosofia que vê o homem num mundo que já existe antes da reflexão. Propõe o retorno às “coisas mesmas”, mas estas vistas como parte de um mundo vivido, experienciado, que constitui um mundo do irrefletido, sobre o qual se constroem as ciências.

Segundo Merleau-Ponty (1990, p. 24), a *Gestalt* “é uma organização espontânea do campo sensorial que faz depender os pretensos ‘elementos’ do ‘todo’ articulados em todos mais extensos”. Não se pode ter conhecimento do todo através das partes, e sim das partes através do todo e só através da percepção da totalidade é que a razão pode decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito (MARIN, 2008).

Ao referir-se sobre percepção, a filósofa Chauí destaca que este ato sempre se realiza por perfis ou perspectivas, isto é, nunca podemos perceber de uma só vez um objeto, pois somente percebemos algumas de suas faces em cada momento. Entretanto, no pensamento, nosso intelecto compreende o todo de uma ideia de uma só vez e por inteiro, isto é, captamos a totalidade do sentido no imediato, sem precisar examinar ou ver cada uma de suas “faces” (CHAUÍ, 2002).

Contudo, salientamos que as percepções diferenciadas não podem ser consideradas erradas ou inadequadas, mas são percepções condizentes com o espaço e o tempo vivido. O espaço vivenciado é que será refletido nas percepções e esse parâmetro justifica porque cada um tem uma percepção diferente sobre um mesmo ponto ou objeto observado.

Em nosso entender, os estudos de percepção devem considerar aspectos psicológicos, cognitivos e culturais para interpretar a visão de mundo de cada indivíduo. A cultura² é o fator que mais interfere na interpretação e na elaboração de percepções pelas pessoas, sendo que, muitas vezes, elas podem mudar de percepção sobre determinado conceito, influenciadas por estímulos que recebem da sociedade em que estão inseridas.

No momento em que recebe estímulos externos, o cérebro não funciona apenas como um produtor de representações e percepções, mas ele coordena movimentos elaborados em resposta a estes estímulos. Assim, a mente não recebe passivamente as sensações captadas pelos sentidos. Os mecanismos cognitivos (motivações, humores,

² Cultura é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade (TYLOR, 1964).

conhecimentos prévios, necessidades) na mente do sujeito agem de forma ativa na construção da realidade percebida.

Considera-se, portanto, que através da percepção são estabelecidas as relações de afetividade do indivíduo para com o meio. E, por meio da formação de laços afetivos positivos, pode acontecer a modificação de valores atribuídos por cada pessoa.

2.2 AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE E SUAS VISÕES: PERCEPÇÃO AMBIENTAL

O meio ambiente é percebido de diferentes formas pelos indivíduos, essa heterogeneidade de percepção é resultado do modo como nos interagimos com ele. Por isso, apresentamos alguns subsídios para entendermos as diferentes concepções ambientais.

2.2.1 Abordagens conceituais de Meio Ambiente

Doutrinariamente não há, entre os especialistas, unanimidade sobre o conceito de meio ambiente. Em sentido lato, significa lugar, recinto ou sítio dos seres vivos e das coisas. Em sentido estrito, representa a combinação de todas as coisas e fatores externos ao indivíduo ou população de indivíduos, constituídos por seres bióticos e abióticos e suas relações e inter-relações.

No sistema jurídico brasileiro foi a Lei 6938/81, que trata da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), que definiu o conceito de meio ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e infra-estrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 1981, p.01). Além do conceito apresentado pela PNMA, apenas a ISO 14001:2004³ ousou fazer uma definição sobre meio ambiente: “circunvizinhança em que uma organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora fauna, seres humanos e suas inter-relações” (BRASIL, 2004, p.01).

³ A ISO 14001 é uma norma internacionalmente reconhecida que define o que deve ser feito para estabelecer um Sistema de Gestão Ambiental (SGA) efetivo. A norma é desenvolvida com objetivo de criar o equilíbrio entre a manutenção da rentabilidade e a redução do impacto ambiental; com o comprometimento de toda a organização.

A terminologia que tem sido adotada no Brasil é a da PNMA, que contempla todo o conjunto de bens, naturais ou não, produzidos pelo homem e que o afetam de algum modo em sua existência. O conceito de meio ambiente não serve apenas para designar um objeto específico, mas, de fato, uma relação de interdependência que deriva, necessariamente, do homem, por estar com ele relacionada.

A abrangência do meio ambiente já havia tomado dimensões maiores com a Constituição Federal de 1988, que trata do meio ambiente em diversos dispositivos, além de possuir um capítulo específico sobre o tema. Em vista disso, a doutrina brasileira de direito ambiental passou, com fundamentação constitucional, a dar ao meio ambiente o maior número de aspectos e de elementos envolvidos. Com base nessa compreensão holística, SILVA (2000, p.20) conceitua o meio ambiente como a "interação do conjunto de elementos naturais, artificiais e culturais que propiciem o desenvolvimento equilibrado da vida em todas as suas formas".

Para Arthur Migliari (2001, p.40) o meio ambiente é a "integração e a interação do conjunto de elementos naturais, artificiais, culturais e do trabalho que propiciem o desenvolvimento equilibrado de todas as formas, sem exceções. Logo, não haverá um ambiente sadio quando não se elevar, ao mais alto grau de excelência, a qualidade da integração e da interação desse conjunto".

Embora a legislação brasileira não mencione os aspectos sociais do meio ambiente, ela definiu o meio da forma mais ampla possível, fazendo com que este se estendesse à natureza como um todo de um modo interativo e integrativo. Com isso a lei deu uma ideia bem abrangente deste termo, de maneira que cada recurso ambiental passou a ser considerado como sendo parte de um todo indivisível, com o qual interage constantemente e do qual é diretamente dependente.

Como afirma o físico Fritjof Capra (1988), trata-se de uma visão sistêmica que encontra abrigo em ramos da ciência moderna, a exemplo da física quântica, segundo a qual o universo, como tudo que o compõe, é composto de uma teia de relações em que todas as partes estão interconectadas.

Na seara das ciências biológicas e naturais o meio ambiente é visto sob um aspecto voltado mais para o natural. Por exemplo, para Dashefsky (2001), meio ambiente são todos os componentes vivos ou não, assim como todos os fatores que existem no local em que um organismo vive. As plantas, os animais, as montanhas, os oceanos, a temperatura e a precipitação, tudo faz parte do meio ambiente.

Guimarães (2006, p.13) salienta que: “Meio Ambiente é um conjunto complexo como uma unidade que contém a diversidade em suas relações antagônicas e complementares de forma muitas vezes simultânea”.

O termo meio ambiente também é constantemente utilizado nos meios de comunicação, discursos políticos, livros didáticos e outros. Apresentando grande diversidade conceitual, possibilitando diferentes interpretações, às vezes influenciadas pela vivência de cada um e até por informações da mídia (REIGOTA, 1991 apud MAROTI; SANTOS, 2004).

A palavra “meio” para a concepção de Dias (2000) designa o ambiente mais abrangente, sua composição depende da interação dos processos bióticos, antrópicos, econômicos e ecológicos. É condição essencial à vida, à sobrevivência, que os organismos não se dissociem das circunstâncias que os cercam. O ser vivo não é um ser independente, é peça de uma grande máquina e só existe estando associado às demais peças.

Ainda, podemos caracterizar o meio ambiente quanto ao seu aspecto natural, artificial, cultural e do trabalho. Entendemos que essa classificação possui uma finalidade didática para demonstrar a abrangência do meio ambiente, visto que por definição ele é unitário.

Através do estudo fenomenológico da teoria e da prática em educação ambiental, Sauv  (1996) e Sauv  et alii (2000), identificam sete representa es paradigmáticas sobre o ambiente: ambiente como natureza, como recurso, como problema, como meio de vida, como sistema, como biosfera e ambiente como projeto comunitário. Abaixo faremos uma breve descri o dessas concep es:

O ambiente como natureza   aquele percebido de forma original e “puro”, do qual os seres humanos estão dissociados e no qual devem aprender a relacionar-se. As palavras chave e imagens que vêm   mente são “meio natural”, “ rvores”, “plantas”, “animais”, “cachoeiras”, etc. A natureza   como uma catedral, um monumento, que devemos admirar e respeitar. Segundo Sauv  (1996), nesta percep o o problema identificado para a EA   a dissocia o do ser humano da natureza. Para este propósito, a EA deve promover estratégias de imersão na natureza, renovando, deste modo, os laços com a mesma, desenvolvendo um sentimento de pertencimento, de admira o e de respeito pelo meio natural. As sa idas de interpreta o são estratégias de EA, que permitem a imersão do ser humano no meio natural.

O ambiente percebido como recurso   aquele que precisa ser gerenciado/administrado. Nesta  tica, os recursos naturais ( gua, ar, solo, fauna, bosque, enfim, o patrim nio natural), limitados e degradados, são percebidos como nossa herança

coletiva biofísica, que sustenta a qualidade de nossas vidas. Neste caso, a EA deve ajudar o ser humano a aprender a manejar/gerenciar o meio ambiente (recursos) para alcançar o desenvolvimento sustentável. Entre as estratégias de ensino-aprendizado adotadas nessa visão, estão as campanhas de economia de energia, recuperação e reciclagem e as auditorias ambientais do meio de vida.

Muitas pessoas, ao se referirem a meio ambiente, o classificam como problema, gerado pela crescente urbanização, industrialização acelerada, monocultura, modos de vida e hábitos de consumo da população vinculados ao tipo de desenvolvimento vigente. Tais atividades vêm sendo apontadas como responsáveis por catástrofes ambientais, rompendo com as dinâmicas ecológicas naturais.

O ambiente como meio de vida é visto como algo que precisamos conhecer e organizar. É o nosso ambiente cotidiano (a escola, a casa, o bairro, o lugar de trabalho, etc.), envolvendo os aspectos naturais e culturais, bem como os vínculos entre estes.

O ambiente entendido como sistema nos remete à ideia de espécie, população, comunidade biótica, ecossistema, equilíbrio ecológico, relações ecológicas, relações ambientais. Em função das inter-relações do meio ambiente, a vida é possível no planeta.

A concepção de ambiente como biosfera foi provocada pela globalização do mercado, pela informação e também pela percepção sobre as inter-relações dos fenômenos ambientais locais e globais, o organismo *Gaia*. Ao tratar o ambiente como biosfera, a EA desenvolve uma visão global, ampla de meio ambiente, que considera as inter-relações entre o local e global, entre o passado, o presente e o futuro, deste modo contribuindo no desenvolvimento de uma consciência planetária, de um pensamento cósmico.

O ambiente visto como projeto comunitário é entendido como algo com o qual precisamos nos comprometer. Nesse enfoque, o ambiente faz parte da coletividade humana, é o lugar dividido, o lugar político, o centro da análise crítica. Pelo individualismo e falta de compromisso com a própria comunidade, o ambiente clama pela solidariedade, pela democracia e pelo envolvimento individual e coletivo.

As concepções apresentadas acima podem ser consideradas em uma perspectiva sincrônica, pois coexistem e podem ser identificadas nos diferentes discursos e práticas; mas também podem ser consideradas diacronicamente, porque são resultados da evolução histórica (SAUVÈ, 1996).

Para Sato (2002, p.12), “não existe o ‘certo’ ou ‘errado’”. São apenas concepções sobre o mundo, as quais podem manter diálogos ou buscar interface, e uma pessoa pode utilizar uma técnica ou outra, através da ação e da reflexão”.

Conforme Reigota (1991) é necessário conhecer as concepções das pessoas envolvidas sobre meio ambiente, pois só assim será possível realizar atividades de educação ambiental.

Portanto, quando se fala em classificação do meio ambiente, na verdade não se quer estabelecer divisões separatistas ou estanques do meio ambiente, até porque, se assim fosse, estaríamos restringindo a sua abrangência. Mas para que a sociedade tenha consciência desta abrangência é que se faz tal classificação, ou seja, não estamos pretendendo fazer uma conceituação e divisão do conceito de meio ambiente. Ao contrário, apenas almejamos dizer que as percepções de meio ambiente podem se processar sob os diversos ângulos que o meio admite existir.

2.2.2 Percepção Ambiental: Conceitos e tendências

De acordo com Oliveira (2002), o meio ambiente, seja ele qual for, é definido conforme a percepção que cada sujeito faz da realidade que o cerca. Então, se há uma diversidade de conceitos de meio ambiente – partindo-se da ideia de que este é construído culturalmente por diferentes “visões” no plano cultural e histórico – da mesma forma, também há uma multiplicidade de conceitos de Percepção Ambiental.

Percepção Ambiental pode ser definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo. A percepção de cada indivíduo é um processo pessoal. Contudo, sabemos que o indivíduo não age isoladamente num determinado ambiente, mas de forma coletiva, uma vez que faz parte de um grupo com comportamento e características semelhantes.

Ianni, (1999) utiliza o conceito de Percepção Ambiental como significando, em primeiro lugar, a representação que uma população tem sobre o seu ambiente. A esse sentido agregam-se termos como valores, identidades, interpretações sobre as relações e conhecimentos acumulados nos processos vitais.

A percepção está diretamente ligada à forma como estamos ou não ligados ao meio. O ser humano integra-se ao ambiente através da experiência, procurando conhecê-lo e aprendendo formas de ação para seu uso, sua valorização e, quando necessário, para assumir atitudes em relação a ele. Nessa interação, as pessoas tomam atitudes, ou ainda adotam condutas que espelham seus interesses, valores e a visão do contexto em que se

inserir (XAVIER, 2007). Portanto, diagnosticando a forma como se dá tal relação, torna-se mais fácil a escolha por métodos mais eficazes quando temos a pretensão de desenvolver trabalhos de EA com grupos específicos.

As teorias que enfocam os estudos de percepção entendem claramente que duas pessoas não enxergam a mesma realidade, nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação ou têm as mesmas visões do meio ambiente. No entanto, não se pode desconsiderar que, por mais específicas que sejam as percepções de indivíduos e grupos sobre o meio, como membros da mesma espécie, existem limitações ao ver os objetos e os fenômenos da realidade de certa maneira. Assim, também há a possibilidade de várias pessoas compartilharem percepções comuns por viverem em um mesmo local, ou melhor, por estarem em um mesmo contexto sociocultural por partilharem dos mesmos conceitos, princípios e pressupostos paradigmáticos (TUAN, 1980), e por possuírem órgãos sensoriais comuns (OKAMOTO, 2002).

Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultados das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa (FERNANDES, SOUZA, PELISSARI, 2004).

Ao referir-se sobre questões ambientais e perceptivas, Alirol (2001, p.25) reforça a opinião defendida por Coelho, citando que “diferentes atores não vêem os problemas ambientais e de desenvolvimento da mesma maneira [...]. O sentimento de responsabilidade, ou a idéia que dele se faz, varia enormemente, conforme a categoria social ou profissional à qual se pertence”.

O estudo da Percepção Ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas, o que, conforme Reigota (1991) também auxilia no processo de realização de atividades e projetos de educação ambiental.

A percepção está diretamente ligada à forma como estamos ou não ligados ao meio. O ser humano integra-se ao ambiente através da experiência, procurando conhecê-lo e aprendendo formas de ação para seu uso, sua valorização e, quando necessário, para assumir atitudes em relação a ele. Nessa interação, as pessoas tomam atitudes, ou ainda adotam condutas que espelham seus interesses, valores e a visão do contexto em que se inserem (XAVIER, 2007). Portanto, diagnosticando a forma como se dá tal relação, torna-se mais fácil a escolha por métodos mais eficazes quando temos a pretensão de desenvolver trabalhos de EA com grupos específicos.

Salientamos que o tema “percepção” não é recente. Desde meados de 70 são realizadas reflexões a respeito. Em 1973 a UNESCO ressaltou a importância no desenvolvimento de pesquisas na área da Percepção Ambiental para o planejamento ambiental. Enfatiza que uma das maiores dificuldades enfrentadas na proteção de ecossistemas naturais é a existência de diferentes concepções de valores e das importâncias dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos socioeconômicos que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes. Relata sobre a necessidade dos programas de conservação a serem estabelecidos em função de percepções que populações envolvidas apresentam sobre o ambiente natural (MAROTTI, 2000).

Vivemos uma época na qual os estudos de Percepção Ambiental apresentam-se como uma ferramenta eficaz para melhor compreender as inter-relações entre o homem e o ambiente (FIORI, 2007). O esquema perceptivo desenvolvido por Del Rio (1996), explica como se dá a percepção e como sua investigação favorece a compreensão das relações homem-meio (Figura 1), o que permite identificar os fatores que contribuem para uma percepção incompatível com a sustentabilidade socioambiental.

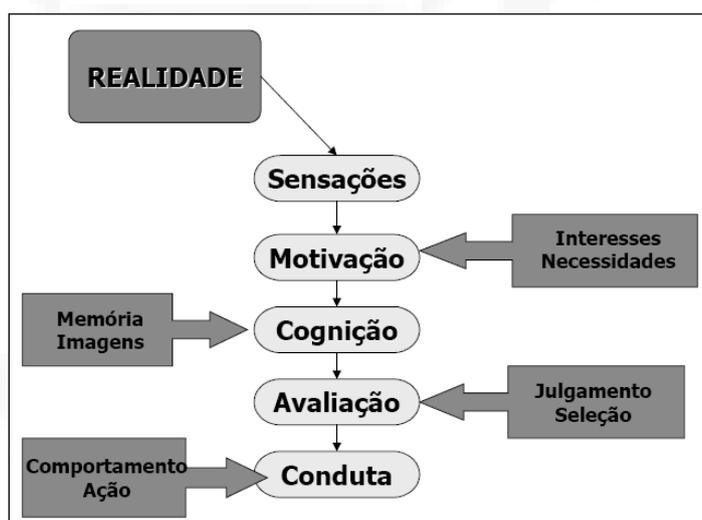


Figura 1: Esquema teórico do processo perceptivo.
Fonte: Del Rio e Oliveira, 1996, adaptado.

Del Rio e Oliveira (1996) elucidam que o sentido organizacional do ato perceptivo é estimulado pelos sentidos humanos e com estes estímulos ocorre a formação das ideias e da compreensão do mundo, norteados pelo conhecimento que possui cada indivíduo bem como seus valores éticos, morais, culturais, sociais.

Hoje, podemos dizer que existem várias teorias que trabalham com o conceito de Percepção Ambiental. Frente a isto, reforçamos a opinião de que o entendimento das formas de construção da percepção é de grande importância para que medidas como a de

projetos para EA tenham eficácia, uma vez que a percepção ocorre de formas variadas. Neste sentido, podemos citar diferentes concepções existentes dentro da percepção, nas quais, notamos certa correspondência nas apreciações, ocorrendo uma pequena diferença no que se refere à especificidade de cada autor, bem como ao apuramento científico no tratamento do assunto.

Oliveira (2002) trabalha a partir do construtivismo piagetiano⁴, propondo que a Percepção Ambiental é um processo de atribuição de significados subordinado às estruturas cognitivas, detentor de uma função adaptativa.

Sabe-se ainda, que a questão ambiental é discutida por questões ideológicas traduzidas como perspectivas biocêntricas ou antropocêntricas, preservacionistas ou conservacionistas (DIEGUES, 2001; CARVALHO, 2003).

Para Ferrara (1993), a Percepção Ambiental é definida como a operação que expõe a lógica da linguagem que organiza os signos expressivos dos usos e hábitos de um lugar. É uma explicitação da imagem de um lugar, veiculada nos signos que uma comunidade constrói em torno de si. Nesta acepção, a Percepção Ambiental é revelada mediante uma leitura semiótica da produção discursiva, artística, arquitetônica, etc., de uma comunidade.

Constatamos que, por mais adversas que sejam as nossas percepções, sempre tenderemos a percebê-las de uma forma muito rápida e circunstancial, por estarmos ligados a uma cultura e à sociedade, ou a elementos de um ambiente social e físico. Portanto, elucidar como a utilização do conceito de Percepção Ambiental tem se inserido nesses debates é uma tarefa importante para a democratização da ciência e dos saberes, e para uma reflexão sobre instrumentos que dispomos. Ao mesmo tempo em que essas discussões nos levam a descobrir o quanto estas concepções são ou não adequados para garantir a escuta aos assentados na administração dos assentamentos, visando garantir maior qualidade ambiental para todos.

⁴ Construtivismo Piagetiano é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. A ideia é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada (CARVALHO, 2003).

2.2.2.1 As estratégias para o estudo sobre Percepção Ambiental

Para cada investigação sobre a Percepção Ambiental, precisamos dispor de alternativas adequadas, levando em consideração a população a ser pesquisada, os objetivos da pesquisa e o uso dos resultados a serem obtidos. Inúmeras estratégias são utilizadas para o diagnóstico das Percepções Ambientais, tais como:

a) Entrevistas, questionários, enquetes de opiniões. De acordo com Schmitt (2007, p.30-31) as questões empregadas nestes métodos podem ser:

Questões fechadas: apresentam um número limitado de respostas pré-estabelecidas para escolha. Normalmente são empregadas quando o tema é bem conhecido e pode-se prever a resposta entre um grupo de possibilidades, o que induz à formação de categorias;

Questões abertas: permitem que o respondente exponha livremente sua resposta, principalmente quando a temática é pouco conhecida, possibilitando também um maior aprofundamento;

Questões mistas: contêm ao mesmo tempo perguntas fechadas e abertas;

Questões dependentes: estão subordinadas à resposta de outras. Conforme for a resposta dessa outra questão condicionante, faz-se ou não uso da questão dependente;

Questões escalonadas: visam a medir a intensidade de atitudes e opiniões, onde um indivíduo se manifesta dentro de uma graduação de itens pré-estabelecidos.

As entrevistas apresentam vantagens, principalmente quando a pesquisa abrange pessoas de diferentes níveis de escolaridade e diferentes faixas etárias, porque podem atingir pessoas com qualquer nível de instrução, além de: fornecerem uma amostragem muito melhor da população geral; apresentarem maior flexibilidade; o entrevistador pode esclarecer perguntas; permitem avaliar a conduta do entrevistado e, possibilitam a captação imediata da informação.

b) Fotografias, desenhos, mapas e obras de arte, imagens de lugares e paisagens como estímulos para a explicação e descrição de preferência, por parte do sujeito da pesquisa. Ao estudarmos a Percepção Ambiental por meio de fotografias, desenhos, mapas e obras de arte, devemos considerar que estes elementos podem ser utilizados como estímulo ao estudo das percepções apresentadas sobre determinado ambiente. Assim, Fiori (2006) empregou fotografias variadas, compreendendo impactos ambientais dos municípios abrangidos em sua pesquisa e buscou com estas imagens a identificação e descrição dos

riscos e impactos ambientais resultantes dos usos e ocupação do solo para os municípios estudados.

O uso das imagens fotográficas pode ser utilizado também como forma de mapas mentais, pois estes permitem compreender e interpretar como as pessoas enxergam o ambiente do qual fazem parte e como se posicionam frente aos problemas de ordem ambiental. De acordo com Oliveira (2006), os mapas mentais são a forma de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais; e, em seu sentido mais amplo, exerce a função de tornar visíveis pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade percebida, quanto sobre o mundo da imaginação.

A metodologia tradicionalmente aplicada consiste basicamente em solicitar aos sujeitos entrevistados para que façam desenhos, fruto de suas memórias espaciais do ambiente em estudo. Assim, a percepção por meio da formação e fixação de imagens chamadas de mapas mentais representa a cognição humana do espaço, servindo estas para alimentar a avaliação, adaptação e comportamento do indivíduo em relação ao meio. O uso da técnica de mapa mental procura abstrair a percepção do usuário acerca do local de estudo, ou seja, a forma como este qualifica, valoriza e se representa no espaço (GUERREIRO et al., 2005).

Schmitt (2005) ressalta que os mapas mentais permitem obter determinados dados que não seriam conseguidos por outros meios ou acabam sendo insipientes devido à dificuldade de expressá-los por esses meios.

Em se tratando das dimensões técnicas das regras científicas, Severino (1996), ressalta a importância das mesmas para a pesquisa, esclarecendo processos de definição do objeto a ser analisado, como abordá-lo e como escolher os instrumentos mais adequados para investigação; enfatiza a importância da dimensão ideológica relacionada com as escolhas do pesquisador sobre o tema: o que pesquisar - qual base teórica e, como pesquisar. Afirmamos assim, que é muito relevante a opção pessoal do pesquisador, e por mais que se busque a imparcialidade nas pesquisas, acreditamos que o conhecimento científico é sempre cultural e socialmente condicionado ao momento histórico de quem observa.

Uma das estratégias citadas por Severino (1996) é a possibilidade de análise de pesquisas sob algumas influências do positivismo, para o qual todo conhecimento humano vem da experiência e o empirismo que só vê e observa o que aparece e, ainda, sob o enfoque fenomenológico que observa as percepções dentro de uma realidade imediata, buscando o significado e os pressupostos dos fenômenos sem avançar em suas raízes históricas para explicar os significados (SEVERINO, 1996).

Os temas principais da dissertação, percepção, conduta, e meio ambiente, exigiram essa abrangência, em face da necessidade de estudarmos as diversas áreas do conhecimento para compreendermos a temática.

Salientamos que, ao trabalharmos com temas que permeiem questões ambientais, faz-se necessário desenvolvermos uma visão mais crítica sobre o tema, e para tal, busca-se a realização de trabalhos multidisciplinares, que, aliados aos estudos qualitativos, facilitam o nosso novo olhar diante das realidades apresentadas pelo grupo.

Acreditamos e defendemos a ideia de que todo trabalho de PA traz em si “uma identificação com a tradição ‘compreensiva’ ou ‘interpretativa’, retomada pelas pesquisas qualitativas” (DENCKER, 1999, p.35).

Os estudos qualitativos de Alves-Mazzotti (1998, p.131) se “caracterizam principalmente pela visão holística na compreensão das inter-relações; pela abordagem indutiva em que o pesquisador adote observações, espontâneas e livres; pela investigação naturalística na qual a interferência do pesquisador é mínima”. Essas características conferem ampla liberdade de prospecção, análise e conclusão, exigindo maior introspecção do pesquisador para o problema, desarmado de expectativas.

No campo das relações humanas fica mais nítida essa dificuldade ao se querer focar a percepção e comportamento. Neste sentido, Dencker (1999, p.35) afirma que “... as investigações partem do pressuposto que as pessoas agem em função de suas crenças e valores e que o comportamento não é facilmente interpretável, sendo preciso desvendá-lo”.

Nas ciências do comportamento e percepção, as entrevistas e os mapas mentais através de fotografias, são hoje ferramentas muito importantes, utilizadas por pesquisadores. Utilizando tais técnicas, busca-se a compreensão da ideia de interação humano-ambiente, que vem sendo analisada em estudos dos sistemas sociais em interação com seus ambientes naturais. Segundo Gudynas e Evia (1991), os postulados centrais dessa interação são de que: (i) o homem interage intensa e continuamente com o ambiente (entorno), ou seja, nem um nem outro pode ser estudado isoladamente já que os aspectos estruturais e funcionais dessa interação são determinados mutuamente; (ii) a interação entre os sistemas humanos e o ambiental é dinâmica e se desenvolve no tempo e no espaço.

Ressaltamos que ao trabalharmos com PA há necessidade de serem operacionalizados vários elementos que caracterizem de forma mais eficiente e eficaz tais percepções. Em nosso trabalho, optamos pela integração entre os vários métodos qualitativos em busca do diagnóstico da subjetividade dos sujeitos envolvidos.

2.3 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO SOBRE PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

Para tratarmos de questões que envolvem assentamentos e meio ambiente, é sempre bom conhecermos, antes de tudo, a evolução dos problemas ambientais, considerando que, as décadas de 70 e 80, foram às campeãs do desmatamento e dos conflitos pela reforma agrária no norte do Rio Grande do Sul.

Poucos estudos trazem dados consistentes referentes ao tema em foco. E isto não é diferente com relação ao local de nosso trabalho. No que se refere à questão dos problemas ambientais no município de Pontão e nos assentamentos ali existentes constatamos que não há nenhum estudo ambiental. Dessa forma por meio de uma sustentação teórico-metodológica, pretendemos obter subsídios para uma investigação que contribuísse para o entendimento do ambiente na visão dos assentados, como expressão nunca estudada no local.

Ao tratarmos de assentamentos e Percepção Ambiental, precisamos considerar duas questões fundamentais: a) A questão da propriedade da terra no Brasil, e a situação das pessoas que nela trabalham, e que é ainda hoje delicada, tendo em vista o grande número de mortes que vem ocorrendo. Isso mostra que a violência no campo ainda persiste e, certamente ainda é um dos grandes problemas da sociedade brasileira. b) A questão da degradação da natureza. Esta surge diante da falta de educação, esclarecimentos e políticas públicas para o uso sustentável do meio. O assentado ao obter o seu lote, visa, em primeiro momento, a derrubada da mata seguida da remoção do solo, e por fim, surge o tão almejado plantio. Destes processos nasce a agricultura tão sonhada por estes assentados, porém, ela muitas vezes surge sem nenhum planejamento e nem mesmo conhecimento do meio, fatores estes que acabam por degradar o solo onde os mesmos se instalam.

Neste ponto é que se fazem necessárias intervenções, por meio de trabalhos de EA, que enfatizem a importância do conhecer e do compreender o meio ambiente, a partir de uma perspectiva histórica que permita estabelecer os problemas ligados ao meio ambiente. Mesmo porque, com os avanços tecnológicos e a modernização da agricultura, os produtores geralmente não dispõem de nenhum meio de conservação, causando impactos muitas vezes irreversíveis em suas terras.

Tais intervenções buscam, primeiramente, o entendimento das concepções que os assentados possuem sobre o meio ambiente. Este diagnóstico é de fundamental importância na resolução de conflitos que envolvem o planejamento ambiental e a utilização

de recursos naturais (HOEFFEL et al., 2008). Concordamos com o pensamento de que, a pesquisa e a caracterização de concepções sobre o meio ambiente, existentes dentro de um mesmo modelo cultural, são trabalhadas de forma a auxiliar a elaboração de propostas educativas e de políticas ambientais que auxiliem na construção de sociedades sustentáveis (HOEFFEL et al., 2008).

Com relação a este fato, torna-se importante perceber as necessidades dos assentados, entender suas dinâmicas de trabalho, antes de impor algum tipo de intervenção - no sentido de adequar e controlar sua produção. Devemos ter a clareza de que, as necessidades não são necessariamente sempre as mesmas. Vários fatores interferem nas questões dos valores adotados por cada assentado, uma vez que valor é um parâmetro relativo às necessidades de cada indivíduo.

Neste sentido tornam-se necessários os trabalhos de percepção para sensibilizar, conscientizar e poder trabalhar conjuntamente as dificuldades ou dúvidas que os pesquisados possam vir a ter quando discutidas e apresentadas às questões ambientais.

Devemos levar em conta ainda, que a criação de assentamentos de reforma agrária não é garantia de uma melhor distribuição de terra, renda, justiça social e nem de conservação da natureza porque nem sempre um assentamento é trabalhado, respeitado e preservado pelos próprios agricultores que com eles tem relação direta. Na matéria ambiental, uma das principais razões que faz com que os assentados não se interesse pela conservação das suas glebas é a exigência da sociedade como um todo pela produção econômica e a falta de esclarecimento sobre a importância da preservação ambiental como de Matas Ciliares (Ripárias), Área de Preservação Permanente (APP) e Área de Proteção Ambiental (APA).

Neste sentido tornam-se necessários os trabalhos de percepção para a sensibilização e compreensão das dificuldades ou dúvidas que os pesquisados possam vir a ter quando discutidas e apresentadas questões ambientais.

Embora citada na legislação brasileira, a EA de caráter não escolar, que deve ser promovida em toda a sociedade, tem encontrado limitações em sua implantação. Em alguns casos, faltam pessoas especializadas para trabalhar projetos e atividades ambientais nos assentamentos, em outros os próprios assentados demonstram desinteresse em envolver-se na conservação e preservação do ambiente de suas propriedades (BRASIL, 1999).

Os meios de comunicação apresentam com certa intensidade as dificuldades em relação à gestão e conservação ambiental dos assentamentos e isso demonstra a necessidade de se criarem centros de capacitação para a gestão dos assentamentos,

associando conhecimentos tradicionais (culturais) aos científicos, de forma a atender às necessidades dos agricultores e implementar políticas de EA para eles. Para que estas ações estejam de acordo com os interesses da população local é preciso investigar o que elas pensam e sentem sobre o meio ambiente com o qual têm algum tipo de relação, ou seja, diagnosticar suas percepções a respeito.

As percepções dos assentados servem como embasamento no planejamento de efetivos programas de EA nestas áreas; a pesquisa e estudo das visões, significados, interpretações e usos que eles propõem para os assentamentos permite planejar as atividades que devem ser desenvolvidas para aumentar a consciência de preservação nesses locais.

Conhecer e considerar a percepção que os assentados possuem ao se pensar na gestão de um assentamento parece à maneira mais eficiente de evitar conflitos em torno da reforma agrária e meio ambiente e garantir que a opinião da população seja ouvida. Assim, identificar potencialidades, problemas e conflitos ambientais entre os assentados permite estabelecer pressupostos para elaboração de planos de trabalho, visando a uma gestão participativa de fato na reforma agrária e na criação de assentamentos.

Uma questão que hoje vem se apresentando como sendo fundamental ao sucesso dos programas de EA é a adoção de ferramentas adequadas para que cada grupo atinja o nível esperado de Percepção Ambiental. Além dos Centros de Capacitação, que avaliamos ser importantes para Gestão dos Assentados, podemos citar também os Programas que envolvem a Educomunicação, que representa uma alternativa bastante viável para democratização das informações. O termo “Educomunicação” foi utilizado pela primeira vez pelo filósofo da educação Mário Kaplún (1986) para designar a prática da leitura crítica dos meios de comunicação – e, ainda hoje, é neste sentido que o conceito é compreendido.

Tanto interna como externamente, o que a Educomunicação faz é possibilitar um novo entendimento e uma nova leitura dos saberes que, enquanto sujeitos sociais, temos construído e/ou admitido como verdadeiros e importantes para nós.

Freire (2002) defendeu a apropriação política dos instrumentos de comunicação. Para ele, não haverá educação senão dentro de uma razão comunicativa dialógica que suplante a tendência de dominação ideológica que se pratica na facilidade em reduzir-se comunicação à transmissão-extensão de informações, por melhor que seja a intenção de impor uma mudança cultural.

A nosso ver, a comunicação, na perspectiva de seu potencial educador, ressalta três qualidades da educação em geral e da EA: a do Testemunho (refere-se ao

compartilhamento de Percepções Ambientais), a da Argumentação (a possibilidade de sensibilizar e oferecer detalhes às informações fundamentais à construção do conhecimento e da gestão de conflitos) e a da Mobilização (facilitação dos processos organizativos, emulação à participação e a formação de consciência do agir coletivo, sempre a partir de sensibilizações) (BRASIL, 2005).

A comunicação implica uma criatividade semelhante a da linguagem, ou a transformação, ao desenvolvimento de um nível de conhecimento a outro: nós não podemos comunicar sem que partilhemos determinadas percepções e, estas percepções são compartilhadas e entram na nossa herança social quando elas se tornam objetos de interesse e de comunicação.

Porém, esta comunicação tem que ser trabalhada de forma tal que leve o sujeito a expor o que pensa, ouvindo o que o outro pensa, comparando argumentos, ponderando, pensando alto, acrescentado ou eliminando falas, provocando e aceitando provocações, ousando – são ações possíveis dentro de Programas de Educomunicação. Contudo, tais ações acontecem somente se os seus autores forem sujeitos suficientemente corajosos para apresentarem, defenderem e, se for necessário, alterarem seus modos de ser-pensar-agir (BRASIL, 2005).

Acreditamos sim ser através do diálogo que se propõem alternativas e soluções – e neste sentido, a proposta da EA não é simplesmente a de transmitir conhecimentos prontos, mas principalmente a de produzir conhecimento. Por isso tudo, a discussão de questões relacionadas à preservação/conservação ambiental, estrutura social, patrimônio cultural e aspectos econômicos em assentamentos de reforma agrária deve realizar-se não só em meio acadêmico, mas também no âmbito de toda a sociedade local, buscando partilhar responsabilidades na construção de um ambiente mais saudável, em todos estes aspectos.

2.4 A RELAÇÃO DO HOMEM COM O MEIO AMBIENTE: A DUALIDADE ESTÁ NO PENSAMENTO OU NA RELAÇÃO?

O conceito de natureza contém em sua essência o dualismo entre externalidade e universalidade, inter-relacionando-se e contradizendo-se ao mesmo tempo. Mas nos questionamos se é possível conceber dualisticamente uma realidade que é única?

Smith ressalta nesse sentido, que "O conceito de natureza é um produto social" (SMITH, 1987, p.33-34). Para justificar sua afirmação o autor discute a conquista do

território americano, destacando que nesse caso o conceito tinha não só a função social, mas também política, pois "a hostilidade da natureza exterior justificava sua dominação e a moralidade espiritual da natureza universal fornecia um modelo para o comportamento social" (SMITH, *idem*).

No princípio da humanidade, havia uma unicidade orgânica entre o homem e a natureza, onde o ritmo de trabalho e da vida dos homens associava-se ao ritmo da natureza. No contexto do modo de produção capitalista, este vínculo é rompido, pois a natureza, antes um meio de subsistência do homem, passa a integrar o conjunto dos meios de produção do qual o capital se beneficia.

As interações do homem-natureza foram, até hoje, movidas de um lado pela busca constante de recursos e de outro, pelas dificuldades ou facilidades que a natureza oferece a esses desejos. Desse modo, o estudo das interações homem-natureza pode ser direcionado, como propôs Mukhina (1979) citado por Guidugli (1985), para três aspectos básicos: o meio ambiente físico, a população e a economia.

O meio ambiente físico tem sido alvo, ao longo da história da humanidade, de uma série de transformações que se mostram, com relativa frequência, desastrosas para ambos - homem e natureza. Sendo para a natureza, quando essa é intensa e extensivamente agredida em seus elementos constituídos, alcançando alguns deles a destruição completa.

Neste sentido, podemos dizer que, o crescimento demográfico é considerado, por muitos, como um dos fatores essenciais aos danos causados ao patrimônio natural (NOIN, 1979). Na verdade, não só em termos de utilização dos recursos, mas de ocupação de espaço, de agressão do meio ambiente e mesmo de ameaça a outras espécies (uma população em crescimento acelerado é suficiente para comprometer todos estes aspectos). É relevante lembrar, no entanto, que a ameaça do crescimento demográfico surge não apenas como valores numéricos por ele apresentado, mas, também, pelos atributos sociais que manifesta.

De qualquer maneira, o crescimento demográfico não pode ser excluído como fonte de problemas. Ao lado desse fator, Guidugli propõe a inclusão do crescimento econômico como elemento fundamental na discussão da questão, citando que: "A causa primordial dos problemas ambientais é o crescimento econômico e demográfico". (GUIDUGLI, 1985, p.132).

Podemos ainda acrescentar a esses dois fatores, o desenvolvimento tecnológico que, se de um lado orienta uma considerável diversidade de atividades econômicas, de outro se reflete na história de uma região em espaço e tempos diferentes. Os meios

utilizados pelo homem para ocupar, organizar e ordenar o espaço são também responsáveis pelos diferentes níveis de alteração por ele sofridos. Em última instância, o conjunto de alterações exibido pelo meio ambiente resulta, quase sempre, de combinações, as mais diversas possíveis apresentadas por ele próprio, pela população, pela economia e pela tecnologia.

Como exemplo, podemos citar o problema ecológico no Brasil, que é uma das maiores preocupações da humanidade, haja vista a sua importância que teve a “Eco 92”, ou “Rio 92”, onde participaram políticos, cientistas, pesquisadores, professores e estudantes para discutir os problemas ambientais. Ou seja, sobre a qualidade de vida de todas as pessoas do planeta.

É fato de que, hoje, a relação entre o homem e o ambiente está bem definida, o homem é parte integrante dele, e suas peculiaridades de animal racional o dotam de meios para submeter, em larga parcela, a natureza, que só na aparência lhe é externa, porém na verdade, lhe é inerente.

No entanto, apesar desta intimidade territorial e da clara definição, já existente, entre homem e natureza, não é de hoje que ouvimos falar das grandes ameaças que o planeta vem sofrendo por conta da interferência direta do ser humano no meio, com fins na extração de recursos naturais, matéria-prima e pela obtenção de alguma vantagem.

O que justifica tal dualidade é a ocorrência de uma mudança na visão-de-mundo do homem no decorrer da história e, por consequência, de sua ação no meio natural, uma vez que a natureza não está dissociada da história da humanidade nem tampouco das manifestações culturais que a cerca, se entendermos por cultura, grosso modo, a intervenção humana no que é natural.

Tais mudanças geram avanços no conhecimento científico sobre a dinâmica ecossistêmica, que por sua vez, trazem consigo a ocorrência de acidentes ambientais, a crise energética e a conquista de espaços políticos pelo movimento ambientalista. Toda esta expansão do modelo de crescimento econômico e os efeitos desagregadores sobre os ecossistemas naturais nos fazem repensarmos sobre questões inerentes a produção, hábitos e consumo.

A essência desta situação nos remete a um novo olhar da EA, apontando a Gestão Ambiental como um dos caminhos promissores que buscará, por meio de seus princípios, conciliar desenvolvimento com a sustentabilidade dos sistemas ambientais, através de uma relação direta entre ambos.

Devemos ter a clareza de que, não conseguiremos grandes resultados com repressões diretas às pessoas que, de certo modo, não desenvolvem atitudes sustentáveis com o meio. Como afirma Diegues, “Mais do que repressão, o mundo moderno necessita de exemplos de relações mais adequadas entre homem e natureza”. (DIEGUES, 1996, p.97).

Ao desenvolvermos trabalhos com pessoas que estão diretamente ligadas ao meio e, que dele necessitam para a sobrevivência, devemos, por meio da participação, do diálogo, de estudos, atuar como catalisadores de processos educativos que respeitem a pluralidade e a diversidade cultural; fortaleçam a ação coletiva e organizada; articulem aportes de diferentes saberes e fazeres e, proporcionem a compreensão da problemática ambiental em toda a sua complexidade.

Precisamos buscar meios eficientes para mantermos o homem conectado ao meio do qual ele faz parte, porém, existe a necessidade de que esta conexão aconteça de forma sustentável e equilibrada.

Quintas e Gualda (1995) definem meio ambiente como o fruto do trabalho dos seres humanos, conectando o meio natural ao social. Os autores esclarecem que no processo de transformação deste meio são criados e recriados modos de relacionamento da sociedade entre si e com a natureza, sendo esta ação realizada por sujeitos sociais diferentes e estando condicionada à existência de interesses individuais e coletivos, que muitas vezes podem até ser opostos e devido a isto, requerem processos metodológicos oferecidos pela Gestão Ambiental.

Graças aos trabalhos realizados por educadores ambientais, com auxílio da EA, Comunicação Ambiental e Gestão Ambiental, hoje, os humanos estão começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades. Tem-se, portanto, uma melhor compreensão sobre a importância dos recursos, da biodiversidade e dos ambientes que esta depende para sua continuidade.

Temos ciência de que o homem é, sem dúvida alguma, a espécie dominante do planeta. Além de ser uma criatura muito complexa, com seus atos praticados, está constantemente desafiando e alterando o meio ambiente. Assim, compreendemos que tais efeitos sobre o equilíbrio natural devam ser entendidos, e mesmo com o avanço tecnológico, devemos procurar ações menos ofensivas e mais sustentáveis ao meio.

Também sabemos que os trabalhos em EA nem sempre resultam em mudanças imediatas, ou seja, os resultados de sensibilização e conscientização podem ser percebidos apenas a médio e também longo prazo. Devido a isto, apesar de todo alerta e trabalhos até então já realizados, ainda há o descaso de muitos com relação a certos cuidados tidos como

fundamentais quando nos referimos ao meio ambiente. Estes atos ocorrem muitas vezes por desconhecimento entre causa-efeito ou, por vezes, tais atitudes são regidas pela ganância do homem, que vive constantemente na busca irresponsável dos recursos naturais, ou seja, a ambição do lucro crescente tem marginalizado os recursos em detrimento da qualidade ambiental de seu próprio espaço.

Os resultados negativos da interação homem-natureza, gerados no processo de uso e ocupação do solo, são observados facilmente em todas as regiões do Brasil e também nos assentamentos rurais para reforma agrária.

O território brasileiro vem sendo depredado e devastado desde quando foi ocupado pelos portugueses e posteriormente pelos outros povos. O Brasil possuía uma das maiores extensões florestal do mundo, mas que no processo de povoamento e de ocupação procedeu a derrubada impiedosa, a ação devastadora que não poupava nem as reservas de matas, despindo os solos da vegetação, e a proporção que as técnicas agrícolas foram evoluindo, as florestas foram rareando.

Estes tipos de problemas ambientais também são visíveis nos assentamentos de Pontão, que segundo os assentados já na época da ocupação da Fazenda Annoni apresentavam características de degradação, como assoreamento dos rios e solos devastados.

A ação devastadora do equilíbrio ambiental ocorre com maior ou menor intensidade em todo o território nacional, provocando a destruição da flora e da fauna. Entretanto, hoje a sociedade esta começando a proteger com mais intensidade o meio ambiente e isto, deve-se a um conjunto de medidas em prol ao meio: legislação, políticas públicas e tratados de educação ambiental.

Porém, apenas leis não bastam para percebermos as mudanças almejadas, fazem-se necessários investimentos na área da educação, ou seja, que surjam mais trabalhos e pesquisas desenvolvidos em EA, com foco no despertar de uma consciência mais crítica, emancipatória, que traga ao indivíduo o empoderamento necessário para que consiga desenvolver ações imediatas no sentido de minimizar os conflitos ambientais.

Faz-se necessário, portanto, reflexões e reformulações de atitudes e programas governamentais e empresariais, assim como, de que a sociedade civil se conscientize da importância de sua participação na solução dos grandes problemas que as atingem.

3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Na presente pesquisa se optou por diferentes técnicas para subsidiar uma boa interpretação da percepção ambiental dos assentados. Por isso, agora apresentamos as formas que conduzimos os trabalhos, os sujeitos envolvidos e as etapas de todo este processo.

3.1 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Esta pesquisa trata do estudo das Percepções Ambientais dos agricultores assentados da Fazenda Annoni de Pontão/RS, enfocando questões sobre o Meio Ambiente e examinando quais são as práticas que os mesmos adotam para o manejo e a conservação do meio.

Tanto a coleta de dados como as análises tiveram como recomendação os pressupostos que estão presentes e que fundamentaram as chamadas abordagens quanti-qualitativas. A pesquisa foi desenvolvida por meio de abordagem qualitativa, que, segundo Neves (1996), caracteriza-se por permitir o redirecionamento das atividades durante seu processo e pela interação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa. Ela também se constituiu em um estudo de caso, que segundo Triviños (1987), tem por finalidade o aprofundamento da descrição de determinadas realidades.

Entendemos ser a escolha da metodologia um aspecto fundamental à obtenção de resultados significativos em uma pesquisa. A metodologia é um caminho que dá à investigação científica o rigor necessário para garantir-lhe relevância científica e, ao mesmo tempo, seguindo a natureza das pesquisas em EA, garantirem-lhe também relevância social (TOZONI-REIS, 2007).

Revisando as abordagens acerca dos paradigmas de pesquisa, encontramos discursos favoráveis tanto em torno de pesquisas quantitativas como em relação às qualitativas. Porém, em se tratando de EA, antes de se fazer a escolha entre os referidos métodos há necessidade de se estar ciente dos objetivos as quais a pesquisa se propõe. Mas o que difere um método de outro?

As pesquisas qualitativas fazem emergir aspectos subjetivos, atingem motivações não explícitas, ou mesmo não conscientes, de forma espontânea (TRIVIÑOS, 1987). Ela não se preocupa com uma representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. A pesquisa qualitativa engloba, dentre outros aspectos, a obtenção de dados descritivos, enfatiza mais o processo do que o produto e considera os diferentes pontos de vista dos participantes (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

Na pesquisa qualitativa são estudadas questões que se tornam mais difíceis de serem quantificadas, pois se tratam de sentimentos, motivações, crenças, sonhos e atitudes individuais que movem o ser humano. Diferente de dados que são coletados em pesquisas classificadas como quantitativas.

As pesquisas quantitativas testam, de forma precisa, as hipóteses levantadas para a pesquisa e fornecem índices que podem ser comparados com outros (DIAS, 2000). Elas são planejadas para gerar medidas precisas e confiáveis que permitem uma análise estatística.

Sabemos que até hoje, em se tratando de pesquisas, ainda encontramos no meio científico estes dois grandes “divisores de águas”: a pesquisa qualitativa e a quantitativa. Também temos a ciência de que existem diferenças fundamentais entre ambas, porém, não se exclui a possibilidade de serem utilizadas as duas em combinação. Enquanto a abordagem quantitativa gera visão realista e objetiva, a qualitativa traz a visão idealista e subjetiva.

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular (GOLDENBERG, 2007). De acordo com Richardson (1999 apud SCHMITT, 2005), os aspectos qualitativos de uma investigação podem estar presentes até mesmo nas informações obtidas por meios quantitativos. Por isso, temos uma perspectiva de complementaridade de informações ao empregarmos a abordagem qualitativa como metodologia e um auxílio da quantitativa nesta pesquisa.

Por termos noção de que, ao trabalharmos com Percepção Ambiental, há necessidade de serem operacionalizados vários elementos que as caracterizem, em nosso trabalho, optamos pela abordagem qualitativa e para complementariedade dos dados a quantitativa.

A abordagem qualitativa foi utilizada na tentativa de compreender os significados, sensações e emoções que os sujeitos pesquisados apresentam em relação ao meio ambiente. Os indicadores qualitativos foram importantes porque possibilitou captar dados psicológicos reprimidos ou não articulados como atitudes, sentimentos e significados construídos sobre o objeto de estudo.

Os dados quantitativos possibilitaram a análise das objetivações, através dos termos pelos quais elas foram operacionalizadas, dando um indicativo da expressão e percepção predominantes, manifestadas pelos participantes.

A pesquisa foi organizada em torno de quatro blocos temáticos, cobrindo tópicos específicos sobre a Percepção Ambiental dos assentados.

Os blocos temáticos definidos para a pesquisa foram:

1. Perfil dos assentados;
2. Dados sobre a propriedade e as atividades desenvolvidas nelas;
3. Dados sobre a Percepção Ambiental através de entrevistas;
4. Dados sobre a Percepção Ambiental através de fotografias.

A interpretação da Percepção Ambiental e do papel do assentado na natureza se obteve do inter-relacionamento e síntese de todas estas etapas que detectam o conhecimento local sobre o que é o ambiente, como o mesmo funciona e qual a posição do homem no ambiente, um ser passivo aos processos naturais ou de intervenção proposital nestes processos.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA E AMOSTRAGEM

A pesquisa foi centrada em indivíduos de um grupo específico. Foram inclusos no estudo, um grupo de 30 assentados, todos pertencentes à antiga Fazenda Annoni, localizada no município de Pontão, ao Norte do Estado do Rio Grande do Sul.

Fizeram parte do estudo, agricultores dos assentamentos Nossa Senhora Aparecida (sete entrevistados), São Miguel (dois entrevistados), Nossa Senhora de Fátima (cinco entrevistados), 16 de Março (cinco entrevistados), Osvaldo Cruz (dois entrevistados), Santa Bárbara (dois entrevistados), Floresta (três entrevistados) e Passo Real (quatro entrevistados). Esses assentamentos também são chamados pelos assentados por áreas como: Área 01, Área 02, e assim sucessivamente, sendo que, todos se localizam dentro da antiga Fazenda Annoni.

Para a identificação e seleção dos pesquisados foram realizadas, antes de tudo, conversas preliminares com a professora Maria Salete Campigotto (assentada e diretora do Instituto Educar⁵), visando à identificação dos assentados e a delimitação dos assentamentos existentes dentro da antiga Fazenda Annoni. Consideramos a seleção dos pesquisados uma etapa fundamental no processo da investigação, uma vez que os mesmos são representantes de uma determinada realidade dentro da pesquisa.

A seleção dos assentados seguiu a presente ordem: o grupo amostral dos assentados foi constituído de forma igualitária por homens e mulheres dando preferência para aqueles que fizeram parte da ocupação da Fazenda Annoni ou por aqueles que foram assentados no início da constituição dos assentamentos. Sendo fiel a ordem de seleção acima citada, partimos às entrevistas, visitando os assentados que encontrávamos em suas residências. Seguindo estas considerações, o grupo de pesquisados selecionados constituiu o que considera Ludke & André (1986), uma amostra intencional.

Para a pesquisa foi utilizada uma amostragem intencional, do tipo não probabilística, centrada em indivíduos que foram assentados pelo MST/INCRA no local, descritos a seguir:

Assentados do sexo feminino: esse grupo é constituído por 15 mulheres, moradoras dos mais diversos assentamentos que compõem a antiga Fazenda Annoni. Entre elas, existem quatro mulheres que, além de trabalharem na agricultura, também são professoras; uma desempenha a função de servidora pública; uma é estudante de graduação e, as outras nove, desempenham a atividade agrícola e de afazeres domésticos.

Assentados do sexo masculino: esse grupo é constituído por 15 homens, todos assentados também, e moradores dos assentamentos que compõem a antiga Fazenda

⁵ Dentro da Fazenda Annoni, no assentamento Nossa Senhora Aparecida, existe o Instituto Educar, uma escola criada em 2004, através da parceria entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão. O instituto tem por objetivo ensinar seus alunos para o desenvolvimento rural sustentável, dentro dos princípios da Agroecologia e com enfoque na agricultura familiar.

Annoni. Entre eles, existem três jovens que estudam no Instituto Educar e os outros doze são todos agricultores ou cooperados da COOPTAR⁶.

Vale ressaltar que para este método de pesquisa adotado, o número amostral na maioria das vezes limitado, não compromete a investigação, uma vez que os dados estatísticos são enriquecidos com a diversidade da interação entre o investigador e os narradores em dados empíricos e em suas proposições teóricas (CAMARGO, 1984).

Verificamos que os assentados residem nestes locais há aproximadamente 25 anos. O elevado tempo em que estes agricultores estão nas propriedades pode ser considerado um índice das boas condições socioeconômicas obtidas por eles, em questão do sustento por meio da agricultura.

Com relação à faixa etária dos assentados, podemos dizer que existe certa homogeneidade, pois a média de idade do grupo varia entre 40 e 55 anos.

O grupo apresenta alta heterogeneidade com relação ao nível de instrução, existindo desde assentados não alfabetizados até aqueles que possuem curso de pós-graduação. A escolaridade dos assentados é representada pelo gráfico abaixo (Gráfico 1):

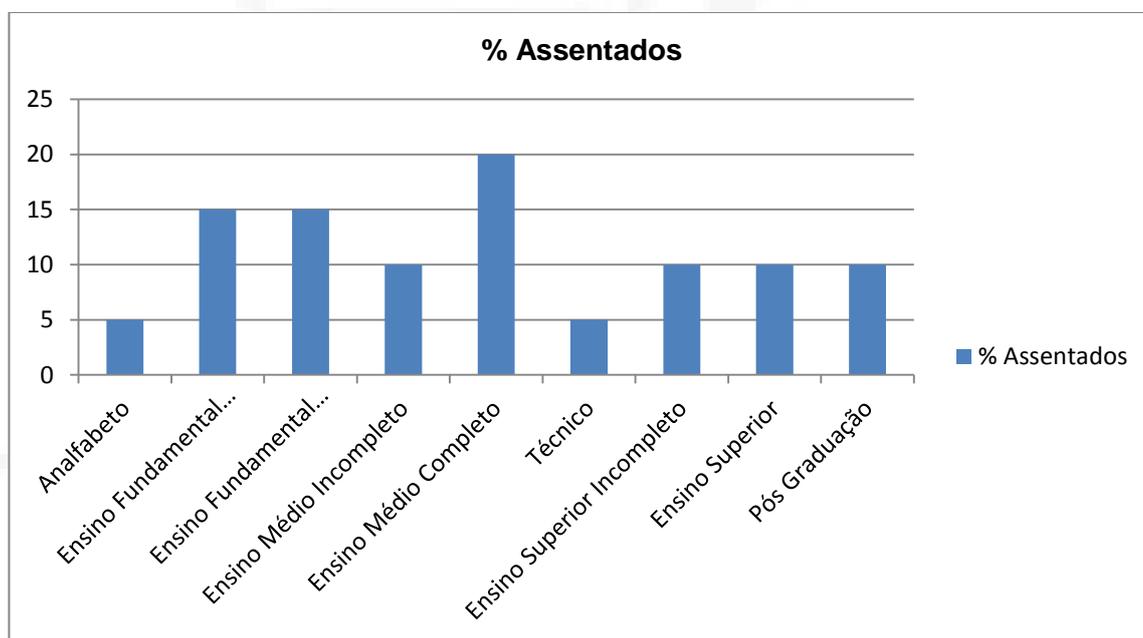


Gráfico 1: Grau de escolaridade dos assentados da antiga Fazenda.

⁶ A Cooperativa de produção agropecuária Cascata - COOPTAR fundada em 08/02/1990 situa-se no assentamento Fazenda Annoni, no município de Pontão, Estado do Rio Grande do Sul. A área total de terra da cooperativa é de 205 hectares, sendo 12% de mata nativa, 08 ha de banhados, 33 ha de pastagens (dos quais 08 ha de pastagem cultivada) e o restante utilizado com lavoura mecanizada. A rigor, na Cooptar não existem setores produtivos formalmente organizados. As atividades produtivas organizam-se nas seguintes linhas: horta, frigorífico, lavoura, gado leiteiro e suínos. Algumas dessas linhas são acompanhadas por uma só pessoa.

Sintetizando, tanto entre os assentados nascidos nos assentamentos e nas cidades da região quanto os que vieram de locais mais distantes, as experiências vividas são bem semelhantes. São pessoas com histórico de sofrimento, em virtude dos conflitos sociais pela conquista da terra. Entre todos, os motivos que os fizeram vir para os assentamentos é bem parecido, relacionam-se com a falta da própria propriedade e a esperança de encontrar um futuro melhor.

3.3 ETAPAS DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas, a primeira foi a seleção dos assentados que participariam da pesquisa; a segunda é uma combinação entre as entrevistas e as fotografias realizadas pelos assentados e, a última etapa foi a análise e interpretação dos dados. Vejamos:

3.3.1 1ª ETAPA: Constituição do Grupo de pesquisa:

Para constituição do grupo de pesquisa, buscamos envolver os assentados pertencentes à antiga Fazenda Annoni, dando preferência para aqueles que fizeram parte da ocupação da Fazenda ou aqueles que foram assentados no início da constituição dos assentamentos.

Os interessados em participar da pesquisa, constituíram o nosso grupo de estudo e prontamente participaram de um diagnóstico que buscou: caracterizar/diagnosticar as Percepções Ambientais dos assentados, referente a questões sobre Meio Ambiente e sobre práticas que os mesmos adotam para o manejo e a conservação do meio.

Esta etapa teve auxílio da diretora do Instituto Educar, que nos passou informações sobre as limitações geográficas da Fazenda Annoni, ao mesmo tempo em que nos indicou os locais em que se concentrariam os assentados que preenchem os requisitos por nós estabelecidos.

3.3.2 2ª ETAPA: Diagnóstico das Percepções Ambientais dos Assentados da antiga Fazenda Annoni:

Para a pesquisa foram utilizados dois instrumentos:

a) Entrevistas semiestruturada: Optamos pela aplicação de entrevistas, porque consideramos que os textos são materiais que preservam a qualidade dos fenômenos estudados, pois são produzidos de forma “mais natural” que as respostas aos instrumentos padronizados, como questionários ou testes.

As entrevistas tiveram por objetivos: caracterizar os aspectos sociais dos entrevistados; revelar dados sobre as propriedades e as terras conquistadas através da reforma agrária; relatar as atividades desenvolvidas pelos assentados e, por último e mais importante, fazer uma análise sobre a Percepção Ambiental dos assentados, investigando desde o que pensam sobre o meio ambiente até a interação que possuem com ele⁷.

A entrevista fora constituída por algumas questões centrais, apresentadas a seguir. A entrevista, na íntegra, pode ser visualizada no Apêndice II.

- I. Dados sobre a propriedade;
- II. Dados sobre atividades desenvolvidas na propriedade;
- III. Diagnóstico sobre percepção de Meio Ambiente;
- IV. Tipo de relação do Assentado com a propriedade;
- V. Diagnóstico de métodos de preservação aplicados ou não na propriedade;
- VI. Opiniões sobre áreas protegidas;
- VII. Conhecimentos sobre Leis Ambientais;
- VIII. Sonhos, realizações, expectativas, etc.

Após a escolha das perguntas que fariam parte das entrevistas, realizamos uma aplicação do pré-teste do instrumento de pesquisa. Realizados os ajustes necessários, imediatamente entramos em contato com os pesquisados. Neste momento, esclarecemos dúvidas sobre a proposta de investigação (tema, objetivos, metodologia, resultados esperados) e buscamos o consentimento para a participação na pesquisa.

Optou-se por um período longo para a realização das entrevistas para que a Percepção Ambiental não fosse influenciada pelas estações do ano; pela cultura anual cultivada no momento; período de chuvas ou seca, entre outros fatores ambientais e

⁷ Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (modelo no Apêndice A), autorizando a divulgação e publicação do conteúdo das entrevistas.

também sociais, uma vez que os assentamentos da Fazenda Annoni, no decorrer da pesquisa, foram alvo de muitas reportagens a nível nacional em virtude de fatos como: plantio de transgênicos, vendavais que destruíram as casas de alguns assentados e sobre a venda de lotes dentro dos assentamentos da Fazenda Annoni.

Durante a realização das entrevistas, cuidados considerados imprescindíveis para compreender as suas falas foram tomados como: ouvir pacientemente a conversa; suscitar a recordação através de um questionamento discreto, se a testemunha for calada; orientá-la sem precipitação, não a impedindo de perder-se em divagações; repetir em voz alta suas palavras, se estas não forem claramente audíveis; procurar não falar ao mesmo tempo em que ela; não insistir quando a mesma evitar uma recordação dolorosa; não se precipitar em perguntar de novo quando as informações parecem insuficientes, porque as recordações precisam às vezes de um tempo para vir à tona; repetir a mesma pergunta de diferentes maneiras para tentar vencer resistências.

As entrevistas foram gravadas em meio digital e repassadas para o programa *Voice Editing* a fim de evitar perda de dados importantes⁸.

Após a coleta destes dados, procedemos à transcrição das questões abertas das entrevistas, que foram submetidas a um processo de análise textual discursiva, baseada em Moraes e Galiazzi (2007). A análise textual discursiva possibilitou a criação de metatextos que expressam novos significados, originados do *corpus* e não a simples cópia de ideias que se apresentavam dispersas nesses referidos textos. Para esta análise, foram realizadas diversas leituras ao material e, a partir disto aconteceu a unitarização, que se trata da desmontagem destes textos, fragmentando-os, dividindo-os em unidades de significados, que depois de agrupados por semelhança, formaram as categorias emergentes.

b) Análise de imagens fotográficas realizadas pelos assentados: As análises escritas nem sempre conseguem revelar uma diversidade de formas de envolvimento com as imagens apresentadas pelos entrevistados (referindo-nos aos níveis cognitivos, afetivos e críticos), mas sim, em muitos casos, acabam demonstrando certa timidez por parte dos entrevistados ao exporem seus sentimentos.

Diante deste fato, escolhemos o uso de fotografias realizadas pelos assentados como estratégia de diagnóstico com o objetivo de melhor compreender e interpretar a forma como os assentados percebem o meio; investigar as relações positivas ou negativas destes

⁸ O conteúdo das entrevistas está salvo em CD e ficará sob a guarda do Comitê de Ética da Universidade UNIVATES – Lajeado/RS pelo período de três anos, sendo seu conteúdo eliminado após esse tempo.

com a propriedade; verificar os elementos (naturais, construídos e humanos) que se destacam para os sujeitos da pesquisa.

Podemos considerar que o uso das fotografias pode facilmente desempenhar a função de mapas mentais, sendo a única diferença, o fato de que, ao invés dos pesquisados realizarem desenhos sobre o meio ambiente, eles o fotografam.

Neste contexto, podemos citar Guimarães (2006), quando escreveu que a análise de imagens fotográficas constitui-se em uma atividade de sensibilização ambiental, envolvendo muita estimulação da acuidade perceptiva, cognitiva e afetiva, desenvolvida mediante um processo de educação através de valores, de identificação com a paisagem, onde são enfocados aspectos relativos ao sentir-se e ser parte.

Martins (2009, p.39) a respeito do assunto, diz que: “Hoje, a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima do conhecimento”.

Além disso, na investigação de Percepção Ambiental a imagem fotográfica pode ser utilizada como um instrumento fundamental, por permitir o registro espacial e temporal do ambiente estudado, situações de uso e hábitos cotidianos além de fragmentos de seus constituintes. A fotografia marca, registra situações de fatos e fragmentos de um contexto congelando fenômenos temporal e espacialmente.

Chamarelli Filho (2005, p.22) considera que a fotografia “é uma percepção do espaço tempo. Um espaço-tempo de singularidades, margem singular de busca entre o perceber e o percebido”.

Fotografar o meio ambiente tem assim como propósito, ser um instrumento estimulador da percepção, retratando contrastes diversos objetivando permitir ao sujeito a reflexão mediada pela potencialidade das imagens. Isto porque a imagem fotográfica, como lembra Santaella (2004, p.102); “[...] é um instantâneo congelado para sempre”.

Esta técnica não apenas favorece quanto à interpretação de como os sujeitos percebem o meio, mas também serve como uma ferramenta que auxilia os mesmos a obterem um conhecimento e reconhecimento da área, por meio de aprendizados, descobertas, sentimentos de enraizamento – através de memórias que foram silenciadas num processo histórico e, que puderam vir à tona no momento em que executavam a tarefa, além de estender os horizontes perceptivos e reflexivos destes assentados.

Cada assentado, após ser entrevistado, recebeu uma máquina fotográfica de uso único. Para realização do diagnóstico, solicitamos aos mesmos que registrassem as seguintes situações ou imagens:

- I. Três fotografias sobre meio ambiente e seus componentes;
- II. Três coisas que eles gostassem no meio ambiente, que apreciassem (podendo ser - pontos positivos no seu trabalho, no seu dia-a-dia, na sua propriedade);
- III. Três coisas que eles não gostam no meio ambiente, que não apreciam, pontos negativos, que lhes perturbam no seu trabalho, no seu dia-a-dia, na sua propriedade.

Os assentados permaneceram com as máquinas fotográficas por um período mínimo de sete dias para realizarem as fotografias, após foram recolhidas, reveladas as imagens e as fotos retornaram aos assentados a fim de questionarmos o que as mesmas representavam para eles.

Para esta etapa, solicitávamos que eles primeiramente olhassem todas as fotografias e, depois, conversávamos sobre suas percepções e significados. Assim, trabalhamos com elas através de uma narrativa externa, que seria a história construída pela resposta dos autores das fotografias de questões como: Quando ela foi tirada? Por que ela foi tirada? Que a imagem representa? O que retratavam? Se aquelas imagens retratavam situações visíveis nos assentamentos? De quem é a responsabilidade?

Os resultados foram analisados individualmente e posteriormente comparados entre gêneros, a fim de verificar se há diferenças entre os sexos, e cruzados aos da literatura, visando identificar símbolos, expressões e estabelecer relações entre as respostas das entrevistas com as imagens.

3.3.3 3ª ETAPA: Estudo das Percepções Ambientais após Processo de Diagnóstico: Análise e Interpretação dos Dados

Após o diagnóstico das percepções dos assentados iniciamos o processo de análise e tratamento dos dados. Como citado anteriormente, este procedimento constituiu-se em organização sistematizada dos materiais acumulados, seleção e análise das informações e dos resultados obtidos, por meio de análise textual discursiva, fundamentada por Moraes e Galiazzi (2007).

Essa metodologia de interpretação dos dados foi organizada de acordo com quatro focos principais: desmontagem dos textos; estabelecimento de relações; captação do novo emergente e o processo de auto-organização. Segundo Moraes e Galiazzi (2007, p. 12),

“Esse processo em seu todo é comparado a uma tempestade de luz” que consiste na desfragmentação, nas relações, na compreensão e na auto-organização de um texto, ou seja, seus resultados finais são criativos e originais, não podendo geralmente serem previstos. Os mesmos autores afirmam que “A validade e confiabilidade dos resultados de uma análise são construídas ao longo do processo. O rigor com que cada etapa da análise é conduzida é uma garantia delas” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 39).

Assim, a intenção e o propósito contribuem para validar os argumentos e a compreensão de novas descrições e interpretações dos resultados em análise. Com esse tipo de análise buscamos extrair o conteúdo, tanto o explícito como o implícito, de textos e entrevistas.

As entrevistas realizadas foram analisadas sem auxílio de softwares uma vez que as respostas dos assentados eram semelhantes entre elas e não havia um contingente muito grande de pesquisados. Dessa forma, baseamos nossa análise de conteúdo no levantamento dos principais traços lexicais, e na relação entre estes elementos textuais, formando classes que agrupam as opiniões dos sujeitos da pesquisa, permitindo avaliar as ideias mais frequentes de cada grupo diante de cada questão da entrevista.

Devemos salientar o fato de que, como estamos tratando da visão do homem sobre o ambiente, temos que verificar as alterações provocadas pelo homem na natureza, bem como, o seu relacionamento com este meio e, de que forma ele interfere nele.

Com o intuito de conhecermos melhor como se dá tal relação, servimo-nos de análise e investigação, tornando a pesquisa mais sistemática. Por meio desta análise consideramos tanto as qualidades quanto as necessidades dos grupos sociais em apropriar-se desse local. Sendo assim, levantamos informações importantes para obtermos maior clareza sobre como os assentados percebem e se percebem no meio.

4 UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ANTIGA FAZENDA ANNONI

Apresentamos neste capítulo um panorama sobre os assentamentos existentes dentro da antiga Fazenda Annoni, relatando todo o processo de formação deles, como foram estruturados, problemas enfrentados e informações de cunho social, cultural, econômico, político e ambiental.

4.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ANTIGA FAZENDA ANNONI

Os assentamentos que constituem a base do nosso campo de estudo situam-se no interior da antiga Fazenda Annoni, localizada em Pontão, ao Norte do Rio Grande do Sul, na microrregião de Passo Fundo, região do Alto Uruguai, limitando-se com os municípios de Campinas do Sul, Ronda Alta e Sarandi. Localiza-se a uma latitude 28°03'33" sul e a uma longitude 52°40'38" oeste estando a uma altitude de 683 metros (Figuras 2 e 3). Possui uma área de 524,35 km² e sua população estimada é de 4.040 habitantes (IBGE, 2009), sendo que próximo de 70% vive no meio rural.



Figura 2: Localização do município de Pontão/RS.

Fonte: Imagem de satélite do Google Earth/ Ano: 2009. Altitude do ponto de visão: 3,26 Km

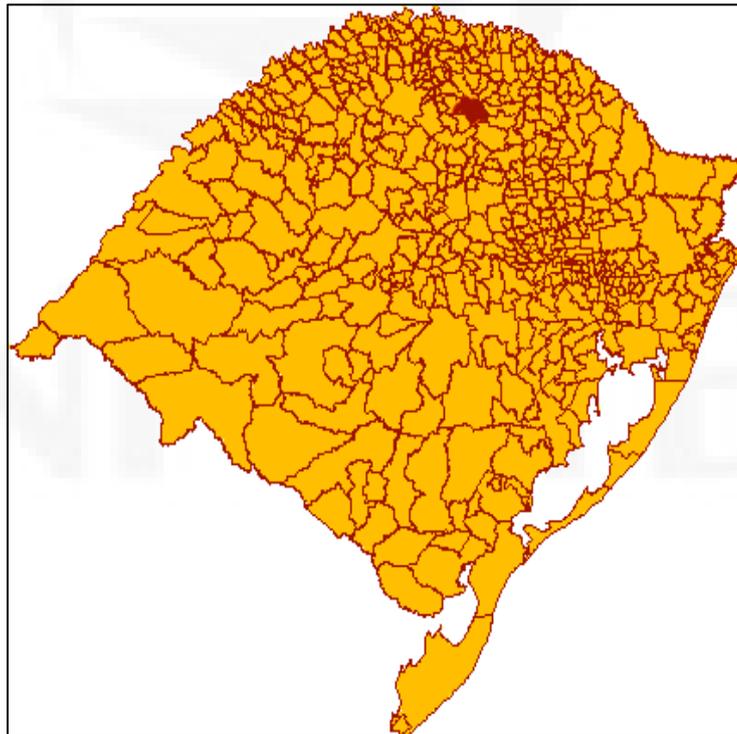


Figura 3: Localização geográfica de Pontão/RS.

Fonte: www.geoftp.ibge.gov.br

A economia de Pontão está baseada na agricultura, predominando o modelo tecnológico da Revolução Verde⁹, com base na agricultura de grãos, principalmente o soja, milho e trigo e a pecuária do leite.

Os assentamentos aumentaram significativamente a densidade demográfica de Pontão e contribuíram para sua emancipação. Essa área onde eles estão localizados é chamada de Região da Produção, sendo considerado um dos berços da Reforma Agrária no país, existindo neste local, 21 assentamentos nos quais vivem 1300 famílias, além de ser também uma região de grandes lavouras da agricultura empresarial do modelo convencional.

Quanto à vegetação típica da região, esta se divide em dois extratos: a área de campo e a chamada área de mato. A formação da mata nativa é composta por espécies que constituem uma sucessão vegetal de bosque e sub-bosque, com presença de plantas características da Mata Atlântica. Há uma ocorrência considerável, e em alguns casos, até predominância, de Araucárias e erva mate, as quais, num período anterior ao assentamento, foram importantes atividades econômicas desenvolvidas no local, especialmente através das serrarias com a exploração da Araucária. Esta atividade teria sido exercida por fazendeiros que ocupavam anteriormente a área. Segundo os relatos, o extrativismo da erva mate também teria exercido uma possibilidade de renda para os fazendeiros e, na formação do assentamento, para os próprios assentados da Annoni, que ainda hoje a utilizam como fonte de renda.

Conforme estudo realizado por Neuman, Ferreira & Scariot (2009) a área do assentamento vem sofrendo, um processo de desmatamento que transformou a paisagem, constituindo ela em aproximadamente 90% por lavouras. O desmatamento da área para a formação de pastos pelo latifundiário que ocupava a área anteriormente levou a uma situação que foi agravada com a formação do assentamento, onde a repartição da terra fez com que alguns assentados recebessem seus lotes localizados totalmente sobre área de mata nativa. A pastagem nativa que se estabeleceu na sucessão vegetal posterior ao

⁹ A Revolução Verde, ocorrida a partir da década de 1950, consistiu na adoção de práticas agrícolas baseadas no uso intensivo de químicos e instrumentos mecânicos e, composta por elementos como o agronegócio, a monocultura, a produção para exportação, a exclusão social, a busca incessante por lucro e pela inserção das transnacionais pelos países de Terceiro Mundo. Apoiada em uma promessa de aumento da oferta de alimentos que proporcionaria a erradicação da fome, a Revolução Verde resultou em um novo modelo tecnológico de produção agrícola que implicou na criação e no desenvolvimento de novas atividades de produção de insumos ligados à agricultura. Esse modelo produtivo passou, no entanto a apresentar limites de crescimento a partir da década de 1980, com a diminuição do ritmo de inovações e o aumento concomitante dos gastos, e pelo questionamento da sustentabilidade de uma tecnologia baseada em monoculturas, altamente dependente de fertilizantes e pesticidas, insumos de alto custo e com potencial poluição ambiental (BUAINAIN, 2006).

desmatamento era a vegetação predominante quando a área era explorada pelo proprietário com a criação extensiva de gado.

Um aspecto interessante no histórico da área é o fato de ter sido introduzida na área da então Fazenda Annoni, um tipo de gramínea muito agressiva, oriunda da África, que se adaptou muito bem a solos pobres e desgastados. Por esse motivo, essa gramínea ficou popularmente conhecida como capim-anoni (*Eragrostis plana* L.). Essa pastagem que num primeiro momento foi introduzida na área, posteriormente criou um agro ecossistema muito particular. Estabelecendo uma competição muito acirrada com as demais espécies, principalmente as gramíneas, que existiam na área, acarretando na supressão das mesmas, restando à predominância absoluta do capim-anoni em praticamente toda a área do assentamento, o que se constituiu num dos maiores problemas em termos de plantas invasoras na área, servindo inclusive de centro dispersor para outras regiões do estado.

Com relação ao relevo, este se apresenta de forma suavemente ondulado, típico de planalto, com a predominância de coxilhas o que favorece a exposição a ventos. Num sistema de plantio convencional essa particularidade se mostra muito danosa do ponto de vista da perda de solo e danos a culturas. Os quebra-ventos naturais são pouco significativos.

O espaço agrário em estudo apresenta-se como propício à prática da agricultura, apresentando índices de pluviosidade considerados adequados e o relevo suavemente ondulado, torna-se propício à mecanização.

O solo é uma das grandes riquezas que esta área possui. O mapeamento é do tipo latossolo vermelho escuro segundo a sociedade brasileira de classificação de solos, tendo como matriz a rocha denominada basalto. Este solo apresenta uma fertilidade natural muito elevada. Por outro lado, apresenta uma formação muito lenta, apesar de estes solos possuírem estrutura bem formada e antiga. Esta fertilidade natural é o que assegura certa produtividade em termos quantitativos nas culturas produzidas pelos assentados.

4.2 CRIAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS DA FAZENDA ANNONI

O município de Pontão teve sua origem na divisa de dois grandes latifúndios: a Fazenda do Cedro de propriedade do Coronel Barroso e a Fazenda Sarandy de propriedade do Capitão João Vergueiro.

Em 1894 Pontão era um povoado situado em uma das extremidades da fazenda Sarandy, que em 1906 foi vendida a Don José Antônio Lápido, Luiz Mouriño e Julio de Mailhos, uruguaios residentes em Montevidéu.

Pontão era antigo caminho onde passavam tropeiros com destino a Sorocaba, São Paulo com grandes tropas de muares, surgindo o nome do município: "Pontão de parada" e "grandes pontas de gado". A primeira escola foi construída na Fazenda Sarandy, em terras doadas pelos uruguaios.

Pontão, ainda distrito de Passo Fundo, cercado de grandes propriedades rurais, foi berço de um dos maiores acampamentos de sem-terra do país. Este acampamento surgiu no ano de 1981, na localidade chamada de Encruzilhada Natalino. Conforme Benincá (1987, p. 31): “No acampamento predominavam famílias de caboclos e de colonos, atingidos pela Barragem do Passo Real e ocupantes de áreas indígenas, todos com experiência de trabalhar com a terra”.

Contudo, somente em 1986, que houve de fato e de direito a desapropriação da Fazenda Annoni, momento em que os agricultores começaram a ter propriedade das terras, e isso significa um longo período sem terra e sem casa, vagando pelos acampamentos, nas terras de familiares ou nas periferias das cidades. Com o assentamento dessas famílias que era em torno de 600, o então distrito de Pontão, passou a possuir população suficiente para emancipar-se como de fato ocorreu em 1993.

Importante registrar, que conforme MST (2001, p.123): “Em janeiro de 1962, nessa região de Pontão, especificamente nos municípios de Nonoai e Sarandi (nos distritos de Ronda Alta e Rondinha, ambos emancipados de Sarandi em 1968) já haviam sido palco de batalhas históricas na luta pela terra, com fortes movimentos das massas camponesas”. Naquele ano foi realizada a primeira grande ocupação de terra pelos camponeses sem terra organizada pelo MASTER (Movimento dos Agricultores Sem Terra), quando foi ocupada a Fazenda Sarandi, que possuía cerca de 24.000 hectares, e cuja finalidade da empresa era a extração de madeira e sua exportação para a Europa. A ocupação da área teve apoio do governo do Estado.

Com o golpe militar de 1964, a história da luta pela terra teve um período de interrupção (de 1964 até 1977) em função da grande repressão que os movimentos sociais sofreram do regime militar. Porém, mesmo durante a repressão militar os colonos avançavam na ocupação das terras indígenas nos municípios de Nonoai e Planalto. No final dos anos 70 já eram mais de 1.200 famílias que estavam alojadas nas terras dos Caingangues. Em maio de 1978 os índios expulsaram os colonos das áreas ocupadas

ficando mais de 1200 famílias desalojadas na beira da estrada, tendo o conflito causado grande repercussão no estado e no país.

Em setembro de 1979, 110 famílias remanescentes das desalojadas ocuparam no município de Ronda Alta a fazenda Macali (área pertencente ao Estado e alugada a uma empresa). Dias após, 25 de setembro, 170 famílias ocuparam a fazenda Brilhante, vizinha da anterior e no mesmo município. Em outubro de 1980 as famílias acampadas, que não estavam na ocupação das duas fazendas, ocuparam a fazenda Annoni, sendo desalojadas por ação policial e, após negociação, foram reassentadas em áreas de terra dos municípios de Palmeira das Missões e Rondinha (MST 2001).

No final de 1980 inicia-se um grande acampamento (aproximadamente 2 km de extensão com 600 famílias e 3.000 pessoas) montado às margens da rodovia na Encruzilhada Natalino (próxima à entrada da Fazenda Macali), que, após seis meses de acampamento, foi reprimido, sitiado por policiais e constantemente vigiado. A resistência na Encruzilhada Natalino foi até 10 de março de 1982, quando houve transferência para um novo acampamento (nova Ronda Alta) até outubro de 1983, com a conquista da terra.

Conforme Benincá (1987, p. 81) “na noite de 29 de outubro de 1985, os sem terra ocuparam a fazenda Annoni, numa ocupação espetacular, introduzindo cerca de 2500 famílias durante apenas algumas horas daquela noite, burlando a vigilância da polícia que fazia ronda nas estradas próximas ao local”. A ocupação da Fazenda Annoni (localizada entre os municípios de Passo Fundo, Sarandi e Carazinho) com 97.000 hectares, teve forte apoio dos sindicatos e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e foi a primeira grande ocupação de terra no Sul do país organizada pelo MST, sendo realizada por famílias provenientes de 32 municípios do estado.

O acampamento na fazenda durou aproximadamente sete anos, até que todas as famílias acampadas tivessem regularizado o assentamento definitivo, que foi realizado em diversos municípios do estado. As lutas pela desapropriação da área (o processo de desapropriação durou cerca de 14 anos) e a criação dos oito assentamentos (Quadro 1) onde vivem na área, atualmente, aproximadamente 317 famílias oriundas de 32 municípios do Rio Grande do Sul (sendo 30 antigos empregados da fazenda, aos quais se somaram atingidos pela Barragem do Passo Real, peões e, majoritariamente, na sua maioria agricultores sem-terra) é considerado marco histórico de atuação do MST no estado e no Brasil na luta pelo direito a terra (GUERRA, 2008).

Assentamentos	Número de famílias assentadas (aproximadamente)
Nossa Senhora Aparecida (Figura 4)	45
São Miguel (Figura 5)	20
Nossa Senhora de Fátima (Figura 6)	50
16 de março (Figura 7)	75
Oswaldo Cruz (Figura 8)	24
Santa Bárbara (Figura 9)	20
Floresta (Figura 10)	35
Passo Real (Figura 11)	48

Quadro 1: Assentamentos da Fazenda Annoni.



Figura 4: Assentamento Nossa Senhora Aparecida.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.



Figura 5: Assentamento São Miguel.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.



Figura 6: Assentamento Nossa Senhora de Fátima.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.



Figura 7: Assentamento 16 de março (Gado Leiteiro).
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.



Figura 8: Assentamento Osvaldo Cruz.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.



Figura 9: Assentamento Santa Bárbara.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.



Figura 10: Assentamento Floresta.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.



Figura 11: Assentamento Passo Real.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.

Aproximadamente, a distância dos assentamentos à sede do município é de 8 km, e de Pontão a Erechim é de 85 km, distando da capital do estado, Porto Alegre, 380 km.

Dentro da Fazenda Annoni, no assentamento Nossa Senhora Aparecida, existe o Instituto Educar (Figura 12), uma escola criada em 2004 através da parceria entre o MST, o Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão (IFRS). O Instituto Educar tem por objetivo ensinar seus alunos para o desenvolvimento rural sustentável, dentro dos princípios da agroecologia e com enfoque na agricultura familiar.



Figura 12: Instituto Educar.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.

O curso ministrado é o Técnico em Agropecuária na modalidade concomitante ao Ensino Médio. Conforme o plano de curso, os alunos ingressos são jovens filhos de agricultores assentados pela Reforma Agrária que atuam ou pretendem atuar na organização da produção, da cooperação e em ações de conservação e/ou preservação do meio ambiente nos assentamentos de Reforma Agrária. Também devem atender aos critérios de ingresso exigidos pelo curso, obedecendo às normas adotadas pelo Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária.

No assentamento 16 de Março, também existe a Cooperativa COOPTAR, na qual são associadas 12 famílias de assentados, que vivem em uma agrovila (Figura 13).



Figura 13: Agrovila COOPTAR.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.

Os cooperados trabalham basicamente com a produção do leite e com o corte de gado (Figura 14) e, possuem um frigorífico para desenvolverem essa atividade.

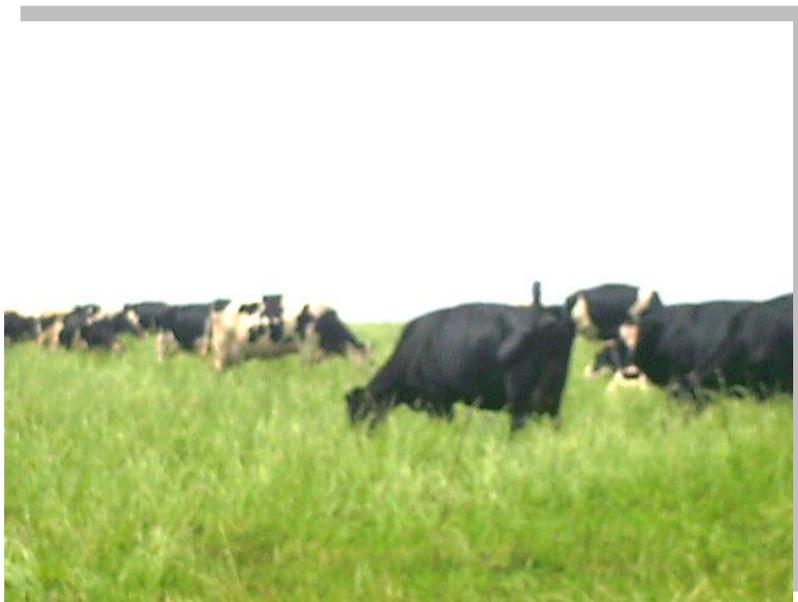


Figura 14: Gado Leiteiro COOPTAR.
Fonte: KRZYSCZAK, 2009.

O frigorífico da COOPTAR até a finalização dessa pesquisa era a única agroindústria do município de Pontão/RS.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES DOS ASSENTADOS

Os municípios dos quais os assentados são originários são bastante diversificados, mas a grande maioria desses agricultores já era da região norte do Rio Grande do Sul. Vivem nos assentamentos agricultores oriundos dos seguintes municípios: Frederico Westphalen; Nonoai; Constantina, Sarandi, Trindade do Sul, Rondinha; Tapejara, Não me Toque, Ronda Alta e Siberi, entre outros. Abaixo, citamos um relato de um assentado, quando nos falava sobre os motivos de participar do movimento de ocupação da Fazenda Annoni.

Morava em Constantina, no interior. Eu era pequeno agricultor. Morava com o pai e ele tinha pouca terra, éramos arrendatários, meeiro, e as terras lá eram diferentes, a cultura era diferente, a sociedade era diferente. Arrendávamos dos vizinhos porque tínhamos poucas terras. Sentia grandes dificuldades. Desde 1984 resolvemos participar do movimento. Em 85 acampamos e ficamos cinco anos acampados (Assentado V).

Dos entrevistados 60% deles fizeram parte da ocupação da Fazenda Annoni, que foi um período bastante delicado para esses trabalhadores rurais. Segundo relatos, os mesmos passaram por momentos de insegurança, escassez de alimentos e de medicação, precariedade das moradias, desgaste físico e principalmente emocional, gerado pelos conflitos com a polícia e a insegurança de realmente conquistar as tão desejadas terras.

Os demais assentados, 40% dos entrevistados, são indivíduos que nasceram no acampamento, outros que vieram a casar-se com algum (a) assentado (a) logo após a distribuição de terras ou que ficaram em seus lares de origem enquanto outro membro da família guarnecia no acampamento.

A maioria dos agricultores entrevistados ocupou a Fazenda Annoni no mesmo período, no ano de 1985, e começaram a ser assentados no local apenas em 1991, após um período de seis anos de acampamento.

Antes de ocuparem e serem assentados na Fazenda Annoni, todos os entrevistados, exceto uma, tinham vínculo com a vida rural. Eram filhos de pequenos agricultores; empregados rurais; arrendatários ou eram professores, que além de lecionarem trabalhavam na agricultura. A única assentada que não tinha vínculo com a agricultura era na época uma trabalhadora urbana, mas casada com trabalhador rural, o qual este, na época, já fazia parte do movimento.

A quantidade significativa de assentados que já eram do meio rural pode ser considerado como um dos condicionantes para os bons resultados que os assentamentos da Fazenda Annoni tiveram e vem tendo quanto à produtividade e a infraestrutura que possuem - nos seus lares e no ambiente de trabalho. Considerando ainda, que, quando assentados, possuíam poucos recursos econômicos e um escasso acompanhamento técnico.

Somando se aos problemas financeiros e técnicos, outra dificuldade enfrentada pelos assentados, na época em que participaram do processo de assentamento, esteve relacionada a pouca quantidade de terras que receberam. As propriedades dos assentados medem em média 15,3 hectares, que para eles é uma área muito limitada, sendo insuficiente pelo fato do modelo de cultura agrícola que estava em voga, a da Revolução Verde, que precisava de grandes extensões de terras para o plantio da monocultura.

Além dos lotes de terra, os assentados receberam financiamentos para construção das suas moradias e para o plantio das lavouras. O financiamento mais destacado pelos pesquisados foi o PROCERA ¹⁰.

Na época da pesquisa, apenas dois dos entrevistados não ocupavam a mesma gleba de quando foram assentados. Um realizou uma permuta com outro assentado da Fazenda Annoni, e o outro, foi assentado em outro município e, posteriormente realizou a troca de seu lote por um da Fazenda Annoni.

Quando solicitamos aos assentados que nos descrevessem suas terras com relação à qualidade para a produção, percebemos que a boa fertilidade e produtividade do solo da Fazenda Annoni foi consenso entre os assentados. Para eles o solo é propício para a produção agrícola. Alguns dos entrevistados frisaram que para essa boa produtividade é necessário preparar o solo, ter cuidados com a adubação e a lixiviação¹¹. Destacamos ainda, que a localidade em que ficam os assentamentos da Fazenda Annoni é conhecida como a Região da Produção Agrícola no estado do Rio Grande do Sul. Vejamos abaixo, alguns relatos dos entrevistados:

As terras não são ruins, às vezes tem que proteger elas, dar o que precisa, também fazendo adubação verde, porque só retirar não tem como, daí não tem terra que seja boa, não temos queixa da terra (Assentado I).

A terra que temos pode ser considerada como a melhor do lugar, não que ela seja fértil, é que ela responde bem ao que você botar nela, tem uma parte que há seis anos não foi posto nada, aí sim, esta, não produz (Assentado VIII).

As terras são boas para a agricultura, mas o tamanho que é pequeno (Assentado III).

¹⁰ Criado em 1985 pelo Conselho Monetário Nacional, juntamente com o I Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), o Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária (PROCERA) objetivava oferecer recursos financeiros para os assentados da reforma agrária iniciar o processo produtivo com sua plena inserção no mercado, e, assim, permitir a sua emancipação, ou seja, independência da tutela do governo, com titulação definitiva. O gasto do governo com o programa seria compensado com a redução de despesas decorrente dessa emancipação. Com essa emancipação, esperava-se, obviamente, que a atividade agrícola do assentado se tornasse viável economicamente, gerando renda capaz de satisfazer as necessidades do agricultor e sua família, e assim permitisse uma poupança necessária para novos investimentos e contínua modernização produtiva. O PROCERA era uma contribuição no sentido de fomentar o aumento da produção e da produtividade agrícolas do assentado, simultaneamente à sua maior integração ao mercado. As razões eram as seguintes: a) ele viabilizaria o investimento necessário, ou seja, contornaria a forte restrição de capital que caracteriza o público meta da reforma agrária; e b) forçaria a reorientação mercantil, ao criar um compromisso financeiro que só poderia ser resgatado por meio de investimento na produção visando ao mercado; o crédito estaria, assim, cumprindo um papel de promotor da produção mercantil (REZENDE, 1999).

¹¹ A água da chuva, ao entrar em contato com substâncias presentes na camada superficial dos solos, carrega-as consigo na forma dissolvida (solutos) em direção às regiões mais profundas do solo, geralmente, rumo à água subterrânea (aquífero freático). Esse processo de transporte de solutos (que podem ser nutrientes, poluentes, e outras substâncias dissolvidas) rumo às camadas mais profundas do solo é denominado lixiviação (SALEMI, 2009).

É válido ressaltar que, condições adequadas de infraestrutura, espaço condizente aos objetivos traçados, boa qualidade da Terra, são fatores predominantes que potencializam o sucesso das atividades econômicas, pois, contribuem para aumentar a qualidade de vida dos assentados, garantindo a continuidade destes no local.

4.4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NAS PROPRIEDADES

A atividade econômica mais desenvolvida pelos assentados, correspondendo a um percentual de 85% dos entrevistados, é a produção leiteira, posteriormente destaca-se o cultivo do milho e na sequência a soja. Ainda, existe em um dos assentamentos a cooperativa COOPTAR que, como já citado anteriormente, é a única agroindústria da cidade de Pontão/RS. Quando solicitado a falar sobre as principais atividades econômicas desenvolvidas na propriedade, um dos assentados enfatizou que:

A principal atividade econômica é o frigorífico, a produção do leite e a produção de grão, e ainda a de subsistência, que é a horta para o auto – consumo (Assentado IV).

Conforme relatos dos assentados, o milho é a espécie de cultura anual que mais se destaca nos assentamentos, em virtude de ser utilizado como principal fonte de alimentação para o gado leiteiro. Na sequência destaca-se a soja, e com menos intensidade o feijão, a pastagem para o gado, mandioca, hortaliças, verduras, amendoim, trigo, arroz, batata doce e a erva-mate. A diversidade de plantas cultivadas pelos assentados é significativa, caracterizada pela rotação de culturas e pela peculiaridade de ser uma cultura familiar e de subsistência.

Um pequeno número de assentados vende as hortaliças, verduras, legumes e alguns tipos de cereais para as feiras de agricultores em Pontão e municípios vizinhos. Outros vendem para os programas sociais de cesta básica do Governo Federal.

Em relação ao cultivo de plantas exóticas, cinco assentados informaram que já plantaram ou cultivaram, mas entre esses, três registraram que apenas plantaram eucalipto nas proximidades de suas residências e benfeitorias para que esses servissem como um quebra-vento natural.

Ainda, um assentado informou que cultiva pastagem exótica para a alimentação do gado e, outro relatou que planta eucalipto para a produção de lenha e madeira, embora ele afirme que o MST coíbe o plantio de exóticas. Já outro assentado relatou que na sua propriedade existem plantas exóticas, porém, que essas já existiam desde a época em que foi assentado.

Os pesquisados utilizam sementes convencionais para o plantio nas suas lavouras, mas três informaram que fazem plantio de soja transgênica. Quatro dos entrevistados, além de plantarem as sementes convencionais, dependendo da cultura também utilizam sementes crioulas.

Cinco assentados relataram que já utilizaram para as suas culturas agrícolas anuais apenas sementes orgânicas. Sendo, que toda a produção era realizada dessa maneira, até abolirem o sistema orgânico de produção por não terem obtido nenhum retorno financeiro e por ser muito desgastante fisicamente, em virtude do cuidado das plantas ser todo manual.

Vejamos abaixo as falas de alguns dos entrevistados:

Plantamos somente convencional, transgênicos não plantamos (Assentado II).

Exóticas, não plantamos. Plantávamos eucalipto no início, só para fazer quebra vento, mas, soja transgênica nunca plantamos (Assentado IX).

Para comércio não planto, é proibido plantar dentro dos assentamentos. Mas eu plantei 500 pés de eucalipto. Aqui eles (Assentado refere-se ao MST) proibiram plantar. São todos loucos; dizem que a terra seca; dizem que a terra fica infértil. Mas, se não plantar, não vão ter lenha e nem madeira para galpão. Eu vou plantar. Plantei ano passado (Assentado XXI).

Como em nosso assentamento existe mais a produção de leite, tu não sente assim o problema da transgenia, que está na soja. Mas a gente planta aveia, ervilha nessas áreas para alimentação do gado, mas que na verdade a gente deveria era manejar mais a grama nativa que existe e ainda está resistindo na região, mas está se entrando mais nas exóticas com as gramíneas tropicais Braquiária e Tifton¹², que são pastagens melhoradas e exóticas, porque não são desse ambiente (Assentada XIII).

Os dados coletados com os assentados revelam que eles não são favoráveis a cultura dos transgênicos, mas na prática existe um número considerável de agricultores que realizam o plantio dessas plantas geneticamente modificadas. Devemos considerar ainda,

¹² As gramíneas Braquiária (*Brachiaria brizantha* cv. Marandu) e Tifton (*Cynodon dactylon* cv. Tiffon 85), são espécies de alto potencial de produção e de baixo custo, sendo utilizadas como produtoras de forragem.

que os sujeitos em estudo sempre frisavam que o MST como movimento repudia o plantio de transgênicos.

Desta forma, nas suas falas os assentados sempre demonstravam serem desfavoráveis à monocultura e ao mercado voltado somente para a exportação e que possuem grandes expectativas para a produção orgânica. No entanto, esses agricultores enfrentam muitos problemas para produzirem no sistema orgânico, em virtude de falta de incentivos tecnológicos, financeiros e por dificuldade de competitividade no mercado. Diante destes dados, podemos enquadrá-los num perfil de agricultores que produzem no modelo convencional de agricultura familiar e que pelo discurso almejam se inserirem na agricultura orgânica.

Abordando ainda o sistema de produção agrícola, muitos dos pesquisados o criticaram ferrenhamente por não possuírem outra opção a não ser comprar o pacote tecnológico imposto pelo mercado, que segundo eles é, aquele voltado para o de monocultura e exportação. Esclarecem que, se não procederem dessa forma estariam marginalizados ou excluídos do atual sistema de mercado. Abaixo demonstramos alguns dos relatos sobre o tema:

Tinha bastante gente trabalhando com orgânicos aqui. Tínhamos sempre acompanhamento. Acompanhavam nós até quando ensacávamos o produto, e aquilo acabou indo por água abaixo, por causa do transgênico. Mas daí eu não planto mais soja, porém tive que plantar esse ano para fazer rotação de cultura, consorciar (Assentado XV).

Na horta a produção é orgânica. Quando lidamos com soja e milho, utilizamos plantio direto convencional. Chegamos ter soja orgânica, mas temos muita dificuldade com erva daninha, e o prejuízo foi maior no aspecto econômico e isso nos desestimulou. Têm muitas dificuldades, e para eliminarmos a erva daninha não tem tecnologia (Assentado XI).

Por menores que sejam ou pela pouca diversidade de legumes e hortaliças que as hortas dos assentados produzam, constatamos durante as visitas para a pesquisa que, a horticultura está presente em todas as propriedades. Foi bastante perceptível o orgulho de eles produzirem seus próprios alimentos, atribuem possuírem uma boa qualidade de vida, em virtude de, entre outros fatores, produzirem e consumirem alimentos orgânicos.

Houve destaque na pesquisa à horta comunitária dos assentados que compõem a COOPTAR. É uma horta em que as doze famílias associadas à cooperativa trabalham nela, produzindo uma grande variedade de frutas, verduras e legumes, que segundo os

assentados, são produtos totalmente orgânicos e que suprem a necessidade de todas as famílias cooperadas. Uma das assentadas relata sobre a diversidade plantada neste local:

A horta é coletiva e têm uma diversidade enorme de produtos que plantamos, como: abóbora, mandioca, verduras, feijão, só não produzimos arroz nela. (Assentada XIV).

Na maioria das residências que visitamos percebemos a existência de flores, plantas de ornamentação e arborização formando os jardins, que são ambientes construídos pelo homem e que possuem como finalidade o embelezamento dessas propriedades. Além disso, as mulheres pesquisadas transmitiram uma visão romântica por esses locais, declararam contemplar a beleza das flores e os cantos dos pássaros que visitam os seus jardins.

Quando questionamos os assentados sobre o tipo de tecnologia adotada no plantio das lavouras e sobre a utilização de defensivos agrícolas, obtivemos os seguintes resultados: Na lavoura os assentados preferem utilizar adubação e defensivos orgânicos, destacando-se a utilização de esterco produzido pelos animais que criam (bovinos, aves e suínos). Os defensivos químicos são principalmente utilizados na soja, sendo empregados por não encontrarem com facilidade no mercado os de origem orgânica. Um assentado relatou que “é difícil encontrar no mercado adubação orgânica, e muitos dos encontrados possuem um preço bastante elevado tanto para a aquisição quanto para o transporte” (Assentado XXIV).

Com relação aos equipamentos e tecnologias utilizadas nas plantações, estes são bastante diversificados, existindo desde o trabalho através de bois e carroças até a utilização de equipamentos como de plantadeiras mecanizadas e tratores.

Por fim, solicitamos aos assentados que nos relatassem sobre os animais e a forma de que como os criavam em suas propriedades. Diagnosticamos que, com exceção dos cooperados da COOPTAR, por residirem em agrovilas (dificultando a prática de criação de animais), todos os demais assentados criam seus próprios animais para servirem-lhes de alimentos. Destacando-se a criação de frangos, suínos e bovinos para o autoconsumo.

Analisamos a relação que os assentados possuem com animais domésticos, cães e gatos são as espécies de estimação que os assentados mais criam dentro dos assentamentos. São pouquíssimos os agricultores que têm animais para auxiliá-los nas

atividades da lavoura (como bovinos, equinos, muares, entre outros animais utilizados nas tarefas camponesas). O mais comum é a utilização de bois para conduzir carroças e arar a terra, no entanto, a criação de animais entre os assentados é voltada exclusivamente para a alimentação de subsistência.

4.5 PERFIL SOCIAL DOS ASSENTADOS PELO MST/INCRA E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os assentamentos criados na Fazenda Annoni possuem características muito importantes, em virtude de serem as primeiras áreas conquistadas pelo MST e, isso representou uma grande mudança nos paradigmas da função social da terra. Por estarem localizados numa região de produção e de grande relevância ambiental (visto que é uma região que concentra campos e matas de araucária), tornaram-se foco de muita discussão e conflitos.

As famílias dos trabalhadores sem-terra, que residem nestes assentamentos, antes de integrarem o MST, eram 96% de origem rural e apenas 4% de origem urbana, provindos de diferentes municípios da região norte do estado do Rio Grande do Sul. Esses dados apontam que o principal fator que levou esses assentados a se integrarem no MST foi a conjuntura econômica que viviam na época, a qual gerava a expulsão dos agricultores do campo devido o crescimento do agronegócio e poucas quantidades de gleba que as famílias possuíam para trabalhar com a agricultura.

Todos os assentados ocuparam a Fazenda Annoni movidos pelo desejo de encontrar uma terra vazia, onde pudessem se instalar e nela investirem o seu trabalho. Essa terra era vista por eles como objetivo de trabalho e por isso, no local onde se instalaram, fora realizado derrubadas da vegetação que ali se encontrava seguido do roçado e, passou-se a produzir tudo o que precisavam para as suas sobrevivências e de suas famílias.

Nos assentamentos da antiga Fazenda Annoni basicamente a produção ocorre de forma similar a de outras pequenas propriedades rurais da região, ou seja, cada um possui a sua gleba e a produção ou atividade é independente uma da outra. Porém, isso não ocorre com um grupo de assentados que formam a cooperativa COOPTAR, pois estes procuram construir uma comunidade que envolva mais as famílias em virtude de suas atividades

serem realizadas conjuntamente¹³. De modo geral e no espírito proposto pelo MST, as famílias de assentados possuem confiança, solidariedade entre vizinhos e há troca de ideias sobre experimentação de cultivo com grande frequência.

Com relação à religiosidade, todos os entrevistados declaram possuírem como religião o catolicismo, embora, alguns terem salientado que não são praticantes ou pouco praticantes da religião.

Constatamos que os símbolos da religiosidade estão presentes nos assentamentos da Fazenda Annoni. Existem muitos templos da religião, em especial a católica, e a cruz do cristianismo continua sendo ritualizada em locais públicos dos assentamentos, como em frente aos ginásios esportivos e recreativos, nas comunidades, locais de acampamentos, nas margens das estradas, espaços de tragédia com mortes e confrontos com forças de repressão que acaba agregando uma mística religiosa em torno do movimento.

A religiosidade, ainda que com menos intensidade na atualidade, acompanha a vida dos assentados desde a primeira ocupação da Fazenda Annoni. Eis, que a igreja católica foi uma das grandes apoiadoras na formação do MST e muitos religiosos deram apoio e suporte nas ocupações de terras da região. Tedesco e Carine (2007) relatam que:

As Igrejas Católica e Luterana exerceram forte influência na formação do MST. Muitos foram os religiosos que se envolveram na luta pela terra. Como por exemplo, deste envolvimento direto, cita-se a atuação do Pároco de Ronda Alta, Arnildo Fritzen, no acampamento da Encruzilhada Natalino (1980) e na ocupação da Fazenda Annoni (1985). O frei franciscano Sérgio Gorgen foi um dos fundadores do MST. [...] Centenas de religiosos se envolveram, viveram e continuam apoiando os camponeses na luta pela terra, motivados pela Teologia da Libertação, que se desenvolveu no Brasil durante a ditadura e deixou também sua importante contribuição na luta pela terra, especialmente em relação à visão de mundo e ao ritual da mística que o MST utiliza até hoje em suas atividades. Nela, encontram-se elementos de religiosidade que são encontrados no cotidiano da luta pela terra. Os ritos, celebrações, marchas e caminhadas contêm elementos da religiosidade e são incorporados à mística do Movimento. Estes elementos originam-se desta estreita relação com a Igreja (TEDESCO; CARINI, 2007, p.30).

Hodiernamente, a religiosidade dos assentados está presente de uma forma tímida na mística¹⁴, momento este, em que cultuam os seus instrumentos de trabalho, os alimentos

¹³ Uma vez que os referidos agricultores tiveram um histórico de lutas similar e conviveram durante 5 anos no acampamento, o que lhes conferiu maior agregação social, integração e segurança para a cooperação no trabalho coletivo.

que produzem e a fé, que são lembrados através de objetos e cantigas religiosas. Para Tedesco e Carini (2007):

O Movimento se distanciou da Igreja, sendo hoje mais político e menos religioso. Não há dúvida de que os rituais atuais perderam em muito sua dimensão celebrativa do campo religioso; há mais dimensões da política institucional nos rituais envolvendo eleições, pressões políticas, ocupações de prédios do INCRA, de bancos, participação em movimentos sociais de maior amplitude e variabilidade (TEDESCO; CARINI, 2007, p.120).

Deste modo é perceptível que grande parte do ritualismo dos assentados é cada vez menos religioso, em seu sentido tradicional de vínculo com o campo eclesiástico. A cruz, por exemplo, no interior do MST vai além de seu sentido e/ou influência religiosa. Símbolos e objetos podem produzir identificações ressignificadas no coletivo, não sendo inteligíveis tão facilmente, pois, em geral, são movidos por dimensões emocionais, fruto de interações simbólicas engendradas pelos grupos a partir de suas necessidades profundas.

¹⁴ A palavra misticismo tem origem no idioma grego: "iniciado" referindo-se as iniciações, é a busca para alcançar comunhão ou identidade consigo mesmo, lucidez ou consciência da realidade última, do divino, verdade espiritual, ou Deus através da experiência direta ou intuição; e a crença que tal experiência é uma fonte importante de conhecimento, entendimento e sabedoria. As tradições podem incluir a crença na existência literal de realidades empíricas, além da percepção, ou a crença que uma verdadeira percepção humana do mundo transcenda o raciocínio lógico ou a compreensão intelectual.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos com as entrevistas e das análises das fotografias dos assentados, tecendo sempre uma discussão a cada ponto considerado importante para caracterizar a percepção ambiental dos sujeitos investigados.

5.1 AS PERCEPÇÕES DOS ASSENTADOS DA EX-FAZENDA ANNONI SOBRE MEIO AMBIENTE

A Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9795/99) nos traz a ideia de meio ambiente como algo a ser conservado, considerando-o como ambiente total, natural e produzido: ecológico, político, econômico, tecnológico, social, legal, cultural e estético (BRASIL, 1999).

Sauvé (1996) traz diferentes concepções de meio ambiente, retratando-o: a) Como Natureza: que precisa ser apreciada, respeitada e preservada. Nessa concepção antropocêntrica, o comportamento com o ambiente é determinado pelas próprias necessidades e interesses humanos. Esta visão é explicada pela própria história da humanidade, onde sempre nos colocamos como seres mais evoluídos, capazes de explorar, modificar e melhorar o ambiente. Por meio desta visão, a natureza é vista como uma esfera separada ou justaposta à sociedade humana. b) Como Recurso: para ser gerenciado; c) Como Problema: para ser resolvido; d) Como meio de vida: não trazendo sentimento de pertencimento ao meio de vida; e) Como Sistema: para ser compreendido a fim de serem tomadas decisões; f) Como Biosfera: relacionando-o com um local para ser dividido; g) Como Projeto Comunitário: no qual relaciona o meio ambiente como algo no qual precisamos nos comprometer.

Ao seguirmos esta linha de pensamento, temos clareza de que, ao tratar de meio ambiente, precisamos ter ciência de que o mesmo é percebido de formas diferentes pelas

pessoas, influenciado por diferentes contextos históricos, culturais, políticos e econômicos. Ao mesmo tempo, devemos considerar que os assentados, na prática cotidiana, expressam diversas percepções quando se referem a este tema.

Quando perguntamos aos assentados como os mesmos definiriam meio ambiente, obtivemos um total de 100% de respostas que apontaram para a classificação de meio que permeie a categoria naturalista. As palavras mais citadas para meio ambiente foram: mata, seguida de água, água limpa e árvores. Vejamos abaixo algumas citações dos assentados quanto a esta classificação:

Quando eu penso em meio ambiente, lembro de árvore, mato, água limpa, um ambiente agradável, um clima agradável fresco, animais no meio, passarinho voando (Assentada XXV).

Meio ambiente acho que seria mais no geral as matas, os animais a água (Assentado XXVII).

Meio ambiente é para mim ter os açudes, as barragens, os matos é partir disso é ter mais ou menos as coisas estáveis água boa, eu parto desse pressuposto (Assentada VII).

Para 28 dos entrevistados, a Natureza é percebida como algo que devemos apreciar e respeitar, ambiente original e puro do qual nós estamos dissociados e devemos aprender a se relacionar para enriquecer a qualidade de ser. Apenas uma pessoa citou a presença humana e outra citou a cidade quando se referiram ao meio; nenhum dos restantes se referiu a qualquer aspecto construído ao tratar de ambiente. Nesse viés, considera-se que eles possuam uma visão voltada intensamente para o aspecto natural de meio ambiente.

Crespo (2003 apud Boeira, 2004) afirma que predomina na literatura uma visão naturalista (positivista, cartesiana) do meio ambiente (fauna e flora, separação entre cultura e natureza) e que este tipo de representação tornou-se parte do senso comum, conforme apontam pesquisas de opinião entre brasileiros.

Quando questionamos se o meio ambiente deveria ser preservado, todos os assentados, sem exceção, responderam que sim. Um dos assentados enfatiza a importância que o meio ambiente tem pra ele, conforme sua percepção, dizendo:

Pra mim, o meio ambiente é muito importante. Precisamos preservar a Natureza, pois sem o verde maravilhoso, provavelmente morreríamos (Assentado I).

Além do caráter naturalista do meio ambiente para os assentados, eles entendem que preservar esse ambiente é dever de todos: dos próprios assentados, dos homens, do governo e dos órgãos não governamentais. Neste aspecto, salientamos a referência do meio como Projeto de Vida, onde o mesmo exige compromisso de todos para sua plena continuidade. Visualizamos abaixo, uma citação referente a esta categoria:

Meio ambiente é nosso Planeta que deve ser cuidado. Precisamos ter ciência de que devemos ter uma maior conscientização da preservação deste meio. Somente desta forma conseguiremos garantir um mundo melhor para as gerações futuras (Assentada XXX).

Os assentados possuem preocupação com questões que envolvem a preservação do meio ambiente. Eles percebem as alterações que há na natureza: a diminuição da biodiversidade de espécies; as alterações climáticas; a escassez de água entre outros problemas e riscos ambientais. Contudo, entendem que algumas agressões provocadas pelos homens no ambiente são necessárias ou difíceis de amenizar pela necessidade de utilizá-lo como um recurso para a sobrevivência humana.

Enquanto estruturantes da percepção, diagnosticamos que juntamente com a categoria Naturalista, o Meio Ambiente também é tratado confirmando o sentido e significado de natureza enquanto provedora, enquanto fonte de vida (o que Sauv  (1996) classifica de ambiente entendido como recurso). Segundo a autora o ambiente como recurso traz a rela o de algo a ser gerenciado, contendo herança biofísica coletiva, que sustenta a qualidade de nossas vidas (SAUV , 2000).

Quando falam sobre o significado de meio ambiente, todos os assentados enfatizam-no como provedor, na dimensão física que se encontra objetivada nos recursos naturais locais. O vínculo aqui estabelecido   embasado em práticas sociais na luta pela sobrevivência, que faz utiliza o de recursos do local para própria sustentabilidade, reportando mais a classifica o antropoc trica sobre Meio Ambiente.

Neste sentido, percebemos que o apego a terra pelos assentados   profundo; conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. Para esses agricultores, a natureza

os personificam. Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos, o queimado do sol e as cicatrizes testemunham a intimidade do homem com a natureza. As palavras de um dos assentados são representativas desse sentimento:

Para mim, minha terra está sempre aí, me esperando e é parte de mim. A terra é responsável pelo meu estado de espírito; se a produção vai bem, eu me sinto bem, se há problemas com ela há problemas comigo (Assentado VI).

A relação dos assentados com a terra, também pode ser considerada um nuance de amor e ódio. O apego a um lugar pode aparecer da experiência com a transigência da natureza, mas ficam aí porque amam a terra e o desafio é fazê-la produzir. Para explicar estes sentimentos Boeira (2004) acrescenta que há também uma conotação religiosa presente nas concepções de meio ambiente, pelo fato de as pessoas associarem sentimentos abstratos como respeito, amor, paz quando se referem ao meio.

Seguindo esta linha de pensamento, percebemos que, durante as entrevistas houve a presença de uma visão Gaianista quando os assentados referiam-se ao meio, onde a dimensão espiritual surgiu com presença marcante no contexto semântico, objetivada em equilíbrio, pureza direcionada em Deus como criador. Veja abaixo uma das colocações que se enquadram nesse pensamento:

Pra mim meio ambiente é tudo, é vida, é tudo que faz parte da natureza como um todo e que foi criado por Deus, que faz bem aos nossos olhos, que nos proporciona lazer, conhecimentos e paz de espírito (Assentada XXVIII).

Dois dos assentados, quando questionados sobre como definiria meio ambiente, demonstraram uma visão mais sistêmica ao tratarem de meio ambiente, apresentando uma percepção que pode ser classificada dentro da categoria Biosfera:

Para mim meio ambiente é o conjunto do meio que vivemos, desde os homens à produção, os animais os insetos. Também envolve esse desequilíbrio generalizado, o aumento de pragas, infestação de ervas daninha, o efeito da seca que é bem notório; assim se não é seca é chuva

demais; há um desequilíbrio, mas não deixa de ser o meio onde a gente vive com relação aos demais seres. (Assentado X).

É esse espaço que estamos vivendo, meio ambiente vem na teoria que é metade, mas é o ambiente onde vivemos em casa, na escola o ambiente educativo do trabalho e o de fora e em casa, é verde, produção de alimentos preservação. (Assentada XII)

Apenas um dos assentados tratou especificamente do meio como problema:

A destruição me lembra do meio ambiente. Quando ouço na TV falarem sobre meio ambiente, ele sempre é tratado como problema, falando das destruições, queimadas, poluição, desmatamento, comércio ilegal de animais, aquecimento global e assim por diante (Assentada XVI).

Diagnosticamos que, para os assentados pelo MST/INCRA, a consciência do passado é um elemento importante que resulta no amor pelo lugar. Há um sentimento marcante de topofilia entre estes assentados, principalmente no sentido da valorização local. Eles podem não ter o senso científico, mas quando procuram explicar a sua lealdade com o lugar através dos laços e do prazer que eles sentem pelo meio ambiente, fica transparente o apego que os assentados possuem com esse ambiente natural que os circunda.

Sintetizando a análise, concluímos que, os assentados percebem o Meio Ambiente, principalmente como natureza, como projeto de vida (envolvendo o compromisso e o cuidado), como recurso, como Biosfera e, com menor intensidade, como problema.

Ao serem questionados sobre os elementos que compõem o meio ambiente, tivemos as seguintes frequências:

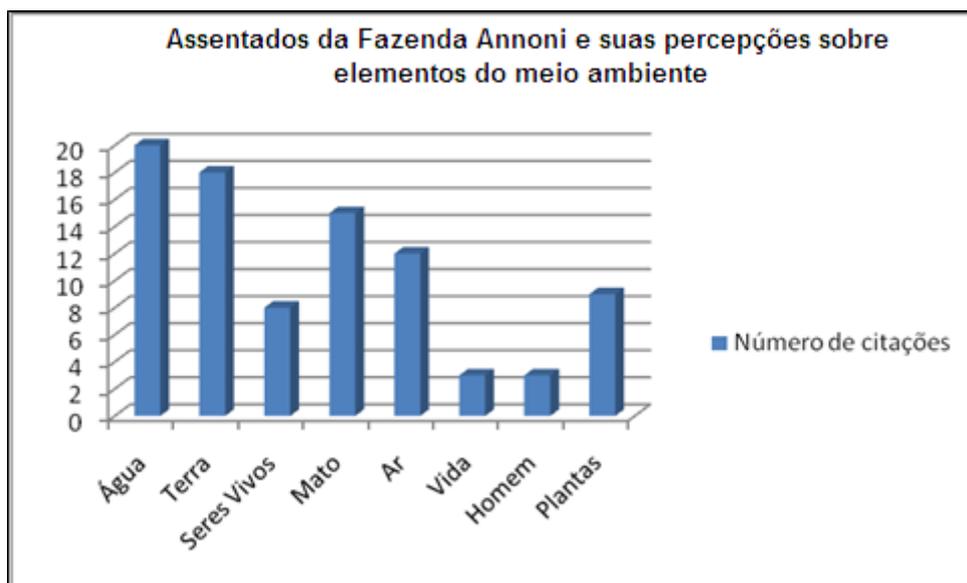


Gráfico 2: Gráfico referente às percepções dos assentados com relação aos elementos que compõem o meio ambiente¹⁵.

A seguir citamos algumas falas dos assentados referentes aos elementos que compõem o meio ambiente, segundo suas percepções:

Os seres vivos formam o meio ambiente; o ar a terra, o homem também faz parte (Assentada XVII).

Eu não sei se os animais fazem parte, mas tenho certeza de que a água e o mato fazem, sendo estes lugares sem poluição e sem agrotóxico (Assentada XVIII).

Pra mim, os elementos que compõem o meio ambiente são a água, a terra, o mato, o ar puro e os seres vivos (Assentada XX).

A noção de meio ambiente pelos assentados é similar á apresentada por Junior (2003), o qual investigou as ideias dos brasileiros sobre o meio ambiente, desenvolvimento e sustentabilidade. Nesta pesquisa foi constatado que, de um modo geral, o conceito de meio ambiente diz respeito à fauna e a flora, não sendo incluído neste as cidades, nem o homem. Para o autor, isso demonstraria a necessidade de ampliação do conceito, que se mostrara pobre no entendimento popular.

¹⁵ Convém ressaltarmos que as falas dos assentados traziam, para o tema abordado, mais do que uma palavra/expressão.

Diagnosticamos que, para os assentados, o meio ambiente está relacionado mais na categoria natureza, revelando neste tempo, uma preocupação com o entorno social e com sua reprodução.

5.2 RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA: PERCEPÇÕES E RESPONSABILIDADES COM O MEIO

Nas abordagens realizadas procuramos desvendar a relação que os assentados possuem com o meio ambiente em suas propriedades. Para isso, questionamos a eles o que gostavam/apreciavam no ambiente, no trabalho deles, e o que não gostavam/apreciavam.

Em relação ao que apreciavam repetiram-se os elementos naturais: água em primeiro lugar, seguidas de horta, pássaros e flores. Foram citados, porém, por minoria dos entrevistados, elementos que intrinsecamente possuam alguma relação humana, como: trabalhar na terra, criação de animais, pomar, jardins, produção da propriedade, trabalhar na educação, auto sustento e agrofloresta.

Pelas falas dos assentados, constatamos que há sentimentos de nostalgia¹⁶ e apreciação do belo quando se reportam a questões referentes à natureza. Nos diálogos, os assentados deram ênfase a elementos naturais; não surgindo com muita frequência os elementos construídos, nem os humanos. Salientamos que, os homens, em suas falas, ressaltaram mais sobre as problemáticas ambientais que hoje são muito debatidas nos meios de comunicação. Citamos abaixo, algumas das falas dos assentados:

O que eu mais aprecio no ambiente são as flores, as palma, as rosas e a própria sombra das árvores; a beleza da orquídea nas árvores e os pássaros. Cada dia tem um pássaro diferente e agora tem até papagaio por aqui; eles cantam de manhã e ao final da tarde. Acho que deve ter caído à árvore com os ventos e por isso fizeram o ninho perto de casa (Assentada XIX).

Aprecio na natureza: a água, as orquídea, as frutas, tudo que a natureza nos oferece (Assentada XXIII).

Aqui, o que eu mais gosto, são dos passarinhos e das árvores (Assentada XXVI).

¹⁶ Nostalgia descreve uma sensação de saudades de um tempo vivido, frequentemente idealizado e irreal. É um sentimento que surge a partir da sensação de não poder mais reviver certos momentos da vida.

Gosto de tudo porque é calmo, porque não é agitado não tem movimento de carro, até a cor das coisas aqui são diferentes; o ambiente é mais calmo, é mais limpo (Assentada XXIX).

Eu gosto dos tucanos, eles vêm todos os dias comer as sementes da cerca viva. Quando entramos aqui tinha muitas espécies de bichos, agora não tem mais nada, destruíram, se foi tudo. Antes, eu pegava de 10 a 15 jundiás, agora não mais. Tinha veado, tinha de tudo (Assentado XXII).

Eu gosto de tomar banho na barragem; do que eu não gosto, não tem nada (Assentado V).

Eu gosto de estar no meio da mata, sentir ar fresco, não aquele ar contaminado, pesado (Assentado XI).

Não tem nada que eu não goste na natureza; o que eu mais gosto é de ver os bichos, apesar de que muitos deles você não vê mais (Assentado XI).

Percebemos que as características dos relatos levam em conta, num primeiro plano, os elementos naturais, seguido do saudosismo ocasionado pela perda significativa de algumas espécies a que estariam, antigamente, acostumados a encontrar com maior frequência.

Os elementos ou fatores que os assentados não gostam ou não apreciam no meio ambiente e nas suas propriedades estão mais relacionados com a atividade humana. Relataram que não gostam de lixos no chão; poluição dos rios; desperdício de material; quando não cuidam do meio; do comportamento descompromissado humano; do fato de alguns agricultores utilizarem secante em suas lavouras; o modelo de produção da soja (monocultura); humanidade poluindo o ambiente e ocasionando a destruição do meio. Com as falas dos assentados constatamos que, para eles, é a ação humana que deprecia e faz mal ao meio ambiente. Abaixo, apresentamos alguns relatos referentes a este tema:

Eu sou muito ligada às flores, árvores, folhagens, e tudo que for ligado na parte de artes. Falar do que não gosto é difícil. Referente à natureza, o que eu não gosto está relacionado às atividades que destroem; fico chateada quando jogam lixo no chão, essas ações me irritam; também em relação ao desperdício de material, tipo assim na escola - vemos na escola muito papel desperdiçado, que me deixa muito chateada, seja com os educadores ou com as crianças (Assentada XXX).

Eu ainda preciso me conscientizar muito. O que mais me incomoda é a presença das formigas; elas me incomodam, embora eu saiba que elas têm toda uma importância para o solo. Elas têm toda uma organização, mas para nós elas dão trabalhinho, incomodam, pois toda a vizinhança trabalha com produtos químicos sintéticos e dá impressão que elas vêm todas pra cá

e daí nosso trabalho é dobrado para poder salvar as plantas (Assentada XVI).

O que eu não gosto é de passar secante, prefiro que venha o mato; não gosto de eucalipto, nem de pinus, embora, nós possuímos aqui para impedir o vento, mas ele prejudica a terra, os animais não se criam nele e mata tudo que tem no meio (Assentado X).

Do meio ambiente não têm do que eu não goste, mas de certos comportamentos dos homens, isso me incomoda (Assentado V).

Os assentados trouxeram em seus discursos, por vezes, uma conotação bem positiva com relação ao meio ambiente, enfatizando que a natureza é importante e fundamental à vida, por isso ela deve ser cuidada, para que a situação atual não se agrave ainda mais. Porém, com relação a isso, ficamos em dúvida, se realmente o tocar das palavras resolve, pois às vezes falamos, no entanto, não mudamos nossas atitudes, nossa postura e nossa visão diante de alguns fatores que ocorrem no dia-a-dia e, que acabam por alterar todo um ciclo na natureza, por vezes, ocasionando a destruição de habitats, seguida da extinção de muitas espécies.

Em resposta a questão: “o meio ambiente deve ser preservado?” - os assentados demonstram possuir fraco conhecimento sobre a real importância e a função da natureza, com seus bens e serviços. Ressaltam apenas a necessidade de preservarmos o meio, porém, sabemos que tal conhecimento não pode ser considerado como garantia de ações conscientes.

Neste sentido, faz-se importante o desenvolver de trabalhos de EA, com o intuito de que se desenvolva a formação de valores, de atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva, voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais (BRASIL, 1999).

Abaixo apresentamos a fala de um dos assentados:

A natureza é fundamental para nós, com todos os elementos que ela contém, com sua diversidade de espécies. Se não fosse assim, haveria um desequilíbrio total, quer dizer, já há desequilíbrio, afinal temos pouca mata. Já podemos perceber isso aqui mesmo; tem muita pomba na vila, isso porque não tem mata pra elas ficarem; não tem mais gato do mato aqui; isso vai desequilibrando o ambiente. Eu penso que o ambiente deve ser preservado, mas precisamos plantar também para vivermos (Assentado VIII).

Sobre a situação do meio ambiente na atualidade, os pesquisados entendem que está bastante complicada e que isso vem ocorrendo devido às atitudes dos homens, os quais estão colocando em risco toda a vida do planeta. Tais atitudes vêm de encontro ao que traz o artigo 225 da Constituição Federal do Brasil, em seu *caput* que diz: “Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1999).

Com relação a esse questionamento, trazemos algumas opiniões dos assentados:

A situação do meio ambiente está bem complicada hoje. O município tentou trabalhar meio ambiente aqui onde moramos; fizeram até procissão, mas está bem difícil de conscientizar o povo. Daí agora o INCRA tá tomando uma posição: quando a gente foi assentada, a gente concordou que tinha que deixar de mato 20%. Alguns lotes não tinham, mas teriam que plantar, e hoje dá para contar os lotes que têm. Mas se a gente falar isso, alguns assentados ficam bravos, por causa do carvão, da madeira que colhem para vender. (Assentada XXIX).

Com certeza o ambiente precisa ser preservado; há extinção de espécies de animais e vegetais. E todos percebem o quanto as coisas mudaram. Se eu me lembrar da minha infância, tinha riacho com lambaris aqui, hoje, há uma mudança muito grande do ciclo da natureza. Há 25 anos para cá vejo uma grande mudança. O que vai restar para as próximas gerações? (Assentada XIII).

Eu vejo a situação do meio ambiente muito complicada. Se o povo brasileiro não tomar algumas decisões, a vida humana e também de outros seres estarão muito comprometidas. Acho que tem uma torneira muito grande que está derramando ali, que está sendo até acobertada e quando eu digo isso, me incluo e incluo todos nós. Na verdade não vamos diretamente onde está o problema. E, para mim, ele está nas grandes empresas, que têm o monopólio das sementes, e criou um monopólio da necessidade do que fazer, do que plantar. Sou totalmente contra a monocultura do eucalipto, que não é diferente da soja, pois naquele espaço criou um ambiente somente para viver aquela espécie. Onde é só soja, ou só eucalipto, não se encontra um só inseto. As formigas, onde têm eucalipto, nem lá elas conseguem sobreviver, daí não adianta fechar uma gotinha aqui e outra gotinha ali e fechar os olhos para o rio que está ao nosso lado. E, falando nisso, olha a piada daquela propaganda de fazer aquela lavagem tríplice dos recipientes, de fazer todos os cuidados, é tapar o sol com a peneira, é fazer de conta que somos cegos. Consideram que a gente não tem cérebro. E aquela quantidade que [herbicida] foi jogada na natureza? E isso se justifica pela pouca sociologia e filosofia nas escolas, para as pessoas não pensarem. Tem os meios de comunicação para fazer com que preparem o ambiente como as grandes empresas querem e, nós não fomos criados com essa consciência para perguntarmos, questionarmos, irmos avaliando. Estamos mansinhos, preparadinhos para aceitar o que vem sem questionar nada (Assentada XXIII).

Por meio dos depoimentos, constatamos que os assentados defendem a teoria de preservar o ambiente; condenam a ação impensada do homem diante da natureza, porém, são poucos os que se incluem nestas ações.

Parte dos assentados aponta que a responsabilidade de preservar e proteger o meio ambiente são de todos os homens, e nas propriedades, é de cada proprietário. Além disso, alguns assentados relataram que o governo possui grandes responsabilidades, bem como os órgãos não governamentais e o próprio IBAMA.

Responsabilidades cumpridas ou não, o fato é que estamos diante de uma crise ambiental séria, e tal crise aponta para uma diversidade muito grande de opiniões entre as diferentes classes existentes. Tais posições podem, por vezes, estarem relacionados a interesses individuais ou sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos. Essas posturas podem ser resumidas da seguinte maneira:

Postura	Pensamento	Descrição
Ausência da consciência em relação às responsabilidades pela poluição	"Nosso negócio é produzir e dar emprego. A poluição não nos diz respeito."	A poluição é um mal necessário, símbolo do progresso tecnológico e elemento obrigatório de suas atividades.
Consciência sem Comprometimento	"A poluição existe, mas outros devem cuidar dela."	Trata-se de uma atitude reativa: fazer apenas o necessário, para evitar multas e punições; não destinar esforços e recursos para atacar as fontes de poluição.
Comprometimento	"A poluição é um problema que deve ser resolvido por todos nós"	Responsabilidade coletiva gerando ataque diretamente nas fontes geradoras (postura proativa).
Sustentabilidade	"Nosso compromisso também se estende às futuras gerações. Os recursos naturais não foram herdados por nós, de nossos antepassados, mas tomados emprestados aos nossos descendentes."	Responsabilidade social, ambiental gerando atitudes que promovam suporte e equilíbrio no uso e manutenção dos recursos.

Quadro 2: Posturas e pensamentos dos grupos sociais frente à crise ambiental.

Fonte: MEC. Educação Profissional: Referências Curriculares da Educação Profissional. 2000. Com adaptações

A respeito disso, em uma mesma organização social, como a do MST, podemos encontrar, convivendo lado a lado, desde posturas de ausência de responsabilidade até as de sustentabilidade.

Quanto à tabela apresentada acima, uma parte significativa de assentados se insere na postura da consciência sem comprometimento, entendendo que a preservação ambiental é necessária, porém, delegam grandes responsabilidades a outras pessoas.

Já um número mais expressivo de assentados, entende que a responsabilidade de preservar e proteger o meio ambiente é da humanidade como um todo e, que isso deve ser feito de uma forma sustentável. Justificam que, se eles tivessem maiores acessos a tecnologias ambientalmente corretas e a um acompanhamento especializado, teriam maior sucesso em alcançar a tão almejada agricultura ecológica.

Ainda no tocante a responsabilidades, os assentados criticaram o IBAMA por estar desempenhando apenas um papel de órgão sancionador, fiscalizador, “aplicador de multas”, sem estar contribuindo para um papel preventivo ou educativo. Segundo esses agricultores, eles não possuem nenhum auxílio deste órgão quanto às questões ambientais, e, só reconhecem o IBAMA como um órgão ambiental que tem como função “aplicar multas”. Apresentamos algumas colocações dos assentados com relação a esta questão:

A responsabilidade é de todos e, nos municípios pequenos, precisa ser feito algo mais concreto, pois eles [os governantes] não entendem muito sobre o assunto, quem sabe por causa da escolaridade. Tem gente que não sabe que a água do açude penetra no lençol e o estado não se preocupa com isso (Assentada XIII).

A responsabilidade é de cada um, inclusive as autoridades têm seu papel neste aspecto. Tipo na Anonni, as autoridades deixaram derrubar muito os matos e agora eles enxergam de outra forma (Assentado VII).

Que o ambiente deve ser preservado, todos sabemos. A responsabilidade é dos homens, pois eles que são os responsáveis pelos desequilíbrios hoje existentes. Mas a destruição é incentivada através do sistema dos transgênicos que são financiados, como pelos financiamentos agrícolas que, quanto mais volumosa a máquina, mais fácil é o crédito. [...] Eu acho que tem que ter o avanço tecnológico, mas não é o grande trator que vai socando tudo e fazendo uma grande lavoura, a salvação para os agricultores. A responsabilidade é das pessoas [preservar], mas, tem as políticas que fazem isso (Assentado IX).

Todos os assentados relataram ter interesse em preservar e proteger o meio ambiente, bem como disseram que já fizeram ou fazem alguma ação ou omissão para preservá-lo e protegê-lo. Porém, a maioria delega a maior responsabilidade ao próximo e não a si mesmo. Tal visão acaba por comprometer os resultados tidos como satisfatórios em relação à tomada de atitudes em favor a questões ambientais.

Com relação aos atuais problemas socioambientais existe essa lacuna fundamental entre o ser humano e a natureza. É preciso reconstruir nosso sentimento de pertencer à natureza, a esse fluxo de vida de que participamos. Essa mudança de pensamento se dá

através da EA e educação para o consumo, da informação e da mudança de pequenas atitudes.

Segundo Engel, Blackkwell e Miniard (1995), as atitudes desempenham o principal papel na modelagem do comportamento do consumidor. Para esses autores as atitudes relacionam-se ao gostar e não gostar e podem ser definidas, simplesmente, como uma avaliação geral. A motivação, tanto como o processo de compra, pode nesse sentido serem vistos como componentes da atitude.

A atitude mais praticada pelos assentados com relação ao cuidado com o meio envolve a questão da separação do lixo, seguida do plantio de árvores nativas. Os assentados também citam os cuidados especiais com as nascentes e vertentes. Outras atitudes praticadas que se destacaram foram: regeneração de mata ciliar; preservação de jardins; conscientização de alunos; pequenas atitudes ambientais nos cuidados da casa; divulgação de ideias ambientais aos candidatos/políticos; transmissão de ideias a comunidade; conscientização em casa; cuidados com a biodiversidade; discussão sobre o combate a monocultura; práticas simples como recolher tocos de cigarros; cuidados na utilização de venenos e cuidados com o solo impedindo a erosão e mantendo ele verde (Gráfico 3).

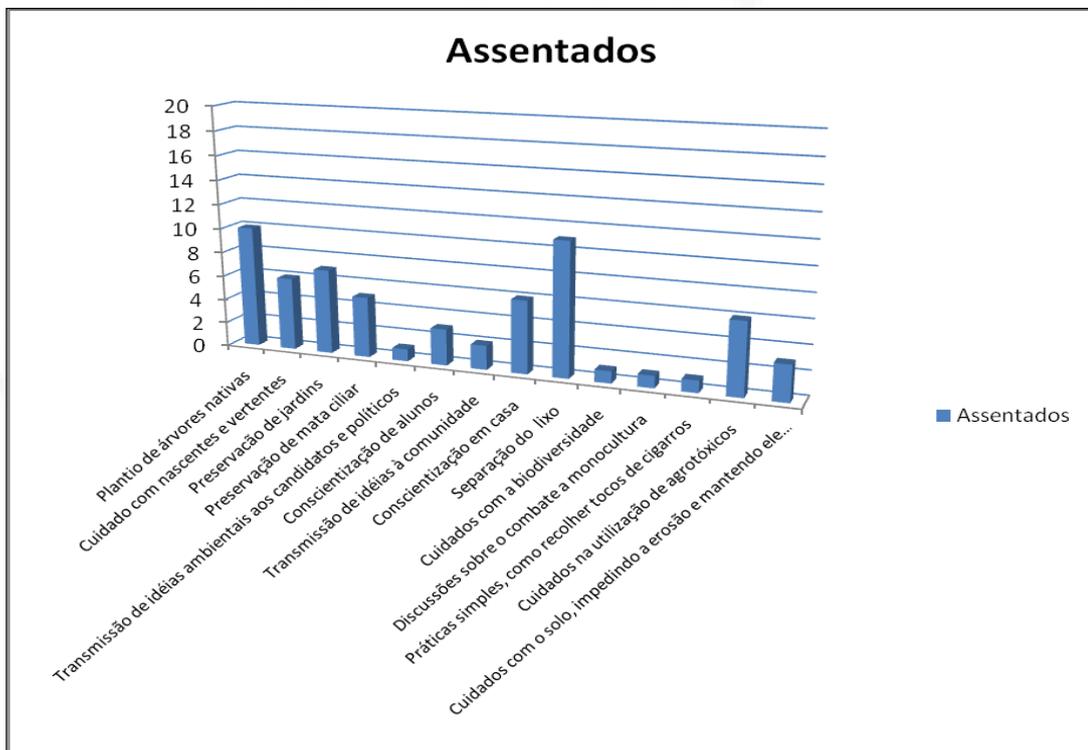


Gráfico 3: Gráfico referente a atitudes ambientais desenvolvidas pelos assentados da Fazenda Annoni.

Trazemos para registro, três das colocações dos assentados quanto a atitudes favoráveis ao ambiente por eles praticadas:

Eu possuo interesse em preservar, toda a minha família sempre foi de preservar. Desde pequena eu cuido do meio; não tínhamos água encanada e o pai plantava bananeira ao redor da fonte e ele dizia que era importante. Depois fomos vendo os aterramentos das nascentes e hoje a gente vê que esta faltando este tipo de consciência (Assentada XIV).

Eu tenho interesse em cuidar, mas até pouco tempo eu não sentia essa necessidade. Hoje eu vejo que tem que fazer alguma coisa para mudar, só não sei bem por onde começar (Assentada XX).

Com os assentados no coletivo, são realizadas poucas atividades, nós ficamos mais restritos dentro da cooperativa, aqui fazemos bastantes atividades no coletivo, mas de um modo geral as pessoas estão se preocupando. (Assentado V).

Uma coisa que eu não fazia, mas que há um bom tempo eu me conscientizei é com a água. Procuo poupar para lavar louças, calçadas, enfim, a água é o que mais preservo e também cuido da questão do lixo, que está sendo coletado pela prefeitura (Assentada XIII).

A preocupação dos assentados com a preservação do meio ambiente é facilmente perceptível e latente. O Instituto Educar trabalha com a temática meio ambiente, principalmente com a questão da agroecologia, porém, esta instituição de ensino é voltada apenas para filhos de assentados e assim os ensinamentos não chegam a todo o contingente de assentados.

Em tom de insatisfação os assentados alegaram que nunca receberam nenhum tipo de informação de entidades, sejam elas do setor público, privado ou da sociedade civil organizada, sobre o que é meio ambiente e como protegê-lo. Em sua maioria, estão dispostos a aprender mais sobre o meio e sobre como suas propriedades podem continuar a produzir sem agredi-lo.

Os assentados não conseguem perceber o ambiente de forma integrada, fato este que se dá pela carência de conhecimentos relacionados a este aspecto. Esta situação não responde ao que nos traz o Art. 5º da Lei nº 9.795 de 27/04/1999. A referida Lei descreve os objetivos fundamentais da EA, tratando da importância de compreendermos o meio ambiente de forma integrada; da democratização das informações ambientais; do estímulo e fortalecimento de uma consciência crítica sobre problemáticas ambientais e sociais; do incentivo à participação tanto individual, como coletiva, na preservação do equilíbrio do meio ambiente; destaca os princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade; fala da importância de integramos a ciência e a tecnologia e, por fim nos deixa claro da importância de fortalecermos a cidadania, a autodeterminação dos povos e a solidariedade para garantirmos o futuro da humanidade (BRASIL, 1999).

Salientamos que existem programas específicos que trabalham no sentido de sanar estas carências de informações, como as percebidas pelos assentados. Um deles denomina-se Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), que tem como proposta, promover condições para que os diferentes segmentos sociais disponham de instrumental, inclusive na esfera cognitiva, para participarem na formulação de políticas para o meio ambiente, bem como na concepção e aplicação de decisões que afetem a qualidade do meio natural e sociocultural. O eixo central do ProNEA é o desenvolvimento de trabalhos que visem a sustentabilidade ambiental, buscando com isto não apenas a proteção ambiental, mas também melhorias na qualidade de vida da população (BRASIL, 2005).

Podemos citar como diretrizes deste programa: a) Transversalidade e Interdisciplinaridade que estimula o diálogo, a participação e avaliações entre diferentes políticas setoriais, zelando ao mesmo tempo pela interiorização da EA pela sociedade; b) Descentralização Espacial e Institucional na qual privilegia o envolvimento democrático dos atores e segmentos institucionais na construção e implementação das políticas e programas de EA; c) Sustentabilidade Socioambiental que visa melhorias nas condições ambientais e na qualidade de vida através de ações que envolvem a sociedade como um todo; d) Democracia e Participação Social que garante o poder de discussão, formulação, implementação, fiscalização e avaliação das políticas ambientais voltadas à formação de valores culturais comprometidos com a qualidade ambiental, bem como, com a justiça social; e) Aperfeiçoamento e Fortalecimento dos Sistemas de Ensino, Meio Ambiente e outros que tiverem interface com a EA, em parceria com a PNMA (BRASIL, 2005).

Quando questionados sobre a forma que estes treinamentos poderiam ocorrer, para que os assentados adquirissem maiores conhecimentos sobre o meio e sobre suas ações neste, surgiram às seguintes colocações: através de palestras, cursos de formação, visitas a outras propriedades modelos, visitas a centros de ensino e pesquisa, dias de campo e publicações especializadas.

5.3 PERCEPÇÃO DOS ASSENTADOS EM RELAÇÃO AS SUAS PROPRIEDADES

A percepção que os entrevistados têm de suas propriedades em relação ao meio ambiente é, em um primeiro momento, e quase que na integridade dos casos, de que estas propriedades agridem ou poluem o meio, mas de forma amena. Embora, no aprofundamento das perguntas, houve significantes contradições a esse respeito. Estes

indivíduos demonstram, em suas falas, interesses em adotar novas tecnologias que ajudem na diminuição da utilização de insumos. Com isso, afetaria menos o meio e também reduziriam os custos.

Os sujeitos estudados apontaram que a vida deles é agradável nos assentamentos. Ressaltaram que possuem uma boa relação com a natureza. Para alguns dos entrevistados, poderia haver melhorias se ocorressem trabalhos de conscientização e comprometimento de todos, no sentido de diminuir o índice de desmatamento, que houvesse melhorias na qualidade da água. Entre os entrevistados apenas um indivíduo declarou que a vida não é boa nos assentamentos, no aspecto ambiental, em virtude do desmatamento e destruição ali existente, mas que havia qualidade de vida em razão do trabalho que realizam. Abaixo, elencamos algumas das considerações relatadas pelos assentados:

A vida aqui nos assentamentos não é boa em relação ao meio ambiente, tem muita destruição, teve muito desmatamento. O INCRA nunca fez nada impedindo isso, e inclusive a gente nem gosta muito de falar. [...] Em geral a qualidade de vida é boa aqui, o agricultor tem que produzir e trabalhar, e a gente vêm de pequenos agricultores, sabemos que nada é fácil, só que faltou incentivo de aplicar o recurso em cima da produtividade, não se teve um direcionamento de produção. Agora está tendo com o gado leiteiro, após a entrada de cooperativas, que estão fazendo cursos, incentivo, sem isso não dá (Assentada XX).

A vida aqui é boa; para mim é o melhor lugar no mundo. Eu gosto. Não tem violência, não precisa passar chave em nada e isso é uma coisa boa né. Precisando de ajuda, tudo mundo vem trabalhar, a gente gosta, pois às vezes você sai ai e vê muita coisa ruim por aí (Assentada XII).

Eu gosto da vida aqui nos assentamentos. Mas acho que poderia ser melhorado bastante, preservado mais; com isso estaria melhorando essa mudança de clima, excesso de chuva ou seca, também a questão do desmatamento que está tendo ai, pois as pessoas não estão preservando (Assentado XXVII).

Não tenho dúvida que a vida aqui é boa, mas eu acho que teria como ter sido feito algo mais assim pelo município; quero dizer mais no geral, a prefeitura deveria trabalhar mais, tem coisas que não são feitas, pois, não tem incentivo (Assentado XXII).

No tocante aos impactos ambientais, nem todos os agricultores reconhecem que suas atitudes podem prejudicar o meio ambiente. Mas, grande parte dos assentados relataram algumas ações agressoras: o uso demasiado de sacolas plásticas que utilizam no dia-a-dia; a queima do lixo que é praticada por alguns assentados; os danos causados por produtos domésticos como detergentes que utilizam em suas casas; os herbicidas que

utilizam nas plantações e que prejudicam quando não fazem rotação de cultura. Esses são alguns dos relatos dos assentados sobre o assunto:

Alguma agressão sempre vai acontecer, mas tem maneira de amenizar, mas o agricultor tem que estudar para isso. Meu pai não usava agrotóxico, era enxada, mas nos últimos anos de vida do meu pai ele colocava maquininha nas costas e passava herbicida, mas era sofrido, cansativo na época [trabalhar somente com a enxada]. Minha mãe tem problemas sérios com o desgaste físico que surge com a idade, é complicado por na balança tudo isso; de uma forma prejudica e de outra mata, como os agrotóxicos (Assentada XXIII).

Você mesmo não querendo acaba agredindo o meio; sempre faz uma coisa ou outra que não é totalmente o ideal; não existe uma pessoa certinha, você pode melhorar, mas deixar de prejudicar é praticamente impossível (Assentado V).

No dia a dia, tem práticas que não prejudicam, e outras que prejudicam sim; o modelo tecnológico agride mesmo não sendo com a utilização de transgênicos. Mas se usa herbicidas sim (Assentado III).

Durante as entrevistas, 12 assentados apresentaram ter algum conhecimento sobre impacto ambiental. A outra grande parte, já tinha ouvido falar sobre o tema, porém, não sabiam de fato o que era. Vejamos o depoimento de uma assentada a respeito:

Impacto ambiental, eu já ouvi falar. Seriam as consequências do que fazemos com a natureza; talvez o impacto não ocorra agora, mas às vezes vem depois de 10, 20 anos, bem como a alimentação inadequada pode me prejudicar depois de certo tempo (Assentada XII).

Quando perguntados se as atividades agrícolas que eles desenvolvem, como: a bacia leiteira, o plantio da soja, do milho entre outras, se estas, poderiam prejudicar o meio ambiente, duas pessoas informaram que não. Entre essas, uma afirmou que: “Não, se trabalhando corretamente.” A outra disse: “Não, pois são poucos gados, não chega a prejudicar”. Todos os demais pesquisados afirmaram que as atividades agrícolas as quais desenvolvem podem prejudicar o meio ambiente, seja, ocasionado pequenos danos com pouca visibilidade ou até aqueles com maiores riscos para a natureza.

Muitos relataram ainda, que o gado pisoteia o ambiente e isso vem a prejudicar a natureza; que a monocultura prejudica demasiadamente o solo; que lavar e arar a terra da

mesma forma prejudica o meio ambiente e que a água está sendo contaminada com os derivados de petróleo existente nos insumos agrícolas. Neste sentido, trazemos três diálogos dos assentados:

Eu acho que sim [as atividades prejudicam o meio ambiente], se o cara não fizer o manejo correto e adequado do solo, eu acho que o meio ambiente é prejudicado. Com a seca, tive que colocar as vacas no mato; elas não tinham o que comer, eu sei que estou atingindo o meio ambiente desta forma, pois elas estão destruindo o mato, mas para elas não morrerem tive que por lá, mas é a necessidade (Assentado III).

Eu acredito que tem como produzir [sem agredir o meio ambiente], tendo projetos com boas técnicas, a tecnologia também tem que chegar aqui, tipo o biogás na cooperativa têm, mas nas propriedades não existe (Assentada VII).

As atividades na agricultura talvez ocasionem impacto. A soja quem sabe não em grande quantidade, uma parte pode causar, mas, não em grande quantidade. Mas a monocultura como eucalipto em geral ocasionaria um impacto bem maior (Assentado II).

Percebemos nos assentados, otimismo no sentido de que ocorram cursos e ações de formações, nos assentamentos, que tragam respostas às dúvidas por eles apresentadas. Demonstraram o desejo de aprender técnicas que lhes possibilite obter lucros sem prejudicar o meio. Questionamo-nos se esse desejo não seria um pouco utópico por parte dos assentados. Vejamos abaixo algumas das opiniões dos assentados nesse sentido:

Bom, tem como produzir sem agredir, só que você sempre faz uma intervenção, o que precisaria é que ela fosse a menor possível, pois na hora do plantio vou ter que cavar o solo. Então eu acho que temos que diminuir esse fluxo enorme de destruição sem respeito nenhum. Por exemplo, acho que posso tirar lenha do mato para me aquecer, até para vender, têm árvores, aquelas que acabam o ciclo, quebram, caem por causa do vento, mas não posso derrubar uma árvore, tem como fazer o manejo. Mas as grandes empresas nem estão aí, elas jogam veneno por avião. Isso sem falar nos focos de incêndio para pastagem. Estes acontecimentos acabam por colocar nossos ecossistemas em perigo constante (Assentada XXIII).

Na região tivemos mais produção ecológica. Mas, de forma isolada a gente não avança, tem que ter apoio da sociedade e das políticas públicas; um que outro agricultor pode conseguir, mas é insignificante. Na hora de competir, assistência técnica é tudo o contrário, a nossa experiência de trabalho coletivo existe em outros lugares, outros assentamentos, mas há crítica na sociedade, pressão de destruir os trabalhos coletivos. Olham nós como algo ridículo, do atraso, nós viramos chacota, não é apenas vontade do trabalhador. Políticas públicas, é muito sonho, é muita fantasia, é

impossível avançar desse jeito, para que isso ocorra, é necessário a sociedade sentir de perto nossa realidade. Acho que as universidades são muito ruins nesse sentido, a maioria delas só forma economistas para vender pacotes, há debates na sociedade na universidade, mas debate romântico eu falo isso de cadeira cativa. Mesmo no tradicional, que não é orgânico você não consegue, nas cooperativas nem na EMATER é muito pobre isso, o problema não é o agricultor começar, tem que criar esse movimento (Assentado XXIV).

Para muitos dos assentados existe a possibilidade de produzir sem agredir o meio ambiente. Estes almejam e confiam num desenvolvimento sustentável, mas para isso, enfatizam a necessidade de selecionar práticas sustentáveis e menos agressivas.

Quanto á terminologia desenvolvimento sustentável temos que ter cautela na sua utilização, pois para Gliessman (2000, p.52) “a sustentabilidade significa coisas diferentes para distintas pessoas, mas há uma concordância geral de que ela tem uma base ecológica” O mesmo autor (op. cit.) nos dá a sua versão de sustentabilidade: “no sentido mais amplo a sustentabilidade é uma versão do conceito de produção sustentável - a condição de ser capaz de perpetuamente colher biomassa de um sistema, porque sua capacidade de se renovar ou ser renovado não é comprometida.”.

Quando questionados se consideravam incomodados com algum aspecto relacionado ao meio ambiente, três assentados afirmaram que ainda não, e todos os demais disseram que se sentem incomodados com algum ponto, ou mais. Entre os elementos que os mais perturbam está á poluição, o desmatamento, o uso de agrotóxicos, secantes, a ventania e o vento minuano¹⁷.

Quando desenvolvíamos a pesquisa de campo, convivemos com bastante intensidade com o Vento Minuano. Percebemos que os agricultores precisam de muitas roupas de abrigo ou “corta vento” no período em que ele vem visitar-lhes, e isso também dificulta o trabalho do dia-a-dia no campo, porque o seu sopro gélido sempre deixa a sensação de mais frio.

Na região dos Pampas, bem como na do Planalto Médio, que é a região de Pontão, o Minuano não encontra obstáculos, devido à grande extensão de campos, e sopra de forma

¹⁷ Vento minuano é o nome dado à uma corrente de ar que tipicamente acomete no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, sopra pelo Pampa, atravessa o Planalto Médio, podendo atingir o estado de Paraná e Santa Catarina. É um vento frio de origem polar (massa de ar polar atlântica), de orientação sudoeste, algumas vezes também classificado como cortante. Ocorre após a passagem das frentes frias de outono e inverno é muito caracterizado pelo seu assóvio agudo que marca a sua presença. Acredita-se que o nome dessa massa de ar polar venha dos Minuanos, uma tribo indígena já extinta, formada por índios guerreiros e grandes cavaleiros nômades que viviam na região oeste do território gaúcho. O Vento Minuano é muito conhecido no Rio Grande do Sul e por isso se tornou título de muitas músicas nativistas, como as compostas por Teixeira e Gaúcho Sulino além de várias outras interpretações (FLORES, 2010).

contínua. Assim, ele penetra nas casas mesmo com as portas e as janelas fechadas, não traz destruição material, porém, agride com intensidade os lábios, os dedos, esfria o ar dentro dos pulmões e aumenta o medo dos idosos de morrerem, pelo fato de temerem não resistirem o seu frio cortante.

Uma medida paliativa para diminuir a intensidade do Minuano nos lares dos assentados é os “corta ventos”, que é a existência de grandes árvores, geralmente o eucalipto, nas proximidades de suas casas para minimizar o seu impacto.

Abaixo relatamos algumas colocações dos assentados sobre aspectos que lhes incomodam ou prejudicam em relação ao meio ambiente:

Não me considero prejudicada; ainda aqui não acontece nada que seja tão marcante neste aspecto (Assentada XIX).

Não existe algo que me faça mal, aqui é poluído sim, mas ainda é menos poluído que em outros locais. Quando vou a Passo Fundo¹⁸ percebo a diferença, lá a fumaça e o calor é bem maior (Assentada XIV).

Sim, acho que me incomoda: a queima e a fumaça destroem muitos lugares, pois tem uns que não estão conscientizados ainda (Assentado I).

A poluição incomoda sim, faz mal. Eu tenho problema de câncer sei que isso é fruto da alimentação e dos agrotóxicos; os agricultores da Revolução Verde que trabalhavam na agricultura estão com esse problema que eu tenho, em virtude dos venenos (Assentado III).

Percebemos que nem todos os assentados conseguiram identificar algo que lhes incomodassem nesse sentido. Alguns, no momento, preferiram dizer que tudo estava muito bom e outros citaram alguns problemas ambientais que lembraram no momento, dizendo que poderia ter mais situações, porém, que por ora não lembravam de cabeça.

Alirol (2001, p.24) relata que “diferentes atores não vêem os problemas ambientais e de desenvolvimento da mesma maneira (...). O sentimento de responsabilidade, ou a idéia que dele se faz, varia enormemente, conforme a categoria social ou profissional à qual se pertence.” Em particular as respostas dos assentados confirmam o ensinamento do autor, pois eles, sendo pertencentes a uma mesma categoria social, levantaram os mesmos problemas ambientais, na grande maioria sendo os relacionados à poluição.

¹⁸ Cidade vizinha de Pontão, com cerca de 250 mil habitantes, que a assentada vai diariamente cursar faculdade no período da noite.

Quando questionamos os assentados se conversavam em casa sobre o tema “meio ambiente”, diagnosticamos que, 75% dos entrevistados conversam frequentemente com a família sobre assuntos relacionados ao meio ambiente, natureza, catástrofes, entre outros; os outros 25% conversam com pouca frequência ou até mesmo raramente com as suas famílias. Abaixo relatamos duas respostas fornecidas pelos assentados referentes o tema:

Em casa discutimos bastante sobre o meio ambiente. Meu irmão traz bastante trabalhos ambientais da escola [...] Falamos sobre o vento que levaram as casas, mesmo as de material que levou tudo (Assentada XXX).

A gente conversa, temos dois filhos, eles na escola fazem bastante pesquisas sobre meio ambiente (Assentado X).

Olha a gente sempre comenta algo sobre o meio ambiente em casa, porque esse assunto aparece na TV diariamente. Percebemos que é um assunto muito polêmico, que envolve interesses diversos e que vem ocasionando muita preocupação, principalmente por parte de ambientalistas (Assentado IV).

A temática ambiental embora discutida nos lares dos assentados, não é sempre um assunto espontâneo entre eles. Constatamos, após análises efetuadas, que o tema é abordado porque os filhos trazem algum trabalho escolar para realizar em casa através da EA formal ou demonstram maior interesse em discutir o assunto depois de ocorrerem fenômenos ambientais indesejáveis como os tornados, secas e enchentes.

Constatamos ainda na temática ambiental, que comunicação não é uma simples relação de pessoa mais pessoa, mas sim um processo interativo e complexo, que envolve diferentes interesses, bem como, situações específicas. Ao trabalharmos com situações que envolvem o meio ambiente temos que estar preparados para entender a complexidade do tema. Precisamos ter ciência de que as pessoas possuem visões diferentes, opiniões próprias, já pré ou pós-construídas e, que teremos que ser flexíveis o necessário para conseguirmos desenvolver trabalhos que permeiem a crítica, a equidade e o saber.

Não há respostas, nem receitas prontas quando trabalhos com esse tema. Sabemos que é preciso beber nas fontes do saber já elaborado, mergulhar no entendimento do saber que só nós seremos capazes de construir e achar os canais para divulgação desse saber (MORIN, 2002).

5.4 LEGISLAÇÃO AMBIENTAL NA VISÃO DOS ASSENTADOS DA FAZENDA ANNONI

O tema legislação ambiental foi discutido indiretamente com os assentados através de pontos como áreas de preservação permanente, áreas de reserva legal e ripárias que para eles são medidas importantes e necessárias. Houve divergência entre eles quando questionamos se essas áreas de proteção ambiental poderiam prejudicar a sustentabilidade das propriedades. Uma parte, correspondendo metade dos assentados entrevistados, afirmou que as áreas de preservação os prejudicam economicamente. Já, para a outra parte não os prejudica economicamente e nem em termos de desenvolvimento.

Vale ressaltar, que entre aqueles que afirmaram que essas áreas de preservação os prejudicam economicamente, um número bastante expressivo afirmou que os prejuízos econômicos serão plenamente compensados com os benefícios ambientais.

Dentro da temática, um ponto relevante levantado por cinco assentados, é de que eles entendem que as medidas de proteção ambiental impostas pelo poder público para a sociedade cumprir, estão direcionadas praticamente apenas para o meio rural. Não percebem para a zona urbana essa exigência do governo e da sociedade com a preservação ambiental. Segundo os assentados, a sociedade, quando aborda o assunto meio ambiente volta-se quase que exclusivamente para o homem do campo, os quais devem manter a mata ciliar, as áreas de reserva legal; ter cuidado com a rotação de cultura; realizar o plantio direto; não utilizarem produtos químicos; produzirem organicamente e manter com qualidade as fontes de água entre outras medidas protetivas. Neste momento, os assentados nos questionavam: “o que na cidade fazem para preservar o meio ambiente? Há mata ciliar? Existem áreas verdes?” Há tratamento dos esgotos?

Entendemos que os questionamentos dos entrevistados não foram escusas para eles não terem atitudes ambientalmente corretas, mas um manifesto pelo dever de todos defenderem e protegerem o meio ambiente para as presentes e futuras gerações. Também relataram que o Estado exige intensamente a proteção ambiental, mas não fornece auxílio e incentivo para desenvolverem projetos ambientalmente corretos. Citamos cinco relatos dos assentados nesse sentido:

Já ouvi falar sobre área de reserva legal, acho muito importante ter [...] Vai ter menos espaço, mas acho que poderia conciliar com algum animal. Nas beiradas é importante, temos que cuidar esses espaços, plantarmos pés de

frutas. Pois ter aquele espaço só para mata? Plantar alguma coisa nela, um pé de fruta. Será que dá? (Assentado II).

Área de reserva legal, essa discussão esta fervendo na região; tem várias compreensões, pegamos o estado de Santa Catarina, por exemplo, têm muita contradição para eles, e eles estão sofrendo quatro, cinco vezes por ano fortemente de enxurradas, deslizamentos e eles não estão conseguindo visualizar isso [áreas de preservação ambiental] e é de grande importância. Mas tem algumas coisas a serem consideradas, como por exemplo, como manejar essas áreas? Qual a forma que o governo ajuda a repor? Tem países que o Estado repõe. É besteira brigar, mas não preservar [...] mas qual forma que o governo vai ajudar a repor? (Assentada XXIX).

Sobre reserva legal acho que tem que ter sim, mas indenizar as pessoas que perdem suas áreas, de maneira justa [...] tira 30 metros da propriedade, tira quase toda a pastagem do gado, assim perdem a metade, mas daí o governo deveria indenizar porque eles não tem como sobreviver (Assentada XXV).

Depende do que ele produzir vai diminuir [a sustentabilidade] e se acertar na produção não. Porque para a juventude é mais fácil fazer a mudança do tipo de agricultura, mas para os pequenos agricultores que plantam soja, milho, há quarenta anos, se tirar deles essa cultura não vai ser realidade para eles, eles não vão conseguir fazer essa mudança de forma tão natural assim (Assentado VI)

Em relação á licença ambiental, os assentados possuem um conhecimento bastante superficial sobre o assunto. Apenas 12 (40%) afirmaram que possuem conhecimento sobre licença ambiental, relatando que sabiam do que se trata e em que casos deveriam utilizá-la. A outra parte dos entrevistados afirmou que apenas ouviu falar alguma coisa a respeito e, nenhum assentado informou que não sabia o que era.

Entre os pesquisados que afirmaram ter conhecimento sobre licenciamento ambiental, constatamos, no decorrer das conversas, que na realidade possuem informações muito vagas e restritas. Para um grande número de assentados, licença ambiental restringe-se ao significado de autorização para derrubada de árvores. Um dos assentados afirmou que:

Licenciamento ambiental: é umas das leis novas, tipo para o corte desde eucalipto, eu tenho que ter licença para isso. Eu comparo essas Leis à gripe suína, pouco se sabe sobre ela. O que fazem pra sabermos mais sobre essas Leis? Não têm folder, não tem propaganda, nunca chamaram ninguém, nem a própria Secretaria de Agricultura [municipal] para nos passar esclarecimentos a respeito. Não sabemos como funciona o licenciamento, por enquanto vamos levando assim: sem saber (Assentado IX).

De todos os entrevistados, apenas os assentados cooperados da COOPTAR apresentaram ter conhecimento mais profundo sobre o tema licença ambiental. Na presente pesquisa, os cooperados falaram possuir todo o processo licenciatório do abatedouro, e por isso, demonstravam ter o conhecimento sobre o assunto e sobre a sua abrangência.

A legislação brasileira exige que todos os assentamentos necessitam estar licenciados para que possam assentar os agricultores sem terras. Na época da pesquisa (2009-2010) o IBAMA e o INCRA estavam recolhendo informações com os agricultores para regularização fundiária dos assentamentos e acredita-se que esses dados provavelmente podem ser utilizados para realizar o licenciamento ambiental dos assentamentos existentes dentro da antiga Fazenda Annoni.

Tratando da legislação ambiental, aproveitamos para abordarmos sobre o sentimento que os assentados possuem com o lugar em que vivem. Afirmaram que o ambiente ideal para se viver é nos assentamentos, local em que já estão instalados, ou até fora dos assentamentos, desde que seja no campo. Nenhum assentado relatou ter interesse de sair das suas propriedades para morar em outros lugares. Fato esse que também demonstra o sentimento topofílico¹⁹, de apego pelo lugar em que vivem. Observamos algumas colocações feitas pelos assentados nesse sentido:

Se eu quisesse outro lugar já teria vendido aqui; daqui não saio; estou bem aqui, ainda planto (Assentado VIII).

O lugar ideal é continuar com a vida no campo. Uma vez pensávamos que teríamos que ir para a cidade por causa do conforto. Mas agora temos tudo aqui: água encanada, luz, telefone. Às vezes temos uma crise, mas quero ficar aqui, não vale à pena sair. Aqui se tem todo o espaço conquistado, a casa, a escola (Assentada XX).

Eu gostaria de morar no mesmo lugar, talvez fazendo plantio de mais árvores, preservando mais o ambiente, por que eu mesmo posso estar prejudicando ele, mudando o sistema; mas, quero continuar morando aqui; eu gosto de morar no assentamento (Assentado IX).

O lugar ideal para se viver é no campo, por causa do espaço, temos jardim, árvores. Um filho educado no campo é bem diferente que na cidade, não tem opções de lazer no campo, mas na cidade não se tem lazer também, pois o que pensam que é lazer na realidade não é (Assentada XII).

O meu sonho é talvez que eu tenha que sair para não perpetuar sempre no mesmo espaço, mas eu vou sempre continuar com o trabalho para o Movimento. O pobre do campo como da cidade é muito excluído e, há uma

¹⁹ Sentimento de atração do ser humano pelos aspectos físicos, especialmente paisagísticos, de um determinado ambiente (MARIN; OLIVEIRA; COMAR, 2003).

divida social do governo com a educação. Quero trabalhar com a educação eu gostei de morar na região. (Assentada XVI).

O lugar ideal para morar é aqui, nunca pensei em sair daqui (Assentada XIV).

O lugar ideal para morar é aqui, mas como aqui na Agrovila, que é perto um do outro; não é tão retirado como nos outros lugares do interior, e nem tão próximo uma das outras pessoas como nas cidades (Assentada XXVI). Não tenho outro sonho, o lugar ideal é aqui. Tenho sonho que meus filhos continuem aqui; hoje há um vazio no interior; mas a agroindústria, quem sabe, seja uma motivadora (Assentado X).

O problema da permanência do trabalho com a terra é real para muitos agricultores, pois muitos dos seus filhos estão deixando as plantações e a vida no campo. Essa problemática se dá por falta de renda suficiente para manter um padrão de vida considerado razoável pela nova geração (por razoável, aqui, devemos entender: alimentação, vestimenta, saúde, água, energia, transporte e educação). Mas, nos assentamentos em estudo, muitos destes agricultores, mesmo não ganhando o suficiente para manter suas famílias na terra; acreditam e incentivam os seus filhos que este ainda é o melhor lugar para viverem. E, por isso, os jovens almejam continuar na vida do campo e sentem-se orgulhosos em serem agricultores.

5.5 O USO DE FOTOGRAFIAS COMO INSTRUMENTO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ASSENTADOS

Sabemos que a EA “é um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores, e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros” (UNESCO, 1987).

Neste foco, apontamos que a EA deva priorizar a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma multi - inter e trans - disciplinar, ajudando a desenvolver uma consciência e valorização por parte dos agricultores nas áreas em que estão assentados. Um dos métodos que podem ser utilizados neste sentido é o trabalho com interpretação ambiental.

Segundo Ham (1992, p. 265) a Interpretação Ambiental envolve: “[...] a tradução da linguagem técnica de uma ciência natural ou área relacionada em termos e idéias que as pessoas em geral (que não dominam o conhecimento científico), podem entender facilmente, e implica fazê-lo de forma que seja divertido e interessante para eles”.

Um das técnicas que escolhemos com o intuito de que os assentados realizassem a interpretação do meio segundo suas próprias percepções (por acreditar que ela se encaixe no perfil acima citado), foi a análise de ambientes por meio da fotografia ambiental. Efetuamos esta escolha por entendermos que a visualização do meio em estudo proporciona maior interesse e conseqüentemente uma melhor aprendizagem por parte do grupo que participa desta atividade.

Esta técnica não apenas nos favoreceu a interpretação de como esses assentados percebem a localidade, mas também serviu como uma ferramenta que auxiliou os mesmos a obterem um conhecimento e reconhecimento melhor da área, por meio de aprendizados, descobertas, sentimentos de enraizamento – através de memórias que foram silenciadas num processo histórico e, que puderam vir à tona no momento em que executavam a tarefa, além de estender os horizontes perceptivos e reflexivos destes agricultores.

Salientamos que estes horizontes perceptivos acontecem sempre de forma diferente entre os indivíduos, isto é, cada pessoa apresenta determinada percepção com relação ao espaço e sua experiência de vida. Esse mundo percebido através da apreensão dos significados provoca a construção mental, na qual a razão não decodifica essas imagens.

E, é neste processo de percepção do meio ambiente, que a fenomenologia fornece subsídios que permitem desvendar o mundo percebido e vivido do ser humano, mostrando neste tempo, que estes estão sempre compartilhando percepções comuns e mundos comuns, pelo fato de possuírem órgãos similares (OLIVEIRA, 2006).

Segundo Chamarelli Filho (2005, p. 3) as fotografias são “[...] um método, com o qual se observa a realidade [...] a foto reage de maneira reflexiva ao procurar ser: um intervalo perceptivo de uma realidade, como generalidade dos (aos) acontecimentos e do olhar habitual dos fatos”.

É nesse pressuposto da imagem fotográfica, de permitir a alguém observar recortes fixados da realidade, da percepção habitual dos fatos, que impomos à fotografia o crédito de ser um instrumento facilitador do estudo da Percepção Ambiental. Como ícone, a fotografia permite a um observador ler circunstâncias de um contexto, permitindo que a realidade ou fragmento se revele de maneira tão corriqueira que pode ser pensada como significativa, ou elemento revelador da realidade.

Incorporar a análise de imagem numa pesquisa de percepção é importante para que o estudo de imagens ou, um estudo que incorpore imagens, na criação ou coleta de dados, possa ser capaz de revelar algum conhecimento sociológico que não seja acessível por nenhum outro meio. É que a fotografia constitui uma forma de conhecimento visual do mundo. Nesse sentido, o fotógrafo também é um produtor de conhecimento e seu trabalho é, sem dúvida, um trabalho intelectual.

A respeito do assunto Martins (2009, p. 24) esclarece que:

No campo da pesquisa social a fotografia pode ser utilizada como fonte e registro factual de informações de trato sociais sobre a realidade social. Uma fonte que documentasse o que os instrumentos usuais e já tradicionais de pesquisa não documentam ou documentam insuficientemente, uma novidade mágica na revelação de dimensões novas e inesperadas da realidade social.

Para trabalharmos com as fotografias na pesquisa, dispomos de duas metodologias visuais, segundo Banks. O autor nos apresenta duas correntes principais de pesquisa visual nas Ciências Sociais:

A primeira gira em torno da criação de imagens pelo pesquisador social (tipicamente fotografias, filme e gravações, mas também desenhos e diagramas) para documentar ou subsequentemente analisar aspectos da vida social e interações sociais. A segunda corrente de pesquisa visual gira em torno da coleta e do estudo de imagens produzidas ou consumidas pelos sujeitos da pesquisa. Aqui o foco do projeto de pesquisa é mais obviamente visual, e os sujeitos de pesquisa têm, de forma mais evidente, uma conexão social e pessoal com as imagens. (BANKS, 2009, p.19-21).

A respeito do assunto Martins (2009, p. 22) enfatiza que:

Diferentemente do uso que os historiadores fazem das fotografias, ao sociólogo a imagem fotográfica põe-se o fato adicional de que a fotografia não é apenas documento para ilustrar nem apenas dado para confirmar. Não é nem mesmo e tão-somente instrumento para pesquisar. Ela é constitutiva da realidade contemporânea e, nesse sentido, é, de certo modo, objeto e também sujeito.

Assim, acreditamos que numa pesquisa em área multidisciplinar, as imagens podem mostrar o seu resultado tanto quanto ou mais que as palavras. Isso sem considerarmos que a sociedade, cada vez, tem se tornado mais visual, sendo influenciada pela alta tecnologia disponível por: máquinas fotográficas instantâneas, webcam, internet, telefones celulares que fotografam Messenger; assim, o “crer para ver”, de antigas concepções populares, tornou-se quase um pressuposto de certas orientações investigativas e interpretativas. E, não esquecendo que dos sentidos, a visão é o mais interativo, pois o ver é, geralmente, recíproco, aquele em que o outro vê interfere no que nele vejo.

Portanto, além das entrevistas (que formaram os dados verbais da pesquisa), também utilizamos, em combinação, dados visuais para analisarmos e apresentarmos a Percepção Ambiental destes assentados. Optamos para isto, pela segunda corrente proposta por Banks, onde cada assentado entrevistado também seria o autor de suas próprias imagens.

Foram extraídas, para essa análise, cento e vinte fotografias, tomando-se como critério as de maior expressão em função de aspectos como: beleza, impacto, impressão e diferenciação das demais.

De cada segmento (elementos que compõem o meio ambiente, aspectos positivos e negativos) foram extraídas fotografias para, a exemplo de Oliveira (2006), proceder à análise, em detalhe, da representação de alguns dos indivíduos do universo amostrado.

Salientamos que o objetivo das fotografias na presente pesquisa de Percepção Ambiental possuiu uma tendência exploratória e não simplesmente confirmatório. Ou seja, as imagens não foram empregadas tão somente como método de coleta de dados de dimensão e forma predeterminadas, que vão confirmar ou refutar uma hipótese previamente postulada, mas sim, como método destinado a levar o pesquisador a esferas que ele pode não ter considerado durante suas falas e em direção a descobertas que não tinham sido previstas.

As imagens fotográficas realizadas pelos assentados também trouxe um viés etnográfico²⁰ para a pesquisa, pois, demonstrou o comportamento natural dos assentados em seu próprio ambiente, distante do ambiente artificial de um laboratório ou de uma conversa formal com o pesquisador.

²⁰ Entendemos como viés etnográfico a metodologia de pesquisa em que os dados recolhidos são provenientes de fontes diversas, nomeadamente observação participante, propriamente dita, que é o que o observador aprende, vivendo com as pessoas e partilhando suas atividades. Mas, também através das conversações ocasionais no terreno, portanto não estruturadas e mediante o estudo, quer de documentos oficiais, quer, sobre tudo, de documentos pessoais, nos quais os nativos revelam os seus pontos de vista pessoais sobre a sua vida ou sobre eles próprios, e que podem assumir a forma de diários, cartas, autobiografias (FINO, 2010).

A presente pesquisa por fotografias buscou uma compreensão do que realmente os assentados fazem, em contraposição ao que eles dizem fazer, ou ao que as regras da sociedade diriam que eles deveriam fazer.

Para a obtenção das fotografias foi fornecida uma máquina fotográfica descartável para cada assentado e assim pedimos que eles criassem suas próprias imagens, conforme suas preferências sobre o meio ambiente.

A ideia aqui é de que tais imagens geradas pelos sujeitos da pesquisa revelassem os entendimentos de meio ambiente e, talvez da percepção de forma mais geral, dos próprios sujeitos ou aspectos de vidas e ambientes dos sujeitos de pesquisa que estivessem simplesmente indisponíveis para o pesquisador.

Percebemos durante a análise que, esta atividade estimulou os atores sociais participantes a observar o contexto do ambiente local e ajuizar perceptivamente costumes e hábitos bem como vivenciar situações de estranhamento sobre práticas vigentes no uso do ambiente.

Foram registradas pelos pesquisados imagens do ambiente dos assentamentos: jardins, por do sol, lavouras, hortas, criação de gado, trabalho mecanizado, árvores, moradias, ambiente de estudo dos seus filhos, flores, ninhos de pássaros, pomares, agrovila, colmeias, cortes de árvores. Depois das entrevistas e dos diversos ensaios com imagens realizados pelos assentados, desenvolvemos uma técnica de investigação qualitativa na qual, os assentados teriam que comentar as suas fotos.

Nos assentamentos rurais da Fazenda Annoni as situações ambientais acenaram para crenças e hábitos da população local, que puderam ser registradas por fotografias, facilitando o estudo e a caracterização da Percepção Ambiental dos atores investigados.

Durante a fase de aprimoramento e testes dos instrumentos de investigação, para a definição do roteiro de entrevista, com o uso de imagens, percebemos o poder sógnico da fotografia nas pessoas que entrevistamos, quanto à sua percepção do ambiente rural. Isso nos levou a construir a percepção através de imagens.

Denominamos percepção através de imagens, ou mapas mentais através de fotografias, a atividade de análise perceptiva realizadas pelos próprios assentados, onde eles mesmos fotografavam situações sobre o tema em estudo. Essas fotografias pressupõem registros de situações de contraste ou dualidade dentro do objeto de estudo, para que possam estimular e evidenciar a percepção dos atores sociais sobre a temática.

Uma das ideias centrais desse instrumento de investigação foi construir um paralelo entre as respostas dos entrevistados com as imagens fotográficas, verificando se as fotografias poderiam revelar informações que não foram abordadas nos seus discursos.

Depois de entrevistados os atores sociais, a percepção através de imagens foi planejada para acontecer da seguinte maneira:

Em nosso estudo, durante três meses, foram registradas pelos pesquisados aproximadamente 200 imagens fotográficas do meio ambiente nos assentamentos. Como previsto nos procedimentos metodológicos da pesquisa, a atividade de percepção através de imagens foi realizada ao final das entrevistas com os atores sociais investigados.

Dos registros fotográficos realizados pelos assentados, descartamos as fotografias que não tiveram boa resolução, as queimadas, as que estavam com péssima focalização e as várias imagens repetidas. Totalizamos com essa seleção, 120 imagens que foram utilizadas no estudo. Salientamos que as fotos apresentaram dimensões de 15x21cm, focando sempre locais do ambiente dos assentamentos da antiga Fazenda Annoni.

O universo de elementos fotografados pelos assentados foi bastante amplo, registraram no mínimo 26 elementos que para eles caracterizariam o meio ambiente. Vejamos:

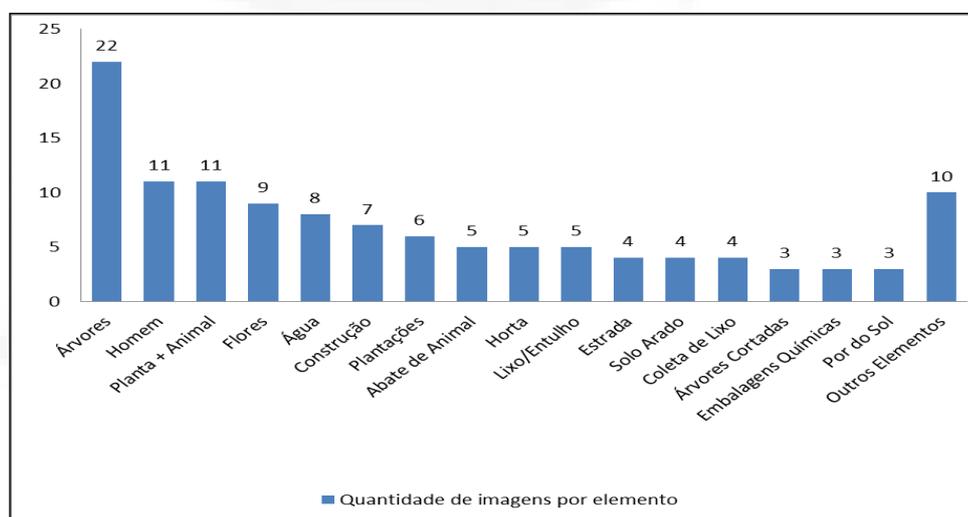


Gráfico 4: Elementos do meio ambiente representado nas fotografias

Nas fotografias foram observados os seguintes quesitos: elementos naturais físicos e biológicos (fauna e flora), elementos humanos, elementos construídos, eventos naturais e representação da imagem - positiva ou negativa (problemas ambientais).

5.5.1 Elementos Naturais

Constatamos, após análises das fotografias, que 34% dos assentados representaram em suas fotografias, o ambiente como “natureza”- que Sauv  (1996) classifica como o ambiente para ser apreciado, admirado e preservado, ou seja, aquele que nos renova a energia. As palavras mais utilizadas por estes assentados ao descreverem estas imagens foram: beleza, harmonia, paz, tranquilidade e equilíbrio.

Outra análise por nós efetuada e considerada como mais marcante por parte da classifica o visual dos assentados, foi   percep o do ambiente como “recurso” – que segundo Sauv  (1996)   apresentado para ser gerenciado, sendo que, estes, são limitados e se degradam. Sob esta  tica, 45% dos assentados fotografaram recursos hídricos – trazendo a água e o solo como: Vida, recurso que exige cuidado, que deles dependem nossa sobrevivência, recurso que remete a infância (história).

5.5.1.1 Elementos Naturais Físicos

Os componentes abióticos ( gua, solo, sol, nuvens, ar), estiveram presentes em quase 100% das imagens da popula o pesquisada. O solo foi o elemento abiótico mais representado no conjunto das imagens (40%), seguido do elemento água (38%), fato este já previsível, visto que   do solo que os assentados retiram sua subsistência e, para o sucesso no plantio, necessitam do recurso hídrico. Vejamos abaixo, algumas das fotografias que abordaram os elementos naturais físicos:

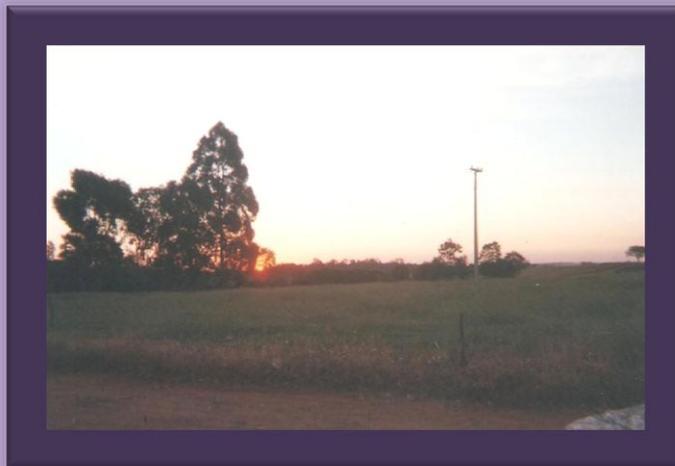


Figura 15: Fotografia ambiental pelos assentados
Tentei mostrar o pôr do sol. Tirei essa foto, pois o sol é luz, energia, energia de tudo.
Fonte: Assentada XXIII

O autor da imagem retrata o nascimento do sol como um elemento do meio ambiente e, para ele, o sol é que conduz toda energia que rege o universo.

Podemos dar uma conotação romântica para a imagem, pois o pôr do sol é visto por grande parte dos homens como algo sublime, voltado ao romantismo, que inspira momentos de contemplação.



Figura 16: Fotografia ambiental pelos assentados
Essa imagem é do céu e da terra, que representam para mim a abrangência do meio ambiente.
Fonte: Assentado VI.



Figura 17: Fotografia ambiental pelos assentados

Retratei um banhado, que é perto de uma barragem que estamos preservando, são dez hectares, eu gosto disso.

Fonte: Assentado IV



Figura 18: Fotografia ambiental pelos assentados

É uma vertente que temos em nossa terra, disso eu gosto. A fotografia retrata o fluxo de água de uma nascente, a qual está protegida por uma vasta mata ciliar.



Figura 19: Imagem captada por um assentado
O solo pra mim é à base da vida. Dele eu retiro meu sustento.
Fonte: Assentado XXIV



Figura 20: Fotografia ambiental pelos assentados
Eu escolhi a estrada por considerar ela importante. Leva-nos a diferentes lugares, conforme forem nossas escolhas. Essa, inclusive, me leva a entrada do local onde eu moro, esse é o lugar que eu mais passo diariamente.
Fonte: Assentado X

Esta estrada dá acesso à agrovila formada pelos assentados associados da COOPTAR.



Figura 21: Fotografia ambiental pelos assentados.

O solo e a água pra mim são à base do sustento. Nós dependemos basicamente destes recursos para continuidade de nossas vidas.

Fonte: Assentado I

O que podemos perceber é que, os elementos água e vida, enquanto estruturantes da representação, surgem confirmando o sentido e significado de meio ambiente como natureza, e esta, enquanto provedora, como recurso, enquanto fonte de vida entre os assentados.

5.5.1.2 Elementos Naturais Biológicos

Registramos que as imagens fotografadas como ícones do meio natural biológico foram as que retratam árvores, animais, flores, frutos, plantações e a presença humana. Vejamos algumas das imagens:

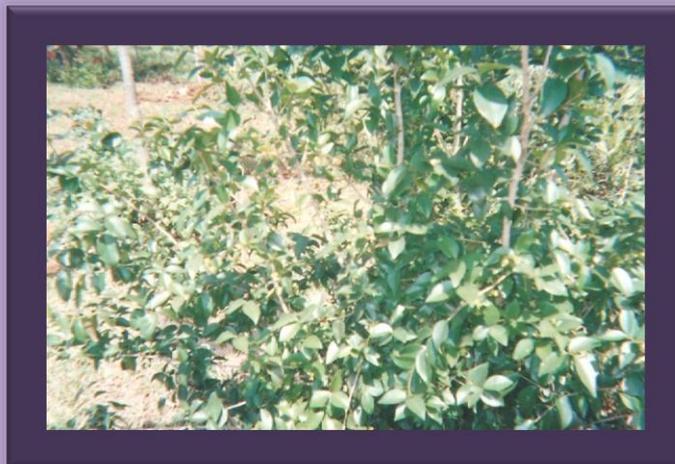


Figura 22: Fotografia ambiental pelos assentados
Eu fotografei um pé de pitangueira, tendo a intenção de focar os frutos da planta.
Fonte: Assentada XX



Figura 23: Fotografia ambiental pelos assentados
Eu preferi mostrar as árvores daqui de casa. Gosto de parar e ficar contemplando estas árvores que eu mesma plantei.
Fonte: Assentada XIX

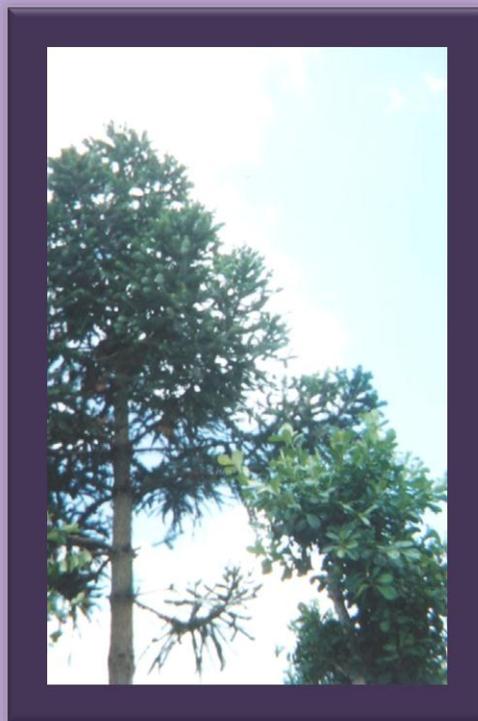


Figura 24: Fotografia ambiental pelos assentados
A Araucária é pra mim a árvore mais majestosa que existe. E estas, são árvores que plantamos para a recuperação do meio ambiente.
Fonte: Assentado XI



Figura 25: Fotografia ambiental pelos assentados
Eu fotografei as flores da casa da minha vizinha. Elas são muito bem cuidadas. Observo todos os dias o carinho que ela tem com essas plantas.
Fonte: Assentada VII



Figura 26: Fotografia ambiental pelos assentados

Essa imagem é da flor, ela sempre está florida, o vermelho dela é a vida, está faltando uma amarela, ela sempre fica viva, no inverno e no verão.

Fonte: Assentada XXIII

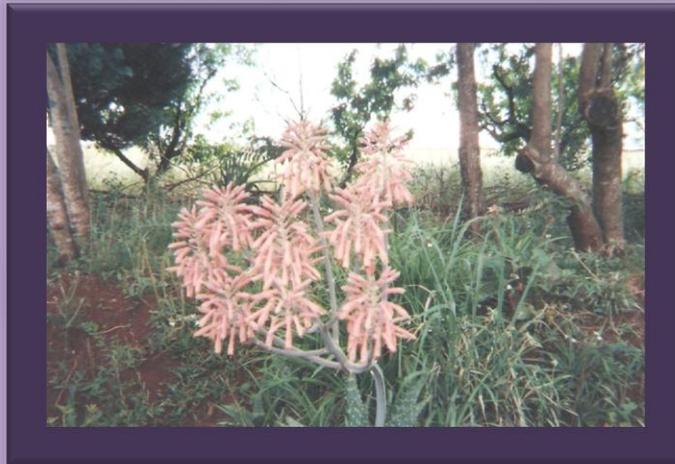


Figura 27: Fotografia ambiental pelos assentados

É a foto de uma flor, todas elas são relacionadas à natureza; eu ajudo a preservar os animais também.

Fonte: Assentada XVI

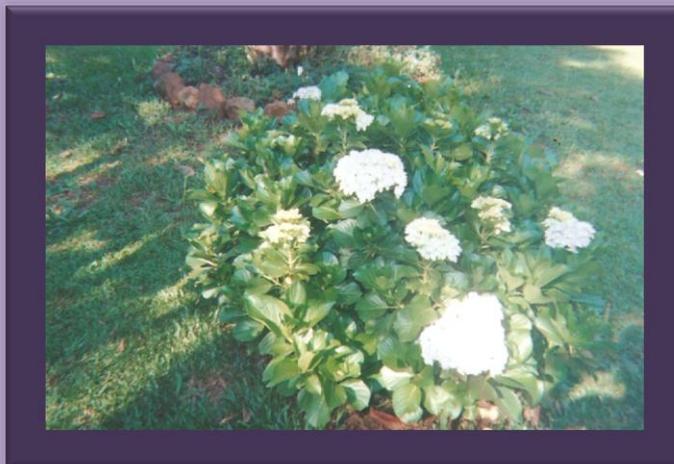


Figura 28: Fotografia ambiental pelos assentados
Folhagem de uma planta chamada pela assentada de Hortência, que para ela é um elemento que compõem a natureza e que ela gosta muito.
Fonte: Assentada XXVI



Figura 29: Fotografia ambiental pelos assentados
É uma foto dos frutos que saciam a fome e que também representam a nossa produção agrícola.
Fonte: Assentado IX

Nesta imagem é retratado um pessegueiro com muitos frutos, prontos para serem colhidos. Representa o que o assentado gosta da natureza. As árvores frutíferas estão presentes na grande maioria das propriedades dos assentados e eles declaram que essas produções são todas orgânicas.



Figura 30: Fotografia ambiental pelos assentados
O que mais me chamou atenção na hora da escolha para fotografar foi esta árvore frutífera, com muitos pêssegos.
Fonte: Assentado X



Figura 31: Fotografia ambiental pelos assentados
É um pé de pitangueira, tive a intenção de tirar dos frutos da planta. Uma árvore completa: pé da árvore, flores e frutos.
Fonte: Assentado IX



Figura 32: Fotografia ambiental pelos assentados

Essas são as vacas da minha propriedade, as devoradoras do meio ambiente, produzem gás carbônico, mas também representam minha alternativa de subsistência, alternativa de sobrevivência. Elas fazem parte do meio ambiente, devoram e constroem, no meu ver.

Fonte: Assentada VII

A fotografia retrata imagens de vacas leiteiras, que é a principal fonte de renda dos assentados. Constatamos que para alguns assentados o meio ambiente também é representado pelos animais domésticos, não ficando restrito apenas ao aspecto biológico selvagem: vegetação nativa, pássaros e animais silvestres.



Figura 33: Fotografia ambiental pelos assentados

São os animais da minha casa, as angolas estavam gritando bastante depois de uma chuva, daí eu achei bonito tudo aquilo e resolvi fotografar.

Fonte: Assentada XIII



Figura 34: Fotografia ambiental pelos assentados
É a imagem de um pássaro voando em um dia de céu bastante azul e ensolarado, em um ambiente arborizado e com bastante vegetação rasteira.
Fonte: Assentado II

O assentado relata em sua fala que esta fotografia tem uma grande amplitude, trazendo as árvores como elemento do meio ambiente, o céu e o pássaro, que por meio do seu voo nos traz também uma sensação de liberdade.



Figura 35: Fotografia ambiental pelos assentados
Aqui representei o verde, e tem animal também. Está preso, mas pelo menos tem um animal, faz parte da natureza.

Fonte: Assentada XIV



Figura 36: Fotografia ambiental pelos assentados

Essa foto eu foquei um passarinho (um Jacu); ele veio do mato, e daí ele estava quase morto, com a perninha quebrada; agora ele fica solto aqui, se acostumou com nós, ele já está grande, acho que ele vai ficar conosco e ele melhorou bem.

Fonte: Assentada XII

Visualizamos por meio das análises que o grau de conexões entre as fotografias e as palavras citadas pelos assentados, nos confirma a percepção do termo ambiente como natureza, como recurso. O meio ambiente é percebido como natureza, vindo esta associada diretamente e com grande força aos seus recursos. Ainda constatamos que, na visão apresentada pelos assentados, necessitamos de grande comprometimento com a natureza, para que seja garantida a continuidade destes recursos. Por meio das falas, percebemos que o elemento natureza toma ponta nas citações, seguido de animais, biodiversidade e plantas.

5.5.1.3 Elementos Humanos

O homem, como qualquer outro ser vivo, exerce sua influência sobre a natureza, e dela retira recursos para assegurar sua sobrevivência e rejeita aquilo que não lhe é mais útil. Entretanto, diferentemente de outras espécies de seres vivos, o homem culturaliza a natureza, imprime-lhe uma simbologia, uma representação, a fim de torná-la inteligível a sua compreensão. Nesta ótica, refletimos um pouco sobre o “entender” do homem a respeito de aspectos problemáticos que envolvem o meio na atualidade.

A concepção tradicional das ciências do homem, da vida e da natureza não está apta a oferecer respostas para estas questões de ordem epistemológica, que surgem com a crise ambiental, sendo necessária, portanto, uma tomada de consciência ecológica e uma reflexão interdisciplinar mais ampla. Essa questão é abordada por Edgar Morin (2003), que afirma ser necessária uma tentativa de “reforma do pensamento”, teórica e conceitual, para tornar possível uma ciência da ecologia, integrando as ciências do homem ao conceito de vida e integrando, principalmente o homem em seu meio, ou seja, fazendo-o adquirir a percepção de pertencimento a este meio.

Em se tratando de “se perceber como parte pertencente ao meio”, apenas cinco dos assentados optaram por fotografar pessoas como representantes do meio ambiente. Este índice, por vezes, pode ser um fator preocupante, visto que, se não nos sentirmos como pertencentes à natureza, ao meio, não conseguiremos tratar este ambiente com o devido cuidado que o mesmo exige.



Figura 37: Fotografia ambiental pelos assentados
É a Preta eu fotografei ela de surpresa, ela faz parte do meu dia-a-dia, do meu meio.
Fonte: Assentado V



Figura 38: Fotografia ambiental pelos assentados

Essa é uma foto do finado pai da minha enteada, ela esta juntamente com um santinho, é uma foto que quis representar o homem e o sentimento como parte do meio ambiente.

Fonte: Assentado V

O assentado mostra na imagem acima, que além da presença humana o sentimento, o amor entre as pessoas faz parte do meio ambiente. Por isso, retratou a fotografia do pai (já falecido) de sua enteada para representar o sentimento que ela possui por ele. Também é a única fotografia que relaciona a religiosidade como um elemento do meio ambiente.



Figura 39: Fotografia ambiental pelos assentados

Eu escolhi esta imagem de uma assentada junto à horta do Instituto Educar. Porque esta pessoa é muito importante em minha vida e também porque o Instituto faz parte de nossa luta.

Fonte: Assentada XI



Figura 40: Fotografia ambiental pelos assentados
Eu escolhi a imagem de duas meninas com o cachorrinho de estimação delas. É uma imagem que tem como foco central as crianças, com seu animal de estimação.
Fonte: Assentada XXX



Figura 41: Fotografia ambiental pelos assentados
Optei por esta imagem por considerar o trabalho que as crianças fazem muito importante. Elas demonstram já ter consciência ecológica.
Fonte: Assentado VIII

O autor nos mostra a fotografia de seis crianças fazendo a coleta seletiva do lixo. Na imagem elas estão querendo demonstrar que já possuem atitudes ambientalmente corretas, como a coleta seletiva de lixo. Revela também atitudes de EA informal, haja vista, que as lixeiras de coleta seletiva estão colocadas em vários pontos estratégicos da agrovila e, segundo os assentados, eles são educados desde pequenos para essa consciência ambiental.

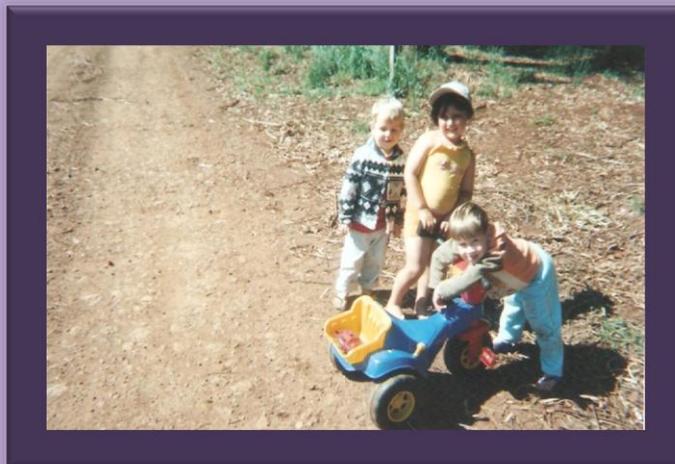


Figura 42: Fotografia ambiental pelos assentados

Eu vi as crianças que estavam comigo, e me questionei neste momento: o que estamos deixando para elas referente ao meio ambiente? Eles fazem parte do meio ambiente, eles sabem separar já o lixo do orgânico, seco. O da motoca é meu filho, e falando de meio ambiente o que vai ficar para ele? Eu não vou ver o grande estrago, mas e ele? Ontem eram 39 graus, o que é isso para o Rio Grande do Sul, em pleno inverno?

Fonte: Assentada XVIII

A assentada retrata seu filho e mais duas crianças como meio ambiente, mas sua intenção maior é de questionamento referente ao o que as atuais gerações estão deixando para seus descendentes. Com a imagem ela quer transmitir o medo, a insegurança em relação ao futuro da humanidade, caso a degradação ambiental continuar neste ritmo acelerado. O risco aparece neste momento de reflexão, como uma categoria chave orientada ecologicamente, seguida do receio a imprevisibilidade de efeitos.

5.5.1.4 Elementos Construídos

Ao analisarmos as fotografias que trazem elementos construídos, fazendo referência aos ícones antrópicos, ficou claro que as moradias apresentaram maior importância aos assentados, reforçando o fato de que o assentamento limita-se diretamente com a agricultura, a horticultura e a criação de gado leiteiro.



Figura 43: Fotografia ambiental pelos assentados
Eu representei a Escola como meio ambiente, fazendo parte do principio, de toda a nossa caminhada.
Fonte: Assentado III

Esta escola, que está inserida no ambiente dos assentados, para o autor da imagem é o local onde se aprende, sendo nela também onde as crianças se tornam cidadãos ambientais, seja pela educação ambiental formal ou informal.



Figura 44: Fotografia ambiental pelos assentados
Escolhi esta imagem por sentir orgulho Instituto Educar.
Fonte: Assentado XV



Figura 45: Fotografia ambiental pelos assentados

É a foto da minha casa, ela também é meio ambiente, para mim é o porto seguro de qualquer pessoa, é aonde a gente chega, medita e faz as refeições.

Fonte: Assentada XVIII

Em contraste com a rotação de terras, praticada em campo aberto, a horta e as árvores frutíferas estão localizadas perto da casa e continuamente plantadas no mesmo lugar através de anos de exploração. Junto às plantas ornamentais em volta da casa, situa-se a esfera social feminina do trabalho. Também nesta esfera ficam os animais de estimação, os únicos a terem acesso a casa e que possuem a função de proteção, atacando os intrusos que por ventura se aproximarem.

Assim sendo, a esfera da casa é um espaço radicalmente transformado, de caráter permanente e visando às necessidades domésticas e estéticas.



Figura 46: Fotografia ambiental pelos assentados

Essa é a minha casa, com meus netos, eles gostam de ficar aqui. Aqui é um lugar bom.

Fonte: Assentada XXX

Para a assentada a imagem representa algo bom do meio ambiente, podemos distinguir nela elementos naturais e construídos.

Um ponto que podemos destacar é a ênfase dada pelos assentados as suas hortas. Houve grande representatividade deste item nas falas e também nas fotografias por eles realizadas.



Figura 47: Fotografia ambiental pelos assentados
Imagem do horto que está sendo construído no Instituto Educar.
Fonte: Assentado XXI



Figura 48: Fotografia ambiental pelos assentados
Eu escolhi esta foto da horta; os canteiros estão bem feitos; não é utilizado veneno, nada de agrotóxico. Ela é bem cuidada, só usamos orgânico e capinamos. Na horta a gente produz tudo com orgânico. Só na lavoura grande que não, porque nela não tem com.
Fonte: Assentado XXII

A horta coletiva existente na agrovila dos associados da Cooptar é motivo de orgulho desse grupo de assentados. Nela, produzem somente alimentos orgânicos e relatam que gostariam de receber incentivos e oportunidades para ampliar esse modo de produção para as demais plantações que realizam.

5.5.1.5 Percepção negativa da imagem

Em seus discursos, os assentados enfatizaram muito as ações que ocasionam danos ambientais. Neste limiar, ressaltamos que, o dano ambiental ocorre quando qualquer tipo de poluição ultrapassa os limites do desprezível, causando alterações adversas ao meio ambiente. Essa realidade, nunca simples, inscreve-se complexa, e requer um novo paradigma, uma nova forma de compreensão dos diversos bens e valores envolvidos.

Sabemos, porém, que para tal compreensão, será preciso uma ruptura dos valores tradicionais, seguidos da busca de critérios principiológicos que tornem os seres humanos aptos a enfrentarem os problemas ambientais.

Com relação aos fatos/acometimentos/ações que os assentados julgam como negativos ao meio prevaleceram às agressões ao solo, poluição do meio e o desmatamento. Veja abaixo algumas das fotos que representam ações que prejudicam o meio, segundo estes assentados:



Figura 49: Fotografia ambiental pelos assentados
Corte de uma Araucária para mim representa o desmatamento inconsciente, pois esta árvore está em extinção.
Fonte: Assentado XV

Nesta imagem, o assentado nos passa a ação devastadora do homem no ambiente, representada pelo recente corte de uma jovem araucária. Ela denuncia abertamente um crime ambiental. Salientamos que, o responsável pelo corte ilegal desta árvore, poderia ser autuado e sofrer sanção penal, administrativa e civil em virtude de ter realizado sua derrubada. Sendo que, o seu corte não é permitido pela legislação brasileira.

A fotografia ainda nos revela que existem transgressões ambientais dentro dos assentamentos da Fazenda Annoni.



Figura 50: Fotografia ambiental pelos assentados

Fotografei árvores cortadas que mostra uma agressão a natureza, mas também mostra a utilização delas que é usar pra fazer fogo para o preparo de alimentos.

Fonte: Assentado XXIV

Na imagem abaixo (Figura 51), o assentado retrata a concentração de vários pneumáticos em uma vala existente dentro dos assentamentos; mostra de fato que muitas vezes o discurso não condiz com a realidade. Revela a falta de consciência ambiental por parte de alguns assentados.



Figura 51: Fotografia ambiental pelos assentados
Poluição do meio ambiente pela falta de consciência do ser humano.
Fonte: Assentado VI

Em se tratando de poluição do meio, salientamos que a reparação material e financeira do dano causado ao ambiente se impõe como corolário do princípio poluidor-pagador, sem olvidar que a finalidade do Direito Ambiental, antes de reparar qualquer espécie de dano, é preveni-lo.

Outro ponto citado pelos assentados concentra a utilização indevida do solo. Segundo a visão de alguns assentados, o solo gradeado prejudica o meio, deixando o solo nu, propenso a qualquer intempérie.

Imagens semelhantes à abaixo citada (Figura 52), fora uma das mais expressivas pelos assentados, no quesito percepção negativa do ambiente.



Figura 52: Fotografia ambiental pelos assentados

Escolhi esta foto porque mostra o solo sem vegetação, desprotegido. Considero este ato muito perigoso ao meio.

Fonte: Assentado X



Figura 53: Fotografia ambiental pelos assentados

Solo descoberto, gradeado, com açude no meio e sem nenhuma preservação ao redor dele, é na minha terra.

Fonte: Assentado II

Na fotografia acima (Figura 53), o assentado mostra a falta de preservação como algo que não gosta do meio ambiente, porém, julga como necessário a utilização deste espaço à sua subsistência. A imagem é da própria propriedade do assentado e nela ele exhibe um açude sem mata ciliar e o solo gradeado que pode ocasionar erosão e assoreamento. Além disso, a lixiviação também pode contaminar a água através de produtos químicos utilizados na lavoura.



Figura 54: Fotografia ambiental pelos assentados
É uma erosão em nossa terra, é perto de um açude, é uma erosão funda, com mais de dois metros.
Fonte: Assentado XXVII

O assentado exhibe na foto acima (Figura 54), a erosão como algo prejudicial ao meio ambiente. Mas, além da erosão também se percebe nitidamente que a represa de águas na parte posterior também é desprotegida de mata ciliar e que ela pode ser contaminada com os produtos tóxicos que forem utilizados na lavoura.

Apesar do conhecimento empírico que os trabalhadores possuem do meio ambiente, as técnicas que aplicam nem sempre são favoráveis à conservação da natureza. Eles dizem ter ciência da necessidade da preservação do meio, mas possuem falta de conhecimento das técnicas mais adequadas de conservação do solo.



Figura 55: Fotografia ambiental pelos assentados
Mostro por esta foto embalagens de agrotóxicos jogadas no meio, demonstrando total falta de cuidado. Não usávamos agrotóxicos, produzíamos apenas produtos orgânicos, mas não tivemos ajuda em nada, nem de cooperativa nem de associação, daí abandonamos o orgânico. Colocamos no mato, na beirada, não deixamos perto de água, mas sim, bem longe.
Fonte: Assentado IX

Ao fazermos a análise da fotografia acima com o seu autor, ele fez um desabafo, relatando que por muito tempo plantou apenas produtos orgânicos, e passou por dificuldade na comercialização e produção. Somando-se a isso não teve nenhum tipo de incentivo pelo poder público ou privado para aprimorar a produção de orgânicos e por esses motivos sentiu-se obrigado a abandonar esse modo de produção.

Não obtendo sucesso com o modelo de agricultura orgânica o assentado retornou as técnicas convencionais, utilizando herbicidas, adubação e outros componentes químicos.

Deve-se registrar ainda, que as embalagens de agrotóxicos existentes na imagem não tiveram o destino final adequado, conforme determinação da legislação ambiental²¹.



Figura 56: Fotografia ambiental pelos assentados

Eu sei que esta foto representa agressão ao meio ambiente e aos seres humanos, por isso a escolhi.
Fonte: Assentado IV

A figura acima retrata o armazenamento de embalagens de agrotóxicos. A imagem revela duas situações, a primeira que é a confirmação da utilização de agrotóxicos pelos assentados e, por segundo, que neste caso os assentados acondicionaram as embalagens em local adequado para posterior coleta.

Segundo relato de alguns dos pequenos produtores rurais assentados, eles se sentem obrigados a utilizarem agrotóxicos em suas lavouras. Diante dos avanços

²¹ A Lei Federal nº 9.974 de 06/06/2000 e o Decreto nº 3.550 de 27/07/2000 determinam que as embalagens de agrotóxicos devem passar pela tríplex lavagem ou lavagem sob pressão, ainda, dependendo do tipo de agrotóxico devem ser acondicionadas em sacos plásticos padronizados. Posteriormente devem ser levadas aos postos de coleta de embalagens. Quem descumprir as determinações da legislação supra citada podem ser penalizados pela Lei dos Crimes ambientais - 9.605/98.

tecnológicos e do surgimento de novas pragas, não possuem alternativa a não ser adquirir estes produtos químicos que se encontram à venda nas casas especializadas.

O problema fica mais grave quando os assentados, para se verem livres das pragas usam vários agrotóxicos, e sem orientação adequada dos técnicos sobre o número de aplicações necessárias.

Uma considerável parte dos produtores só usa herbicidas na fase imediata ao preparo da terra e não durante o crescimento da lavoura. Outros fazem seu uso reconhecendo os problemas envolvidos, mas alegam que não possuem capacidade de controlar as ervas daninhas somente com a capina e que a questão de reduzir o trabalho também é importante.

Analisando os diálogos dos assentados sobre as imagens negativas com seus respectivos significados, registramos como núcleo sógnico perceptivo, que as imagens onde havia uma ação humana direta eram prontamente condenáveis, especialmente pelas agressões ao ambiente. Os assentados reagiram com repúdio aos hábitos de tratamento e disposição inadequada de lixo, a monocultura, as exóticas, a seca e a falta de mata ciliar.

O interessante é que muitas das fotos retratando o lado negativo do meio ambiente e das suas práticas foram feitas nas próprias propriedades dos assentados. Assim, eles retratavam os problemas realizados por eles e muitas vezes assumindo a responsabilidade por tais atos.

5.5.1.6 Relação de trabalho com o meio ambiente

Por vezes, o trabalho no campo não apresenta uma visão tão romântica, nem tão pouco poética como muitos imaginam. São muitas as dificuldades enfrentadas nesta suada profissão. O que percebemos é que, apesar da modernização verificada nas técnicas agrícolas em regiões onde a agroindústria se fortaleceu, ainda persistem o subemprego, a baixa produtividade e a pobreza no campo. Porém, para se fazer qualquer análise prospectiva sobre a agricultura brasileira impõe que se faça antes uma abordagem sobre os caminhos e transformações pelos quais passou nas últimas décadas. Isto porque grande parte dos problemas e soluções que se apresentam em discussão guarda uma relação direta com os avanços e atrasos contidos no âmbito da política agrícola passada e suas variações.

A título de comprovação, trouxemos duas imagens que relacionam o trabalho dos assentados com o meio. A primeira (Figura 57) revela o trabalho do agricultor no solo, preparando-o para o plantio. A segunda imagem (Figura 58) mostra como os assentados abatem os animais para o consumo diário.



Figura 57: Fotografia ambiental pelos assentados

É a nossa horta; é a preparação da nossa nova horta. Fotografei o vizinho prestando o serviço terceirizado de preparar a terra para o plantio para demonstrar que aqui trabalhamos em parceria.

Fonte: Assentado X

A imagem acima revela a mecanização da terra com o auxílio do trator. A terra para a grande maioria dos agricultores é percebida como recurso que gera a vida, a água e os frutos.

Os assentados enfatizam que a grande vantagem da aração por trator, que é a prática de quase a totalidade dos assentados, é a rapidez da execução do preparo da terra, implicando em menos trabalho envolvido. Apontam também ser o trator superior ao arado de tração animal no revolvimento da terra e destacam a vantagem do custo menor do preparo da terra feito com trator em comparação com o uso de tração animal.



Figura 58: Fotografia ambiental pelos assentados

Esta foto representa nosso alimento. É como a gente sobrevive, com a luta do dia a dia. Temos a colaboração dos vizinhos para realizar o abate dos animais. Fizemos 60 peças de salame, quatro latas de banha, em média. [...] Sempre contamos com a presença dos vizinhos, do menino que é indígena, para nos auxiliarem.

Fonte: Assentado II

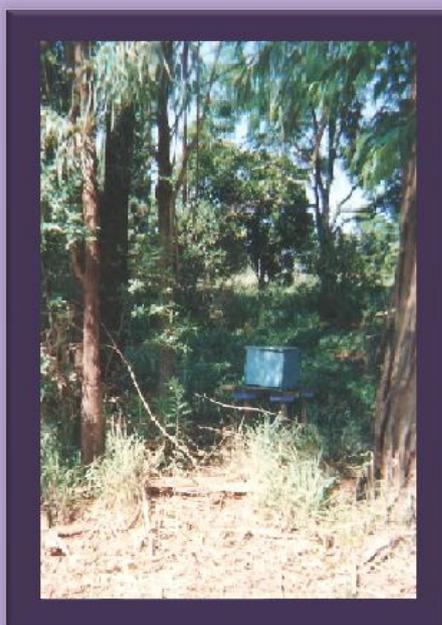


Figura 59: Fotografia ambiental pelos assentados

“Fotografei a colmeia de abelhas, elas são da natureza e se relacionam com nós, nos propiciam um dos mais ricos alimentos”.

Fonte: Assentado XV

Ao fazermos a análise da fotografia com o seu autor, ele nos esclareceu que a imagem central era a caixa de colmeia de abelhas africanas, animais exóticos, que para ele representava uma boa relação do homem com os demais seres vivos. Também, afirmou ser

uma fotografia do lado positivo do meio ambiente, pelo fato do mel ser uma alimentação que a natureza lhes proporciona.

A colmeia tem uma conotação de alimentação, sustento e de valorização econômica do ambiente, pois além de alimentar os assentados, quando há excedente na produção de mel ele é vendido nas feiras de agricultura familiar da região.



Figura 60: Fotografia ambiental pelos assentados

Nesta foto mostro que dá relação do homem com a natureza podemos ter frutos muito bons. São as variedades de alimentos que produzimos aqui no assentamento, dos quais muitos são utilizados para nosso próprio consumo.

Fonte: Assentado VIII



Figura 61: Fotografia ambiental pelos assentados

É o adubo orgânico produzido na escola, que adubam as hortaliças que servem de alimento para os alunos. Acho importante esta relação dos alunos com o meio ambiente, pois eles levam esses exemplos para as suas casas.

Fonte: Assentado VII

Ao final da análise, percebemos que muitos dos assentados não maquiaram a realidade deles, expondo também os fatos indesejáveis que eles mesmos ocasionam ao meio ambiente e em suas propriedades. Os atores investigados afirmam que os hábitos

inadequados ambientais existem nos assentamentos, e que alguns são quase imperceptíveis pelo cotidiano das pessoas. Quando questionamos sobre o porquê de tais hábitos ocorrerem, os assentados disseram que é falta de consciência, educação, cultura e, principalmente falta de informação.

No que diz respeito à responsabilidade consideram: de um lado os próprios assentados que sempre tiveram a cultura e o incentivo para desmatar e plantar. De outro lado, os assentados culpam a administração pública do município, que não desenvolve uma política adequada, bem como, responsabilizam os órgãos ambientais, em especial o IBAMA por ser apenas um aplicador de multas e não ter um caráter de educador ambiental. Enfatiza o fato de o poder público não criar condições para planejar e implementar políticas de caráter conservacionista, bem como para garantir melhoria nos níveis de produtividade e rentabilidade.

Neste sentido, a percepção através de fotografias foi criada com o propósito de estimular os assentados investigados a observar e refletir sobre o que é e o que representa o meio ambiente para eles. Também preconizou permitir a interação e leitura sígnica das imagens, por meio das quais os assentados puderam expressar suas percepções ambientais: quais as situações cotidianas lhes eram alheias, como viam os fragmentos habituais locais e como percebiam o contexto do meio ambiente local por meio das fotografias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS RECOMENDAÇÕES PARA FORTALECER A RELAÇÃO ENTRE ASSENTADOS E O MEIO AMBIENTE

Cada um de nós é uma lente exclusiva, fundamentada e polida por temperamento e educação. E nossas respostas à natureza – ao mundo – são tão diversas como nossas personalidades, embora cada um em momentos distintos possa ficar atônito, horrorizado, deslumbrado ou simplesmente entretido pela natureza (SOULÉ, 1997).

O estudo desenvolvido permitiu-nos caracterizar as percepções (identificação de conhecimentos, valores, necessidades e expectativas) dos assentados da Antiga Fazenda Annoni sobre questões referentes ao meio ambiente.

Os resultados destas percepções mostraram uma predominância pela visão antropocêntrica, em que para os assentados o ser humano é circundado pelo ambiente sem ser parte integrante deste, apresentada em Reigota (1998).

O Meio Ambiente, é percebido pelos assentados como natureza, como recurso, como problema e como projeto de vida (envolvendo o compromisso e o cuidado). Todos os agricultores assentados apresentaram a percepção de que, em suas propriedades, têm que ser desenvolvido trabalhos que envolvam práticas ambientalmente corretas e, neste tempo, demonstram-se abertos para receberem informações sobre como fazê-lo, principalmente com ações de EA não formal.

Houve uma nítida diferenciação de percepção ambiental entre os homens e as mulheres, ou seja, enquanto as mulheres perceberam o meio dentro de uma categoria naturalista, os homens o perceberam numa concepção mais problemática e como recurso.

Constatamos que os valores culturais influenciaram de certa forma, as atitudes dos pesquisados, uma vez que os mesmos agem de acordo com o aprendizado sobre meio ambiente adquirido de seus pais ou avós.

Observamos, durante as conversas com os assentados, que a falta de informações tem se refletido nas atitudes tomadas por eles em ações que procuram não agredir o meio ambiente, mas que muitas vezes inviabilizam o processo produtivo. Os assentados desabafam ao enfatizar que não existem por parte de entidades (sejam elas dos setores públicos, privados ou da sociedade civil organizada, como do próprio MST), políticas de EA formal e não formal que visem à formação e o aperfeiçoamento de técnicas, nos assentamentos onde esses agricultores vivem.

Os assentados almejam uma produção de maneira ambientalmente correta que gerem excelentes oportunidades em novos mercados, sejam eles interno e/ou externo. Porém, para isso enfrentam muitas dificuldades, entre elas, o custo e a falta de implantação de novas tecnologias.

Devemos salientar que esses trabalhadores rurais, que conseguiram seus lotes através da reforma agrária, só visavam o plantio e a colheita, pois precisavam e precisam tirar seu próprio sustento deste meio. Eles sentem necessidade de mostrar a sociedade que estão produzindo e desenvolvendo, assim, a ideia de preservar a natureza surge somente após a de conseguir algum benefício em sua terra, ou seja, o meio é percebido, primeiramente, como recurso por eles.

As ideias de desenvolvimento, sustentabilidade, agroecologia e de práticas ambientalmente corretas, apresentadas pelos assentados foi adquirida de forma empírica e não científica. Percebemos que lhes faltam a tecnologia adequada, para a preservação nas pequenas propriedades, como estudos de impacto ambiental, zoneamento ambiental, licenciamento ambiental para que ocorra uma melhor preservação nestas propriedades.

O estudo desenvolvido nos aponta para a importância da implantação de um efetivo programa de EA a ser desenvolvido com as famílias dos assentados, que contribua para que as mesmas percebam a importância do meio ambiente no fornecimento de bens e serviços ambientais para todos os seres vivos, bem como, que venha esclarecer as dúvidas por eles apresentadas durante esta pesquisa.

Constatamos que dentre os agricultores assentados pelo MST/INCRA, a grande maioria deles possui muitos valores positivos em relação ao meio ambiente, para alguns estes valores vêm sempre associados na obtenção de recursos que o ambiente possa oferecer.

Faz-se necessário criar novos modelos de comportamentos individuais, grupais e sociais a favor do ambiente. É preciso promover oportunidades para que cada cidadão possa adquirir o conhecimento, valores, atitudes, respeito e habilidades para defender e

melhorar o ambiente, além de promover a conscientização das pessoas para a preservação do meio.

Diante dos problemas de degradação do meio ambiente causado pelos agricultores (seja pelo desmatamento ou uso indiscriminado de agrotóxicos), a solução mais viável seria: adotar a técnica de plantio direto, ou ainda o método de agricultura ecológica (de estar usando a matéria orgânica ofertada pela natureza).

Estamos cientes que o poder econômico dos pequenos agricultores dos assentamentos existentes em Pontão/RS não lhes permite o uso de algumas técnicas ambientalmente corretas, como por exemplo, biodigestores, por essas exigirem alto custo, e enquanto essas técnicas não alcançam os assentamentos, devemos conscientizar a população da sua parcela de responsabilidade com o meio ambiente.

Acreditamos que, ainda que seja o início, a educação é o único caminho para a formação de pessoas conscientes e preocupadas com o meio ambiente e o uso da terra, capazes de atuar em prol de um desenvolvimento social em harmonia com os recursos naturais. Lembrando que, neste caminhar, a participação da população é imprescindível em qualquer programa de conservação ambiental natural. Pois, parece que o distanciamento entre o homem moderno e a natureza tornou-o insensível as questões ambientais. Ao resgatar esse instinto de união com o meio ambiente, a consciência ecológica brota como um subproduto natural.

Para possibilitar esse reencontro, é preciso que se realize um intenso trabalho de EA, entendendo-se por isso toda e qualquer atividade que ajude um indivíduo a perceber sua relação com o mundo que o cerca.

Muitos dos assentados não entendem a íntima relação entre as atividades humanas e o ambiente seja por falta de informação ou por informação inadequada. Diante disto, se faz necessário o desenvolver de ações que venham sensibilizar as pessoas e envolve-las nos problemas ambientais, no sentido de buscar soluções efetivas para estes problemas. Nesta ótica, acreditamos que, o processo educacional possa despertar a preocupação ética e ambientalista dos seres humanos, modificando os valores e as atitudes, e propiciar a construção de habilidades e mecanismo necessários para o bom desenvolvimento sustentável.

Educar é criar valores, e é isso que precisa ser garantido, pois a verdadeira mentalidade preservacionista só surgirá quando o indivíduo perceber, por ele mesmo, seu papel nesse processo. E fazer EA é fornecer elementos para que ele consiga essa percepção.

Para isso, se faz necessário assumir que o ambiente não pode ser considerado como um objeto de cada área isolada de outros fatores. Ele deve ser trazido à tona como uma dimensão que sustenta todas as atividades e impulsiona os aspectos físicos, biológicos, sociais e culturais dos seres humanos.

Observamos que toda a percepção do ambiente dos assentados passa pela prática da agricultura moderna. Em função de um sistema agrícola que envolve forte domesticação do espaço, e, conseqüentemente, largo desmatamento e extinção de espécies, é severamente limitado pelo conhecimento etno-biológico. A visão de mundo que se tem localmente, também, é bastante secularizada, apoiada no desencantamento da natureza e dos processos agrícolas.

Na percepção do espaço, a população distinguiu três áreas no meio rural - mata, campo aberto e casa - dos quais, nos últimos 40 anos, o campo aberto tem se expandido sobre a área de mata, associado à expansão do sistema agrícola tecnicamente moderno, porém, extensivo espacialmente.

Destacamos como tendo essência vital aos assentados, a terra e a água, os dois principais recursos naturais à agricultura. Em decorrência, o entendimento do sistema de produção agrícola tem foco primordial na terra e no comportamento das plantas, entendidos por parâmetros biológicos e sociais do homem.

Quanto à diversidade ou confusão de opiniões manifestadas a cerca de expressões como: meio ambiente, natureza, meio, ambiente, leis ambientais, legislação ambiental - sugerimos a necessidade de aproximação dos assentados a esses conceitos de forma mais interativa e dinâmica. É oportuno destacar que os assentados, que consideram a natureza incluindo o homem é somente citada pelos entrevistados que possuem um nível de escolaridade acima do ensino médio. Percebemos que a expressão Meio Ambiente vem sendo muito relacionada à determinada área, lugar onde há pelo menos uma forma de vida.

Observamos que o roteiro através dos questionários, associados às fotografias, ofereceram importantes contribuições no sentido de identificar a percepção que os assentados possuem de seu entorno e do meio ambiente como um todo.

Nesse sentido, ficou clara a importância de realizarmos junto a esses agricultores um processo de esclarecimento de aspectos conceituais, visando um maior reconhecimento do meio ambiente e da natureza. Além disso, a representação fotográfica permitiu constatar que o entorno imediato afeta o indivíduo e vice versa. A imagem que cada indivíduo tem sobre o lugar está baseada em suas experiências e vivências e as percepções predominantes representam, nesse limiar, os elementos, na paisagem ou entorno que mais

diretamente os afetam. Desse modo, sugerimos um programa de EA aos assentados que deva ser construído considerando sempre a procedência dos assentados, suas experiências, expectativas, interesses, sonhos e frustrações. Salientamos que o sucesso do processo de gestão entre estes assentados dependerá, em grande parte da articulação entre os diversos atores envolvidos.

Sugerimos que a EA no assentamento deva acontecer embasada num método de ensino-aprendizagem que adote a linha de uma educação emancipatória, que favoreça a explicitação de conflitos e estratégias coletivas, possibilitando assim, que ocorra uma gestão socioambientalmente eficiente e, de fato, democrática, na Fazenda Annoni. Uma educação emancipatória, conforme Freire (2003) é aquela que estimula a autonomia das pessoas considerando que: todo processo educativo é antes de tudo um processo de intervenção na realidade vivida, em que educador e educando, numa prática dialógica, constroem o conhecimento sobre ela, objetivando a sua transformação.

A EA precisa ser considerada como uma parte integrante do processo de construção de uma nova forma de gestão na localidade. Ela deve contribuir na integração dos diversos conhecimentos e instrumentos da gestão produzidos (plano de bacias e utilização/manejo corretos dos recursos) e para a melhoria dos processos de tomada de decisão, vinculando o processo educativo às questões socioambientais.

Sintetizando, podemos afirmar que devemos, fundamentalmente, criar na região um espaço integrativo com os atores sociais que atuam ou residem no interior dos assentamentos a fim de contribuir no processo de revalorização deste meio junto à comunidade.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judithy; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ALIROL, Philippe. **Como Iniciar um Processo de Integração**. In: VARGAS, H. C., RIBEIRO, H. (orgs.). *Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana*. Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP. São Paulo-SP. p. 21-42. 2001.

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa** (tradução José Fonseca). Porto Alegre: Artmed, 2009.

BENINCÁ, Elli. **Conflito Religioso e Práxis - A ação política dos Acampamentos de Encruzilhada Natalino e Fazenda Annoni e o Conflito Religioso**. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

BOEIRA, Sérgio Luís. **Política & Gestão Ambiental no Brasil: da Rio-92 ao Estatuto da Cidade**. II Encontro da ANPPAS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Campinas, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **“Participar-pesquisar”**. In: Idem (org.). *Repensando a pesquisa participante* (3.ª ed.). São Paulo, Brasiliense, 1987.

BRASIL, **Lei nº 9795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.lei.adv.br/>>. Acesso em: 20 de maio de 2010.

_____, **Lei 4.502**, de 30 de novembro de 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L4504.htm> > Acesso em: 02 março de 2010

BUAINAIN, Antônio Márcio. **Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável: questões para debate**. Brasília: IICA, 2006.

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente, 2002. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama>. Acesso em: 15 de abril de 2010.

_____, **Política Nacional do Meio Ambiente** – PNMA. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.amigosdanatureza.org.br/>. Acesso em 17 de março de 2010.

_____, **Programa nacional de educação ambiental – ProNEA/Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da educação**. Coordenação Geral de educação Ambiental. 3 ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

CAMARGO, Aspásia. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 27, n. 1, 1984, pp. 5-28.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. 3 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Os sentidos do ambiental: a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: Enrique Leff. (Org.). **A complexidade ambiental**. 1 ed. São Paulo(SP), Blumenau(SC): Cortez e EDIFURB, 2003.

CHAMARELLI FILHO, Milton. **Fotografia, percepção e subjetividade**. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br> Acesso em: 1 junho de 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____ **Experiência do pensamento**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

DAVIDOFF, Linda. **Introdução à Psicologia**. São paulo: Mc Graw-Hill, 1983.

DEL RIO, Vicente. Cidade da mente, cidade real – Percepção ambiental e revitalização da área portuária do RJ. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, São Carlos: Editora da UFSCar, p: 03-20. 1996. Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

DASHEFSKY, Steven. **Dicionário de educação ambiental**: um guia de A a Z. 2.ed. São Paulo: Gaia, 2001.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCar, 1996.

DENCKER, Ada Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1999.

DIAS, C. **Pesquisa qualitativa**: características gerais e referências. 2000. Disponível em: <<http://www.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf>>. Acesso em: 16 de junho de 2010.

DIEGUES, Antônio Carlos Souza(Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Editora Hucitec/NUPAUB/USP, 1996.

_____ **Mito moderno da natureza intocada**. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

EHLERS, Eduardo. Agricultura Orgânica: Princípios e Práticas. IN: **Revista Agroecologia Hoje**. p 11. Agosto-setembro, 2001.

ENGEL, James F.; BLACKWELL, Roger D.; MINIARD, Paul W. Consumer behavior. 8th . ed. New York: Dryden Press, 1995. **Ensino de antropologia**. Textos didáticos. IFCH/Unicamp, n. 12, 1994, 24p.

FERNANDES, Roosevelt; SOUZA, Valdir José; PELISSARI, Vinicius Braga; FERNANDES, Sabrina. **Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental**. In: II Encontro da ANPPAS, 2004, Campinas, São Paulo. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/roosevelt_fernandes.pdf. Acesso jan/2010.

FERRARA Lucrécia D'Alessio. **Olhar Periférico: informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Edusp, 1993.

FERREIRA, Eudson de Castro; FERNÁNDEZ, Antonio João Castilon; SILVA, Evande Praxedes da. **A reconstrução dos assentamentos rurais em Mato Grosso - motivações, origens e trajetória dos assentados/organização social e sistemas produtivos**. In:

MEDEIROS, LEONILDE Servalo de e LEITE, Sérgio (org). A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticos. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade/UFRS/CPDA, 1999.

FINO, Carlos. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. Portugal: Universidade da Madeira, 2010. Disponível em www.uma.pt/carlosfino/publicações/22.pdf. Acesso em: 07 janeiro de 2010.

FIORI, Andréia. **A percepção ambiental como instrumento de programas de educação ambiental da Estação Ecológica de Jataí (Luiz Antônio, SP)**. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007.

FLORES, Maura Della Flora. **Objetos de identidade cultural gaúcha: uma leitura através de design do projeto**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura, 2010.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 12ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 35 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GUDYNAS, Eduardo; EVIA, Gracie Ia. **La Praxis por la vida: introducion a las metodologias de lá ecologia social**. Monte vide o/Uruguay: CIPFE; CLAES; NORDAN, 1991.

GUERRA, Roberto Zanatta. **Educação Agroecológica no Instituto Educar**. Universidad Del Norte. Paraguai, 2008.

GUERREIRO, O. et al. Definição de uma metodologia para modelagem de agentes inteligentes difusos a partir da técnica de mapas mentais: Um estudo de caso baseado na percepção e comportamento de usuários da praia Brava, SC – Brasil. Rio Claro/SP: **Olam – Ciência e Tecnologia**, 2005.

GUIDUGLI, Odeibler Santo. **O amor e o ódio que sentimos pelas nossas cidades**. Diário do Rio Claro: Rio Claro, p. 09 - 09, 10 mar. 1985.

GUIMARÃES, Mauro. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S.de (orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

HAM, Sam H. (1992). **Interpretacin Ambiental: Una Gua Practica para Gente con Grandes Ideas y Presupuestos Pequenos**. Golden, Colorado, USA: Fulcrum/North American Press.

HEERDT, Mauri L. **Pensando para viver – Alguns caminhos da filosofia**. Florianópolis: Editoria Sophos, 2000.

HOEFFEL, João Luiz; SORRENTINO, Marcos; MACHADO, Micheli K. **Concepções sobre a natureza e sustentabilidade: um estudo sobre percepção ambiental na bacia hidrográfica do Rio Atibainha – Nazaré Paulista/SP**. Disponível em:

http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/luis_hoffel.pdf. Acesso em: 22 de março de 2010.

IANNI, Octávio. **Língua e sociedade**. In: André Valente (organizador). Aulas de Português. Petrópolis: Vozes, 1999

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

KAPLÚN, Mario. **El Comunicador Popular**. Buenos Aires: Humanitas, 1986.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. Ed. Pedagógica e Universitária Ltda, São Paulo, 1986.

MARIN, Andréia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**. São Carlos; Sorocaba-SP: UFSCAR; Rio-Claro-SP: UNESP/IBRC; Ribeirão Preto-SP: USP/FFCLRP, v.3, n.1, p.203-222, jan/jun. 2008.

MARIN, Andréia Aparecida; OLIVEIRA, Haidée; COMAR, Vito. **A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção**. Interciência. Vol. 28, nº 10. out. 2003.

MAROTI, Paulo Sérgio; SANTOS, José Eduardo. **A Percepção Ambiental de Antigos Trabalhadores da Fazenda Jatahy (Região de Ribeirão Preto – Atual Estação Ecológica de Jataí): Mudanças Topofílicas ao longo do tempo provocadas por diferentes Ciclos Econômicos**. OLAM - Ciência & Tecnologia Rio Claro/SP, Brasil Vol. 4 No 1 Pag. 182 Abril / 2004.

MARQUES, Marta Inês M. **Modernização da agricultura, saber camponês e assentamentos de reforma agrária**. Revista Agora. Editora UNISC. Volume 4. Número 4, 1999.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Sérgio. **Fenologia e Gramática**. 2009. Tese de Doutorado. Vrije Universiteit Amsterdam.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª Ed. (Moura, C.A.R., Trad.). São Paulo: Martins Fontes, (Texto original publicado em 1945) 1990.

_____ **A estrutura do comportamento** (Aguiar, M.V.M., Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1942), 2006.

MIGLIARI JUNIOR, Arthur. **Crimes Ambientais**. São Paulo: Lex Editora, 2001.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 27.

NEUMAN, Pedro Selvino; FERREIRA Paulinho E. R.; SCARIOT Adriano. **Trajetória da apropriação do espaço agrário e estratégias de sustentabilidade na cooperativa de produção agropecuária cascata (cooptar)**
<http://www.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/43.pdf> - Acesso em: 01 setembro de 2009.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades**. Cadernos de Pesquisas em Administração, São Paulo, V 01, n. 03, 1996.

NIEMEYER, Ana Maria de. **Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisas de ensino de antropologia**. Textos Didáticos (Campinas-IFCH/UNICAMP, n.12, janeiro de 1994.

OLIVEIRA, Eliana. **Cidadania e educação ambiental: uma proposta de educação no processo de gestão ambiental**. Brasília: IBAMA, 2002.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

PROGRAMA DE REFORMA AGRÁRIA. São Paulo: **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST**, n. 23, jul, 1995. (Cadernos de Formação).

QUINTAS, José Silva; GUALDA, Maria José. **A formação do educador para atuar no processo de gestão ambiental**. Brasília: Ibama, 1995.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Representação Social de Meio Ambiente**. 1991, 1995. Disponível em:
 <http://www.cehcom.univali.br/educado/tipos_repres_amb.ppt>. Acesso em: 18 jan, 2010.

RIBEIRO, Paulo Rogério de Almeida; ALMEIDA NETO, Aerolino; OLIVEIRA, Alexandre César Muniz de. **Feedback-Error-Learning in pelletizing plant control**. ENIA - 7th Brazilian Meeting on Artificial Intelligence, 2009.

SALEMI Luiz Felipe. Lixiviação. Disponível em
<http://www.webartigos.com/articles/17399/1/Lixiviacao/pagina1.html#ixzz1BFh22Qth>. 2009.
 Acesso em: 23 de dezembro de 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SATO, Michele. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.

SAUVÉ, Lucie. Environmental Education and Sustainable Development: A Further Appraisal. **Canadian Journal of Environmental Education**, v. 1, p. 7-54, 1996.

_____. **A formação continuada de professores em Educação Ambiental: a proposta do EDAMAZ**. In Sato, Michele e Santos, J.E. (orgs) A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora. São Carlos, RIMA.2000.

SCHMITT, Jair; MATHEUS, Carlos Eduardo. **Considerações sobre o estudo da percepção ambiental**. Rio Claro/SP: Olam –Ciência e Tecnologia, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SEWELL JUNIOR, William H. “**How Classes are Made: Critical Reflections on E. P. Thompson’s Theory of Working-class Formation**”, in KAYE, H.J. & McCLELLAND, K. (eds.) *E. P. Thompson: Critical Perspectives*. Cambridge, Polity Press, 1990.

SILVA, José Afonso da. **Curso de direito ambiental constitucional**. 3 ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

SOULÉ, Michael E. **Mente na biosfera; mente da biosfera**. IN: WILSON, E. O. Biodiversidade. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1997.

STERNBERG, Robert J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João. **Conflitos Agrários no Norte Gaúcho**. 1960-1980. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

TYLOR; Edward Burnett. **Primitive Culture**. 2 vols. 7th ed. New York: Brentano's, 1964 [orig. 1871].

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Fundamentos teóricos para uma pedagogia crítica da Educação Ambiental**: algumas contribuições. In: 30ª Reunião anual da ANPEd, 2007, Caxambu. Anais da 30ª Reunião anual da ANPEd, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

UNESCO/IBAMA/SEMA-SP. **Educação para um Futuro Sustentável – Uma Visão Transdisciplinar para uma Ação Compartilhada**. Brasília: Edições IBAMA, 1999.

XAVIER, Herbe. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO QUE SERÁ ASSINADO PELOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Eu, _____, declaro que estou de acordo em participar da pesquisa O MEIO AMBIENTE NA PERCEPÇÃO DOS ASSENTADOS PELO MST/INCRA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ASSENTAMENTOS DA ANTIGA FAZENDA ANNONI – PONTÃO/RS, desenvolvida sob a responsabilidade do pesquisador Prof. Drº. Renato de Oliveira e Fábio Roberto Krzysczak do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS. Declaro que fui satisfatoriamente esclarecido que: a) esta pesquisa busca estudar as Percepções Ambientais dos agricultores assentados da Fazenda Annoni de Pontão/RS, enfocando questões sobre o Meio Ambiente e examinando quais são as práticas que os mesmos adotam para o manejo e a conservação do meio. b) o estudo será realizado a partir de entrevistas individuais gravadas em gravador de áudio digital, com o intuito de concretizar os objetivos da pesquisa; c) que a pesquisa não oferece nenhum risco e que as informações fornecidas por meio da entrevista poderão ser utilizadas para subsidiar a elaboração de projetos de Educação Ambiental bem como para a divulgação em revistas científicas; d) que serei informado de todos os resultados obtidos e que posso consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou por telefone, para esclarecimento de qualquer dúvida; e) que posso retirar o meu consentimento em participar da pesquisa, se assim o desejar; f) que a equipe da pesquisa manterá em sigilo a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa; g) que não terei quaisquer benefícios ou direitos financeiros em função de minha participação na pesquisa.

Assim, estou de acordo em participar do projeto de pesquisa em questão

_____, _____ de _____ de 200____.

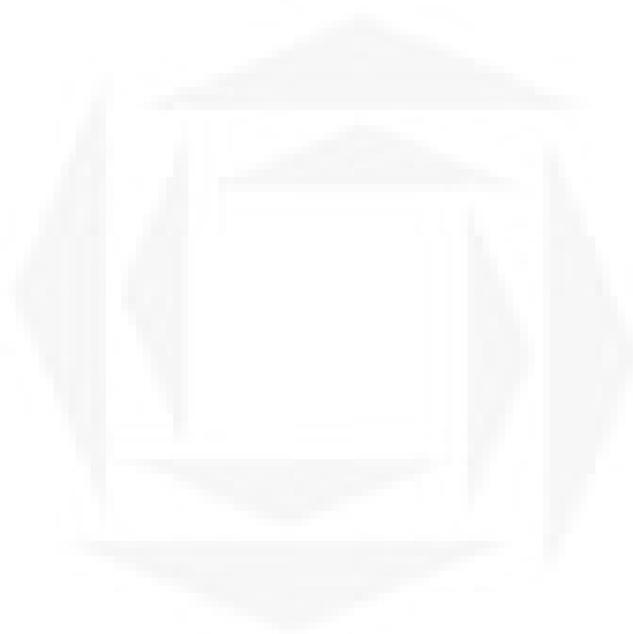
Sujeito Participante da Pesquisa

Pesquisador

OBS: Este termo apresenta duas vias, uma destinada ao usuário ou seu representante legal e a outra ao pesquisador.

Profº. Drº. Renato de Oliveira
Centro Universitário Univates
UNIVATES. Rua Avelino Tallini, 171 - Bairro Universitário – CEP 95900-000 –
Lajeado//RS/Brasil – Telefone: 51 3714 7000.

Fábio Roberto Krzysczak
Comitê de Ética em Pesquisa – UNIVATES
Telefone: (51) 3714-7000 Ramal 5339



UNIVATES

APÊNDICE II

MODELO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA APLICADO AOS ASSENTADOS DA ANTIGA FAZENDA ANNONI

1 DADOS DO ASSENTADO

Nome:

Idade:

Sexo:

Origem étnica:

Escolaridade:

Religião:

Localidade de origem:

Assentado em (data):

Participou da ocupação da Fazenda Annoni:

Atividade que desenvolvia antes de ser assentado:

2 DADOS SOBRE A PROPRIEDADE

- a) Quantidade de gleba que foi beneficiado:
- b) Recebeu mais algum benefício quando foi assentado (além das terras):
- c) Ocupa a mesma gleba que recebeu quando foi assentado:
- d) Considera as suas terras como boas para a produção agrícola:

3 DADOS SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA PROPRIEDADE

- a) Qual é a principal atividade econômica que desenvolvem (agricultura/pecuária/suinocultura, etc.) na propriedade?
- b) Espécies de plantas que cultivam? Plantam espécies exóticas?
- c) Que tipo de sementes plantam: crioulas, tradicionais ou transgênicas?
- d) Possui jardim, quintal, plantas de ornamentação?
- e) Que tipo de tecnologia utilizam (equipamentos agrícolas/plantio direto)?
- f) Quais tipos de defensivos agrícolas e fertilizantes utilizam (químicos, orgânicos)?
- g) Criam animais: Alimentação? Para trabalho? Estimação (pet)?

4 DADOS SOBRE A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

- a) Quando pensa na palavra meio ambiente qual a primeira imagem que vem na sua mente?

- b) O que é meio ambiente para você?
- c) Que elementos compõem o meio ambiente?
- d) Qual é a relação que você possui com a sua propriedade? O que você aprecia/gosta nela? O que não aprecia/não gosta? (Relação homem/natureza)
- e) O que o senhor acha das árvores, da mata nativa, da água, das plantas daninhas, dos pássaros? (Importância do meio ambiente)
- f) Como você vê hoje a situação da terra, das águas, das árvores... (meio ambiente/natureza)?
- g) Em sua opinião, as árvores, os animais silvestres, o solo, a água precisam ser protegidos/preservados?
- h) No seu ver, de quem é a responsabilidade de cuidar/zelar das árvores, dos animais silvestres, do solo, da água (meio ambiente)?
- i) Você possui interesse em preservar/proteger os rios, matas, animais.. (meio ambiente)?
- j) Você já fez alguma coisa para preservar/proteger o meio ambiente? O que foi feito?
- k) Já participou ou participa de alguma ação com os assentados que fosse ligada ao meio ambiente?
- l) Já participou de alguma atividade no Instituto Educar? Qual?
- m) A vida aqui nos assentamentos é boa com a natureza/meio ambiente? (Do ponto de vista ambiental como vê a qualidade de vida nos assentamentos?)
- n) No teu dia-a-dia, você já identificou alguma ação que possa fazer ou sugerir que seja feita de modo a contribuir de forma positiva para o meio ambiente?
- o) No teu dia-a-dia você acha que prejudica, agride, polui, causa algum dano as matas, a água, ao ar? (Dano ambiental).
- p) Você saberia definir o que é impacto ambiental?
- q) As suas atividades agrícolas como a lavoura, suinocultura podem agredir/prejudicar as águas, o solo, as matas? (Impactos ambientais).
- r) Você se considera incomodado com algum aspecto relacionado ao meio ambiente, como ruído, desmatamento, poluição, contaminação das águas, entre outros?
- s) Você acha que pode produzir, plantar ou criar sem agredir ou prejudicar o meio ambiente?

t) Na tua casa o tema ambiental é discutido/ falado (abordado) com a família? Com que frequência?

u) O que você acha das áreas de preservação ambiental como reserva legal? De mata, capoeira vegetação ao redor dos rios e lagos (mata ciliar)? E de ter vegetação nos topos dos morros (preservação permanente)?

v) Essas áreas de preservação ambiental interferem, auxiliam ou prejudicam a sua produção e seu sustento (sustentabilidade)?

x) Sabe para que serve o licenciamento ambiental? Possui alguma atividade licenciada?

y) Qual é o lugar (ambiente) ideal para viver?

z) Você gostaria de sair daqui para morar em outro lugar? Possui outros sonhos?